

Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 066

Terça-feira, 20 de Maio de 1986

Preço 40\$00

RENDAS DE CASA

Um milhão de famílias à espera do Parlamento

A Assembleia da República vota esta tarde a ratificação de uma portaria, requerida pelo Partido Comunista, de cuja aprovação depende a entrada em vigor, prevista para 1 de Julho, da Lei das Rendas parturida em Setembro passado pelo Governo do Bloco Central (PS/PSD). Se a portaria passar mais de um milhão de famílias portuguesas vai ver as suas rendas de casa aumentadas em Julho em quantitativos que, na média, significam a passagem para quase o dobro dos valores actuais. Segundo informações recolhidas pelo «DL», esta manhã, junto dos grupos parlamentares, o voto do PRD e do PS, que condiciona a apro-

vação (sabe-se que CDS e PSD votarão favoravelmente, o PCP e o MDP contra) dependerá dos esclarecimentos que o Secretário de Estado da Habitação prestou à Comissão de Equipamento Social e Ambiente em reunião que decorria ao fim da manhã. No entanto, há a convicção de que o PRD vai mesmo deixar passar a portaria. O PS reuniu, também, o secretariado do seu grupo parlamentar para definir o sentido do voto tendo-nos sido garantido que «a actual portaria é demasiado restritiva na definição dos que podem pagar os aumentos das rendas».

Pág. 12



Roland Joffe, o triunfo

Cannes elegeu os seus melhores

Palma de Ouro para 'The Mission'

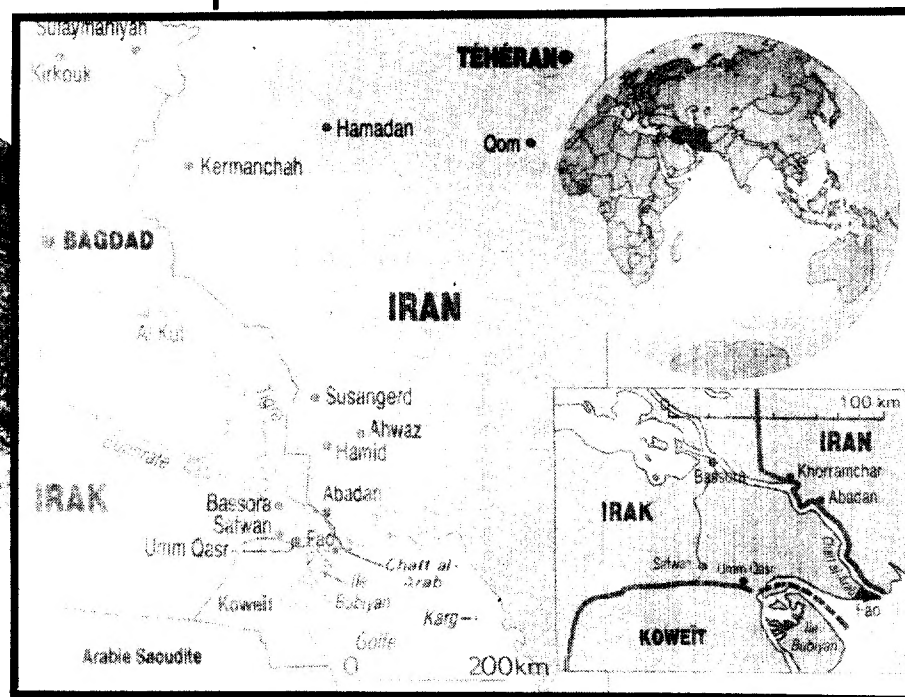
Pág. 24



TURISTAS

Prendas para os que restam

Há, este ano, muito menos hipóteses de um americano em viagem por lusas aventuras ter sido contemplado com alguma das lembranças que os nossos responsáveis mandaram distribuir, na Rua Garrett, em Lisboa, para assinalar o (nosso) dia do turista. Acontece que de um modo geral baixou o número dos que nos preferiram como destino, em Abril do ano corrente, e tomando como comparação o mesmo mês do ano passado. Mas, no que aos norte-americanos respeita, a quebra foi particularmente notória, qualquer coisa como menos 48,9 por cento, relativamente ao mesmo período. Consequências, claro, do conflito com os líbios e do receio de ataques terroristas. Curiosamente, os ingleses não se atemorizaram e até vieram em maior número. Pág. 11



Iraque, guerra e paz — 2

No inferno de Fao

Texto e fotos de CARLOS GIL

Comodamente instalados nos sofás de couro do espectacular «lobby» oriental do Sheraton de Bagdade, dois portugueses, um coronel e um civil, acabam de chegar. Observos, sem me conhecerem. Muito perto deles, outro homem, de bigode farto e de nacionalidade francesa, procura desesperadamente fazer passar o tempo.

Especialista em mísseis, o francês desloca-se todos os dias pela manhã muito cedo a Bassora (a 600 quilómetros), para assessorar os militares iraquianos no manejo da terrível e eficaz arma. Mas ao regressar, pela tarde, é o tédio absoluto. Sem se conhecerem, todos têm algo em comum, negócio das armas.

Na manhã seguinte, dia do aniversário do presidente Saddam Hussein, que se comemorava com grandes manifestações e festas por todo o Iraque, a 31.ª divisão Achura (alusiva à grande festa xiita que comemora a morte do mártir Hussein) do Exército do Irão, situada em Fao desde a invasão de 9 de Fevereiro passado, atacava a brigada 48 do Exército iraquiano, como que dizendo «esta é a nossa prenda de anos...»

Em Teerão, as notícias divulgadas fazem-se eco da «grande derrota da brigada 48 e da morte do seu comandante coronel Jamil Chaalon». Dois dias depois, mais calma a situação militar e já controlados os fanáticos guardas da revolução (*pasdaran*), os jornalistas presentes em Bagdade são convidados pelo comando militar do 7.º corpo do Exército a deslocar-se a Fao, para pode-

rem verificar a mentira... Foi por este «feliz» acaso que tive a oportunidade de me deslocar à zona mais importante e mais perigosa da guerra do Golfo.

Em Bassora, velho porto no Chatt al-Arab, porta de saída para o Golfo, outrora uma das rotas preferidas dos portugueses no caminho marítimo para a Índia, os militares iraquianos instalaram os jornalistas num luxuoso hotel do Golfo. Com uma recomendação especial, não se afastarem do local por a todo o momento se esperarem os responsáveis militares para os levarem a ver a guerra!

«Prisioneiros» voluntários, restava-nos aproveitar as comodidades reais deste paraíso artificial implantado a dois passos dos combates mais mortíferos que se conhecem depois da 2.ª Guerra Mundial. Não é imaginação afirmar que ali, dentro das quatro paredes do magnífico hotel, era como estar em Miami, Acapulco ou na Riviera francesa...

No espectacular salão Semiramis, uma espécie de pátio interior com elegante lançamento árabe, os milionários do Kuwait passeavam em silêncio as suas belas «djalahas» brancas, ou bebiam uma *cola* gelada, enquanto no centro do cenário um velho iraquiano dedilhava um antigo alaúde acompanhando belas canções da sua autoria, dolentes como o nosso fado antigo de que se lhe reconhecem semelhanças. Canções e melodias que «falam da beleza da mulher, da beleza da noite, que falam de flores e do seu agradável odor».

O nosso velho jogral com quem falo apoiado por uma jornalista tunisina, diz que não

sabe a idade e que vem para aqui todas as tardes para ajudar a suavizar a guerra... É ele que compõe, é ele que canta; «... por favor não cortem as flores que elas são para serem admiradas, e quem as corta deveria ir para a prisão». As primeiras imagens, tranquilas e românticas de uma guerra ali, a um tiro de canhão.

As noites quentes do Golfo convidam a jantar à roda da piscina beneficiando da brisa fresca do Chatt al-Arab, com direito a orquestra e grupo de baile espanhol. O grupo «Al Andaluz», recheado de atraentes mulheres de Málaga, não foi muito bem-vindo para a claque dos jornalistas latinos... e alguns gracejaram chamando-lhe grupo filipino «ao estilo Marcos»! Tudo era permitido para desfazer a tensão de uma noite que nos trazia, de pouca distância, o som dos combates.

Noutro salão do hotel, o restaurante Sindbad oferecia uma refeição mais calma e íntima. À porta, dois cartazes. Um exibe um tapete voador carregado de iguarias de sonho, outro proclama: «O Sheraton oferece-lhe um mundo excitante».

A visão aligeirada que tive desse cenário de mil e uma noites foi radicalmente diferente quando, no dia seguinte, visitei o campo de batalha. Há dois anos, neste mesmo lugar, senti idêntico choque.

Em Fevereiro deste ano, cinco divisões iranianas (40 mil homens) na sua grande maioria guardas da revolução, atacam de surpresa a sul e ocupam a quase ilha de Fao a pouco mais de meia centena de

quilómetros de Bassora. A operação «Aurora 8» conseguiu pela primeira vez depois do início da guerra, em 1980, levar os «pasdaran» de Khomeini a atravessar o Chatt al-Arab.

«Fao será o cemitério dos iranianos», prometeu o presidente iraquiano Saddam Hussein alguns dias depois. A longa batalha de Fao, nesta guerra sem fim, somou mais alguns milhares de mortos aos anteriores combates de korramchar, Howeiza, Majnoon... e, afinal, dizem-me os iraquianos, Fao perdeu a sua importância estratégica depois de 1981. A cidade ficou deserta dos seus habitantes e o terminal petrolífero por onde passavam 75 por cento do petróleo do Iraque já tinha, há muito, sido destruído.

Então por que tem tão grande importância este pequeno pedaço de deserto que custou já aos dois exércitos milhares de mortos? Para os religiosos do Irão que conduzem a guerra «em nome de Deus...», Fao será o primeiro caminho aberto para resgatar as cidades santas de Karbala e Najev, lugares maiores do culto xiita. Para alguns observadores estrangeiros o ataque iraniano pretendia, «mascarar um ataque de grande envergadura mais a norte. Os iranianos esperavam que os iraquianos caíssem na armadilha e assim poderiam atacar a segunda cidade, Bassora, e cortar a estrada para Bagdade».

Frente a frente, os dois exércitos estão parados num terreno digno das batalhas de 14/18, separados pelos lagos salgados de Mamlaha. Esprei-

to-os através de um potente binóculo militar, rodeado de sacos de areia e terra batida, quase em fogo. O comandante do 7.º corpo de exército, general Mahar Abdul Rachid, que não larga o seu bastão de madeira preciosa, diz-nos: «avancamos hoje cem ou duzentos metros, amanhã serão eles». Por todo o lado, os obuses iranianos começam a «estalar», como que querendo avisar os jornalistas de que estão ali bem perto. Afinal a brigada 48 existia e o seu comandante Janil estava ali, de barba crescida e olhos ensonados.

«A batalha de Fao é a mais importante de toda a guerra», salientava-nos o comandante para logo friamente acrescentar: «O inimigo concentrou nesta zona todas as suas melhores forças, o que nos permite atacar outras áreas a norte (Kurdistão) e centro. Em Fao, os iranianos atacaram com os guardas revolucionários e tropas profissionais que têm dado apoio na retaguarda mas logo retiraram para lá do Chatt al-Arab. É melhor para nós matar os guardas revolucionários do que os militares iranianos profissionais porque estes não são culpados desta guerra...»

Mas para os estrategos militares iraquianos, Fao é um símbolo e estão convencidos que o exército do Irão se encontra numa armadilha consentida pelos iraquianos. Parece que a história da primeira Qadissiya se repete presentemente no solo iraquiano. Recorde-se que os árabes na famosa batalha da Qadissiya no ano de 636 d.C. forçaram os Persas a atravessar o rio Eufrates e infligiram-lhes uma

pesada derrota, «antes de os lançar ao rio ou de os perseguir no deserto para os destruir totalmente. É uma estratégia que permanece em vigor e na qual se inspira o nosso comandante militar o presidente Saddam». Fao será o cemitério dos iranianos?

Fao poderá ser reconquistada. O Iraque tem meios militares suficientes para o fazer só que que isso iria custar muitas vidas, mais do que em qualquer outra batalha. Mas dados novos parecem ter surgido nesta guerra. Há uma nova fase na guerra do Golfo que resulta de um maior apoio em armas pelos soviéticos aos iraquianos e outro factor importante e inédito, ao que parece: os soviéticos começaram há cerca de dois meses a fornecer ao exército do Iraque fotografias tiradas por satélite que assinalam pontos estratégicos do Irão e que têm servido para a aviação iraquiana atacar alvos que antes desconhecia.

Há dois anos, o decidido e bravo general Abdul Rachid afirmava aos jornalistas que todos os meios eram bons para destruir os «insectos nocivos», sem revelar com que meios. Desta vez, foi bem claro ao ser-lhe perguntado sobre a utilização de armas químicas pelo Iraque. O general disse que era mentira que estivessem a utilizar gás de combate, mas também acrescentou: «Se possuíssemos as armas químicas, não teria dúvidas em utilizá-las contra os nossos inimigos. E se os norte-americanos invadissem o Iraque também as utilizaríamos contra eles...»

Sondagens e previsões

RECOMEÇOU a ofensiva das «sondagens». Por elas fomos informados da quota de popularidade dos homens políticos, da previsão das preferências do eleitorado, da possível decisão dos indecisos. Por elas ficámos informados que, como convém em vésperas do Congresso do PSD, é maior a popularidade pessoal do Primeiro-Ministro do que a colectiva do Governo. Na flutuante interpretação dos resultados, regista-se, todavia, uma constante. Se não está definida a decisão dos indecisos, está definida a quota de popularidade do PSD: 35 por cento. Pode, portanto, Cavaco Silva apostar, como orientação estratégica ou como forma táctica de pressão, na disponibilidade para se submeter ao julgamento do eleitorado.

A perspectiva de um reforço da representação parlamentar do PSD não leva à conclusão, essa, sim, confortável, de que submetido ao julgamento do eleitorado. O PSD de maior partido (quanto à votação alcançada, quanto à representação parlamentar conseguida), ascendesse a partido maioritário. E, por conseguinte, se considerar inaceitáveis os condicionalismos do «Governo minoritário», Cavaco Silva terá que considerar o «problema das alianças», que, como é sabido, é para os partidos políticos um teste crucial.

O desgaste político (e moral) da política do «Bloco Central» foi fatídico e fatal para o Partido Socialista. Para o Partido Social-Democrata — e ao Congresso concorrem moções tendentes a sublinhar o seu carácter social-democrata — seria inconveniente a «aliança» exclusiva, ou ainda pior, irremediável, com o CDS, liderado pelo antigo ministro de Oliveira Salazar, Adriano Moreira. Por isso, e a despeito do próprio PRD, partindo de uma suposta simpatia de Ramalho Eanes pelas «qualidades» de Cavaco Silva, há quem admita uma eventual «aliança» entre o PRD (à espera de Eanes) e o PSD (na hora de Cavaco Silva). São contas que concretizam desejos. Muitos sacrificam a análise objectiva, a previsão prudente, ao

incontido desejo de ver o PS reduzido a terceiro partido e a um incontrolado anticomunismo que contra as «sondagens» (repetidas) e a «experiência» (confirmada) equaciona um quadro político com um PCP diminuído e uma APU fraccionada.

O Partido Social-Democrata vai ao Congresso sem problemas de direcção, mas com problemas de governação.

Um comentador sagaz, Marcelo Rebelo de Sousa, caracterizou, como se transcreve, a mini-remodelação ministerial: "...o Governo evitaria remodelações muito amplas já. Preferia reajustamentos pontuais. Para muitos, no estilo deste doce retoque de secretários de Estado. / Ora para premiar, como sucedeu ao dr. Tavares Moreira, um sucedido minibancheiro privado que acede a maxibancheiro público. / Ora para remendar politicamente, como aconteceu com a nomeação de um gestor para o desgovernado Ministério da Defesa Nacional... / Ora, para proteger pessoalmente, como sucedeu com a escolha de um anteparo governativo para a ministra da Saúde, objecto de desgastante ataque político".

Credite-se a favor do Primeiro-Ministro o ter entendido, no que ao Ministério da Defesa Nacional respeita, a «mensagem de muitos lados sobre o que lá se passava» (Marcelo *dixit*), mas não se esqueça que outros ministérios, na pessoa e acção dos seus ministros, se banalizaram na lenta e burocrática gestão corrente, ou se apagaram.

Dessa banalização e deste apagamento tirará Cavaco Silva, Primeiro-Ministro no arraial social-democrata incontestado, vantagens nos dois planos em que é actuante: o de líder partidário e o de Primeiro-Ministro? Sem esperar de Sua Excelência resposta, deixamos a interrogação à reflexão dos leitores. Com efeito, a «imagem» do Primeiro-Ministro avulta e sobrepõe-se ao cinzento elenco a que preside, são citadas excepções positivas e negativas. Desiludiram alguns ministros. Caíram na rotina outros. Convergiram as críticas sobre Leonardo Ribeiro de Almeida, e, às críticas, nomeando-lhe um assessor «competente», parece ter aderido o próprio Cavaco Silva.

O Governo da «competência» vai declinando num cenário de tragédia administrativa: não o deixam governar os deputados, não lhe facilitam a actividade os burocratas. A função governativa beneficia

das circunstâncias objectivas, todavia é entravada pelas condições subjectivas. É preciso reformar o Estado, proclamam gregos e troianos. Mas essa reforma deverá resultar de um consenso, não pode concretizar uma operação de guerra civil. A «modernização» não pode ser uma máscara da «restauração».

Cavaco Silva privilegia — se acaso nos não enganamos — a gestão corrente relativamente ao reformismo institucional. Da sua educação britânica afeiçãoou-se aos critérios de intervenção pragmática. Mas não exageremos esse seu pragmatismo, o líder está confrontado com a ideologia. Forte corrente, na qual se incluem os sociais-democratas das Regiões Autónomas, acentuam a referência à social-democracia. Contra o PS, sem dúvida; mas, também, contra o «freitismo».

Crítico e adversário da «institucionalização do freitismo», Alberto João Jardim, falando por si e por João Bosco da Mota Amaral, afirma: "Seria trágico que este Partido Social-Democrata, o mais nacional de todos sob o ponto de vista cultural e sociológico, porque interclassista e síntese entre a Tradição e a Reforma, abandonasse os caminhos de uma Social-Democracia moderna, deixasse de ser o Centro político, para se assumir como a Direita que alguns 'notáveis' já assumem em público. Constituiria um rude golpe no equilíbrio e na moderação de que o regime democrático necessita; inviabilizaria cada vez mais a mudança do sistema político-constitucional de que Portugal urgentemente carece; desencadearia novas convulsões internas graves no PSD."

No texto de Alberto João Jardim que temos presente ("O Tempo", 16/5/1986), de passo admite-se que poderá criar-se, ou repetir-se, uma situação em que "muita gente" terá que "começar a pensar em encontrar outra fórmula partidária". Com os problemas do trânsito de "partido popular democrático" (o PPD da fundação e dos fundadores) a "partido social-democrata", novamente postos pelo envolvimento "freitista", se a vitória de Cavaco Silva é de prever, é, igualmente, previsível um afastamento relativo e episódico (ou absoluto e definitivo) da "Fundação Portugal Século XXI". As sondagens favoráveis a Cavaco Silva (pessoalmente) e ao PSD desenharam uma perspectiva que não é favorável aos projectos presidenciais de Diogo Freitas do Amaral.

Um probleminha dos diabos

Lia Viegas

Invade-nos agora a privacidade doméstica — onde as mulheres têm o seu lugar privilegiado, segundo uns, e o seu reino, segundo outros — essa endiabrada video — história de um marido em crise porque a mulher é promovida no emprego e passa a chefe. Dela, inclusive! Uma destas só lembra ao diabo, quer dizer, aos pobres diabos que há em cada um de nós. Pois claro. As telenovelas têm sempre qualquer coisa incrível de ver, mas muito acreditada no fundo, qualquer coisa de extraordinário e banal ao mesmo tempo. Daí o conflito íntimo que nos prega aos assuntos nas horas de ponta do descanso anoteicido.

Será que aquele cara (o marido) precisa se preocupar? Tem uma esposa dedicada, que o ama e até persegue qualquer estranho não identificado. Isto embora seja uma óptima profissional. Você sabe, não há bela sem senão. Mas, por outro lado, quem é (qual é aquele) que aguenta, me diga por favor. A mulher a subir, a

subir, a subir na vida, como se diz, e ele, o marido, nadinha. É duro, é duro de roer, é mesmo insuportável. Isso não se faz a um marido. Daí ter aparecido, providencialmente, o diabo. Só o diabo pode facilitar uma ascensão daquelas. Pode mesmo dizer-se que, se não existisse, era preciso inventá-lo.

Então a gente não sabe que em todo o globo — mesmo e em especial no nosso mundo civilizado ocidental — raras mulheres são promovidas profissionalmente, segundo o seu mérito, a lugares de chefia? Até podemos citar alguns casos como excepção. No nosso país são percentagem que se conta pelos dedos de uma mão. Quanto ao Brasil, topa-se que as personagens femininas das telenovelas, são apresentadas como se movendo bem à vontade nas relações amorosas, sociais ou familiares, guiadas preferencialmente pelos seus impulsos emocionais ou afectivos ou por premeditações maléficas. Num

ambiente mental destes, uma mulher que quer fazer carreira é considerada ambiciosa e só pode contar com a ajuda do diabo. Para mais sendo esposa e mãe.

Embora ambiciosa, esta atraente profissional é mulher. E mulher dificilmente pode subir sem ajuda de macho. Isto diz a vizinhança da dotada engenheira, a espia-la através da têvé. Tem problema, tem um probleminha com certeza um caso assim. Grave. Até o irmão dele diz que há homem por perto. Já não é de seguir a regra dos policiais franceses: «Cherchez la femme!» Agora é preciso procurar e descobrir o homem. Mas como, se o tal das barbigas de homem só tem a aparência. O marido vai sofrer, ela vai sofrer também. Um arrojo assim se paga, pior que uma ofensa aos bons costumes. E não será? Todo mundo vai sofrer, pregado ao assento. Você vai ver a endiabrada se esfaltar, se estafar, lutando no seu posto de chefe. Será que vai perder o marido, o filho também, quem sabe, será que vai cair em depressão? Que o diabo não é

bom conselheiro, não. O diabo é ruim, mais vale ela lhe mostra a cruz e a carregar. Isso será talvez no fim, sofrer faz bem para salvar a moral.

Deve haver também um bom final para o marido. Ele é um homem superior, quase consegue superar o conflito por amor. Não vá o diabo tecê-lo ainda mais. Afinal o Osmar foi se casar e encontrou uma rival. Se fosse Osmar, lá para algumas bandas do Médio Oriente, a mulher seria pura e simplesmente considerada uma perturbadora, uma provocadora sexual no ambiente de trabalho. Assim, numa sociedade de modelo industrial, a provocação que o homem sente é outra, é de competição. Nem sempre a concorrência é salutar. Afinal.

E quando isto acontece, o que é que vai acontecer? Bem, o homem e a mulher têm de escolher. Como se costuma agora dizer, não quero fazer futurologia. A novela está no início. E a procissão ainda vai no adro. Para se escolher é preciso ser-se livre de escolher. Não é mesmo?



As palavras em papel de seda

Maria Judite de Carvalho

Já escrevi não sei onde nem quando umas linhas sobre as palavras embrulhadas em papel de seda. São os suaves eufemismos do nosso dia a dia, que escondem as palavras cruéis que, quando nuas, nem protecção nem efeitos, são, podem ser, causadoras de vergonha, de remorso ou de simples acanhamento, e fazem portanto mal às nossas almas sensíveis. A doença-que-não perdoa, os economicamente débeis, os culturalmente desfavorecidos, a terceira idade, os lares, sei lá. Como poderíamos nós, tão bondosos, dizer cruamente o cancro, os pobres envergonhados e de pedir, os abandonados à sua ignorância, tão útil às vezes, tão útil, os velhos, as casas onde se entra para esperar a morte?

Mas há outras palavras que fazem parte dos noticiários do dia a dia e nos chegam de um país qualquer do cabo do mundo. São tão grandes que às vezes envolvem um povo, uma nação. E eis então as ocupações chamadas protecções, as armas de ameaça ditas de persuasão, os morticínios intitulados limpezas, os ataques a que se chamam intervenções, as invasões apresentadas como deslocações de efectivos, a espionagem dita reconhecimento. E por aí fora, é um nunca acabar.

A vida assim, tão lindamente embrulhada e com laços, até parece uma coisa onde só há gente óptima, disposta a ajudar o próximo e o menos próximo, a limpar a poeira do cenário, a proteger os irmãos em perigo, a persuadir disto e daquilo A e B, decerto com modos excelentes e não menos excelentes intenções. Que mais podemos querer?

Weinberger partiu "sem promessas"

Casa Branca não garante os dólares da utilização da Base das Lajes

O secretário de Estado da Defesa dos EUA, Caspar Weinberger, deixou ontem Lisboa, após breves encontros com Mário Soares e Cavaco Silva e escassos minutos de conversa com os jornalistas no aeroporto. Da conversa com os jornalistas resultou, para a opinião pública nacional, a informação de que a Administração Reagan não está em condições de garantir o cumprimento do acordo assinado há dois anos com o Governo português, relativo à cedência da Base das Lajes.

Weinberger culpou o Senado de Washington («mais interessado — disse — em reduzir o défice do que amumentar as verbas para a Defesa»), do não cumprimento pela Casa Branca dos seus compromissos com Portugal e referiu que estão a ser feitos esforços para persuadir o Congresso a rectificar posições.

«Não podemos fazer promessas», contrapôs, entretanto, o responsável do Pentágono, como que admitindo ser extremamente improvável que os EUA venham a pagar o devido pela utilização de território portu-
guês para fins militares. Re-
gistrou-se, a propósito, que Washington cortou já para o corrente ano fiscal 29 milhões de dólares da verba prevista para Portugal.

Estranhamente, nenhum responsável português da Defesa ou dos Negócios Estrangeiros (Ribeiro de Almeida e Pires de Miranda estiveram presentes no almoço de trabalho Cavaco Weinberger), comentou até ao momento a situação, denuñciada, em devido tempo, pela Comissão Parlamentar de Defesa que criticou «a diminuição das dádvas e dos créditos»

como «contrapartida das facilidades bilaterais concedidas» por Lisboa aos Estados Unidos.

Libia e Pretória

Weinberger informou ter abordado com os responsáveis portugueses a «assistência militar e económica» e questões relativas à cooperação internacional para combate ao terrorismo que — afirmou — «constitui uma das maiores ameaças para as nações civilizadas». Garantiu, no entanto que, a este respeito, não foram feitas propostas específicas a Portugal.

Weinberger disse ainda que as forças militares são necessárias para o combate ao terrorismo e acrescentou que nos contactos que manteve em Lisboa não foi abordada a possibilidade de Portugal vir a conceder novas facilidades aos Estados Unidos em território nacional.

Confirmou que os Estados Unidos não contactaram Portugal na altura do ataque à Libia e reafirmou que o seu país resolveu realizar esta «acção militar» por ter provas do envolvimento libio em «actos terroristas».

Disse ainda que falou com os responsáveis portugueses da questão da África do Sul, da cimeira de Tóquio e de cooperação internacional.

No entanto, no aeroporto, Weinberger declinou comentar os ataques lançados pela África do Sul contra três Estados negros vizinhos — Zimbabwe, Zâmbia e Botsuana. «Não faço qualquer comentário» — disse aos jornalistas antes de partir de Lisboa.

Ainda, no aeroporto, o dirigente dos EUA salientou a importância «para muitos países» da estação de rastreio de satélites, a construir em Almodôvar.

Convite a Soares

No encontro com o Chefe de Estado, Weinberger transmitiu o convite do presidente norte-americano, Ronald Reagan, a Mário Soares para visitar oficialmente os Estados Unidos.

Os acontecimentos na África do Sul, o terrorismo internacional, as relações Este-Oeste, a situação na América Central e do Sul e outras questões de política externa foram os temas abordados entre Mário Soares e Weinberger.

A visita do responsável do Pentágono, foi entretanto, contestada pela União Democrática Popular (UDP), que o considera «um dos principais responsáveis pela execução da política terrorista de Reagan».

Ângelo Correia: «vulnerabilidade»

O vice-presidente da Comissão Parlamentar de Defesa, Ângelo Correia, disse entretanto que a implantação de uma estação Geotf (Almodôvar) «aumentou a vulnerabilidade» de Portugal perante a União Soviética.

Ângelo Correia proferiu estas declarações à Anop a propósito do não pagamento por parte dos Estados Unidos de contrapartidas pelas renegociações da base das Lajes e da estação de rastreio de Almodôvar, admitindo que tal facto «traz mais riscos para Portugal».

O ex-ministro da Administração Interna referiu que as renegociações, em 1983, sobre o estacionamento norte-americano na base das Lajes «trouxeram algumas vulnerabilidades acrescidas para Portugal», acrescentando que a instalação da estação Geotf «aumentou a vulnerabilidade».



Quatro em S. Bento: Cavaco Silva, Leonardo Ribeiro de Almeida, Pires de Miranda e Caspar Weinberger

cam

Centro de Arte Moderna
Fundação Calouste Gulbenkian

III EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

REGULAMENTO

PREÂMBULO

A Fundação Calouste Gulbenkian foi criada com diversos fins de entre os quais destacamos o artístico. O seu interesse pelas artes plásticas tem sido bem demonstrado através das iniciativas que promoveu e apoiou e pela concessão, aos artistas de bolsas de estudo, subsídios de ateliês e de viagens. Poderemos mesmo afirmar que a Fundação Calouste Gulbenkian contribuiu para modificar o panorama da arte portuguesa dos nossos dias. E porque julgamos oportuno fazer um balanço desta actividade no ano em que se comemora o seu 30.º aniversário, propomos-nos realizar uma III Exposição de Artes Plásticas que será como que um repositório, ainda que em moldes diferentes, da de 57 e de 61. Para além da pintura, escultura, arquitectura/design, desenho e gravura serão incluídos objectos, instalações, fotografia e vídeo.

CONDIÇÕES GERAIS

- 1 — A III Exposição de Artes Plásticas terá lugar em Lisboa nas Galerias de Exposições Temporárias da Sede da Fundação Calouste Gulbenkian com data de abertura em 20 de Julho de 1986 e encerramento em 2 de Setembro de 1986.
- 2 — A III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian poderão concorrer todos os artistas de nacionalidade portuguesa ou artistas estrangeiros residentes em Portugal.
- 3 — Atendendo às dimensões dos espaços de exposição, cada artista poderá representar-se apenas com duas obras em cada modalidade não ultrapassando o total de cinco. As obras deverão ser posteriores a 1980 e estar disponíveis para aquisição.
- 4 — As inscrições e entrega de trabalhos para a exposição em causa serão feitas na Recepção do Centro de Arte Moderna — Rua Dr. Nicolau de Bettencourt — entre 16 e 19 de Junho de 1986 nos horários normais do mencionado Centro. Os interessados deverão solicitar os Boletins de Inscrição e um exemplar do Regulamento da III Exposição de Artes Plásticas nos locais e de acordo com as datas atrás indicadas.
- 5 — A recepção das obras só poderá ser feita mediante a apresentação de um Boletim devidamente preenchido por cada artista concorrente que o assinará. Tal boletim será também assinado pelo funcionário encarregue dessa recepção. A cópia servirá como recibo.
- 6 — A assinatura e entrega dos Boletins de Inscrição implica por parte dos artistas concorrentes o seu expresso acordo com o Regulamento da III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian.
- 7 — Todas as obras destinadas à III Exposição de Artes Plásticas serão submetidas a um Júri de Admissão que determinará a sua participação ou exclusão.
- 8 — Os artistas premiados na I e II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian serão convidados a participar, não tendo, portanto, os seus trabalhos na modalidade em que foram premiados, que ser submetidos ao Júri de Admissão.
- 9 — Todas as obras destinadas à Exposição serão cobertas por um seguro contra todos os riscos mas a nenhuma das obras poderá ser atribuído um valor comercial superior a 500 000\$000 (quinhentos mil escudos).
- 10 — As obras admitidas e que não forem levantadas pelos seus autores até 3 de Outubro serão remetidas pela Fundação Calouste Gulbenkian aos respectivos proprietários sendo-lhes debitadas as despesas decorrentes.

BOLETINS DE INSCRIÇÃO: à disposição na Recepção do Centro de Arte Moderna a partir de 26 de Maio corrente, dentro dos horários normais.

Após a referida data cessa qualquer responsabilidade para a Fundação, caducando o seguro das mesmas.

CONSTITUIÇÃO DO JÚRI

- 11 — O Júri de Admissão e Premiação terá a seguinte constituição:
 - Administrador do pelouro de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian que presidirá;
 - Professor de História de Arte da Universidade Nova de Lisboa;
 - Director do Centro de Arte Moderna e do Serviço de Exposições e Museografia da Fundação Calouste Gulbenkian.
- e representantes das seguintes instituições:
 - Academia Nacional de Belas-Artes;
 - Sociedade Nacional de Belas-Artes;
 - Associação dos Arquitectos Portugueses;
 - Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa;
 - Escola Superior de Belas-Artes do Porto;
 - Critico de Arte membro da Secção Portuguesa da AICA;
 - Dois representantes dos artistas;
- Das decisões do Júri tomadas no âmbito deste Regulamento não haverá recurso. Caso se verifique alguma omissão neste Regulamento o Júri terá plenos poderes para decidir. O Presidente terá um voto extra em caso de empate.
- 12 — O Júri reunirá no Centro de Arte Moderna para selecção das obras apresentadas e, posteriormente, para premiação.

ATRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS

- 13 — Serão atribuídos os seguintes prémios de aquisição num total de oito:
 - Prémio de Pintura — quinhentos mil escudos
 - Prémio de Escultura — quinhentos mil escudos
 - Prémio de Arquitectura/Design — quinhentos mil escudos
 - Prémio de Desenho — duzentos mil escudos
 - Prémio de Gravura — duzentos mil escudos
 - Prémio de Instalações ou Objectos — duzentos mil escudos
 - Prémio de Fotografia — duzentos mil escudos
 - Prémio de Vídeo — duzentos mil escudos
- 14 — As obras premiadas, a partir do momento da sua escolha, serão propriedade da Fundação Calouste Gulbenkian e ficarão a fazer parte do acervo do Centro de Arte Moderna.
- 15 — O Júri poderá ainda recomendar a aquisição de outras obras.

Sessão na Sociedade de Língua Portuguesa prémio "Serafim Silva Neto"

A secretária de Estado da Cultura, dr.ª Teresa Gouveia, preside à sessão para entrega do Prémio Sociedade de Língua Portuguesa 1985 — Serafim da Silva Neto que se realiza no dia 23 de Maio, 6.ª feira, à 17.30, no Auditório Um da Sociedade de Língua Portuguesa (Rua de São José, 41-2.º).

O júri distinguiu o estudo «Aquisição da leitura e da escrita e desenvolvimento da consciência metalinguística na criança», de António Quintas Mendes. A Caixa Geral de Depósitos garantiu o apoio financeiro ao «Prémio».

Liga dos direitos da mulher

A Liga dos Direitos das Mulheres, recentemente constituída, apresenta ao público e à Imprensa o seu plano de actividade para os próximos dois anos. A sessão de informação e convívio terá lugar na quarta-feira, dia 21 de Maio, às 18 horas, na sala Cisterna do Castelo de S. Jorge.

A Liga dos Direitos das Mulheres tem a sua sede provisória na Rua Filipe da Mata, 115-A, 1600 Lisboa.

Apoiantes de Gama ganham secretariado da FAUL

A lista B, afecta a João Soares, venceu as eleições para o secretariado da Federação da Área Urbana de Lisboa (FAUL).

Saiu assim vencida a lista proposta por Sottomayor Cardia, secretário-coordenador daquela federação, que já declarou que «os resultados foram obtidos nos termos estatutários» pelo que não se demitirá. Cardia foi eleito para o cargo no Congresso de Abril passado.

O secretariado da FAUL agora eleito, afecto à tendência liderada por Jaime Gama, conseguiu 59 votos contra os 50 recolhidos pelos opositores.

Em declarações à Anop, João Soares afirmou que esta «foi uma vitória do bom senso». De acordo com o dirigente socialista, a vitória da lista por si encabeçada «deveu-se às divisões dos apoiantes Cardia/Constâncio o que levou os delegados a apoiar aqueles que lhes davam melhores condições para pôr a federação a funcionar». João Soares fez ainda questão de frisar que o secretariado agora eleito «vai trabalhar com o secretário-coordenador saído do Congresso da FAUL», precisamente Sottomayor Cardia.

«Ele terá de respeitar os resultados e sujeitar-se às decisões da maioria como apontam os estatutos», prosseguiu. E a concluir: «Nós vamos trabalhar em conjunto, porque pensamos que Sottomayor Cardia também deseja pôr a federação a funcionar, e isto é tanto assim que ele já convocou para hoje uma reunião do secretariado».

Alteração do sentido dos votos

Entretanto, a comissão de candidatura de Vitor Constâncio considerou já que a votação dos delegados por inerência «alterou o sentido dos votos dos delegados eleitos» na eleição do secretariado da FAUL.

Em comunicado lido por um porta-voz da candidatura de Vitor Constâncio afirma-se que «o voto estatutário se sobrepôs ao voto democrático». O documento esclarece ainda que para o secretariado da FAUL votaram 112 delegados, sendo 51

eleitos e 61 por inerência.

«A vontade das bases, expressa na eleição para delegados, não foi respeitada» — sublinha o comunicado, que defende que esta é a «confirmação de que se torna cada vez mais necessário alterar os estatutos, mudar o funcionamento interno, renovar a sua prática».

«Não há inerência que possa opor-se à vontade das bases no próximo Congresso nacional», considera a candidatura de Vitor Constâncio.

O mesmo porta-voz informou que Manuel Alegre, embora fosse delegado por inerência, «se recusou a votar, para não influir no sentido do voto democrático das bases».

Guterres no Funchal

António Guterres, um apoiante de Constâncio que se encontra no Funchal disse ontem que a estratégia que apoia transforma o PS na alternativa ao Governo de Cavaco Silva e, simultaneamente, aos governos regionais.

Guterres, que falava numa conferência de Imprensa, defendeu que o modelo mais adequado ao funcionamento para a democracia portuguesa é o de dois partidos com verdadeira capacidade autónoma na sua estratégia e projecto, que alternem no poder ou liderem blocos que sucessivamente alternem no poder».

«Pensamos que só o PS e o PSD estão em condições de desempenhar esse papel. Por isso, é fundamental que no futuro o PS não realize alianças nem com o PRD, nem com o PCP, nem com o PSD, mas se afirme sim, como verdadeira alternativa de projecto e de poder ao Governo de Cavaco



Silva e ao PSD» — frisou.

Aquele socialista considerou ser necessário que o PS, que «sempre teve muito cuidado no passado de delimitar as suas fronteiras à esquerda, tenha no futuro muito cuidado em definir e delimitar com muita clareza as suas fronteiras à direita e mostrar aos portugueses com muita clareza o que o separa do PSD».

«Ao PSD cabe liderar um bloco de direita, ser expressão de uma ideologia neoliberal, ao PS compete liderar um bloco de esquerda democrática e ser no plano político uma expressão das correntes modernas do pensamento socialista e social-democrata europeu» — reafirmou.

António Guterres sublinhou ser preocupação da candidatura que apoia «a recuperação do desaire eleitoral de seis de outubro e, por isso, impõe-se que o partido tenha uma política de afirmação, de reconciliação com o seu próprio eleitorado».

Adiantou que têm como «objectivos a curto prazo esva-

ziar eleitoralmente o PRD, pois este partido não tem projecto, não tem ideologia, não tem raízes históricas. Ele só existe devido a erros cometidos no passado pelo PS».

Considerou que «só Vitor Constâncio será o líder socialista com melhores condições para permitir esse esvaziamento do PRD, tal como o revela a última sondagem».

Referiu também ser objectivo da candidatura que defende a conquista de votos à APU.

Guterres afirmou que a candidatura de Vitor Constâncio «é uma candidatura de renovação, não é nem de ruptura, nem de continuidade com o passado».

Essa renovação, prosseguiu, incide sobre três áreas fundamentais: a renovação do programa, que está desactualizado na sua linguagem e temas que aborda, a renovação da estratégia de intervenção do partido na sociedade portuguesa e a renovação dos seus métodos de funcionamento interno.

Portugal, Grécia e Turquia: os mais 'desprezados' pela NATO

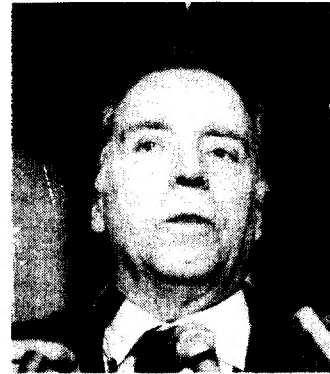
Portugal, Grécia e Turquia são os países da NATO «com mais dificuldades» no seu equipamento militar, e aqueles que «têm sido mais desprezados» pela ajuda militar dos outros Estados membros — disse ontem à Anop fonte do Ministério da Defesa

Estes aspectos serão de resto discutidos, a partir de amanhã em Bruxelas, nas reuniões a nível ministerial do eurogrupo e do comité dos planos de defesa da NATO (DPC), em que participará o ministro da Defesa Nacional, Ribeiro de Almeida.

O mesmo informador adiantou que os ministros pertencentes ao eurogrupo e ao comité dos planos de defesa da NATO passarão em revista o planeamento de defesa da Aliança, assim como a melhoria da capacidade de defesa convencional. «Neste aspecto — frisou — assume particular interesse a discussão do documento que diz, respeito à assistência militar à Grécia, a Portugal e à Turquia no âmbito da NATO».

Os ministros, no primeiro dia de trabalhos, analisarão o relatório das diferentes actividades do eurogrupo. «Farão um exame aprofundado da situação anterior, de modo a permitir detectar as deficiências que eventualmente tenham existido», sublinhou a mesma fonte.

«No que diz respeito a Portugal, o ministro Ribeiro de Al-



meida fará sentir o desagrado do Governo pela falta de concretização da ajuda dos países aliados», especificou. O informador disse ainda que a NATO «tem particular responsabilidades no reequipamento da brigada mista independente, e o material necessita de ser remodelado».

Ribeiro de Almeida parte hoje para Bruxelas e será acompanhado pelo chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Lemos Ferreira, e pelo coronel Vasques Osório, consultor militar para os assuntos NATO.

EXCURSÕES

AUTOPULLMANS DE LUXO • HOTÉIS SELECIONADOS • GUIAS EXPERIENTES

FERIADOS DE JUNHO

PEÇA PROGRAMA GERAL 86

RESERVE E SINALIZE A SUA EXCURSAO COM 20 DIAS DE ANTECEDENCIA E TERA UM DESCONTO DE 10%

OFERTA VALIDA ATE 30-6-86 — CONSULTE-NOS

ALGARVE SOL E MAR	3 DIAS — 6 a 8
MINHO — GERÊS E CANIÇADA	3 DIAS — 14 a 16
ALTO MINHO — GERÊS E CANIÇADA	3 DIAS — 6 a 8
DOURO — MINHO E BEIRAS	3 DIAS — 6 a 8 e 13 a 15
MINHO — SOAJO E BUÇACO	3 DIAS — 8 a 10 e 13 a 15
NORDESTE — DOURO E BEIRAS	4 DIAS — 7 a 10
PENEDA — SOAJO E GERÊS	5 DIAS — 7 a 11
TRÁS-OS-MONTES — MINHO E BEIRAS	6 DIAS — 8 a 13
SEVILHA — ARACENA — BADAJOZ	3 DIAS — 13 a 15
MADRID — ARANJUEZ — TOLEDO	4 DIAS — 7 a 10 e 12 a 15
GALIZA — RIAS BAIXAS E PICOS EUROPA	5 DIAS — 7 a 11
ASTÚRIAS E PICOS DA EUROPA	6 DIAS — 8 a 13
CORDOBA — GRANADA E SEVILHA	5 DIAS — 7 a 11 e 11 a 15
MADRID — ANDORRA — ZARAGOZA	5 DIAS — 7 a 11
CÔTE D'AZUR — MÓNACO E SAN REMO	11 DIAS — 5 a 15
TETOUAN — CEUTA E TORREMOLINOS	4 DIAS — 7 a 10 e 12 a 15
GIBALTAR — TÂNGER E CEUTA	5 DIAS — 6 a 10 e 13 a 17
MARROCOS CIDADES IMPERIAIS	9 DIAS — 7 a 15
LOURDES — PARIS — ANDORRA	11 DIAS — 5 a 15

Peça programas detalhados

AVIC

RESERVAS E INFORMAÇÕES:

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 53 — LISBOA

TELEFONES: 52 11 10-52 11 17-57 20 70

OP. 307/82

Reforço da segurança dos cidadãos não é uma tentação policial

— afirmou o secretário de Estado Durão Barroso

O secretário de Estado da Administração Interna disse ontem que «quando alguém fala em reforçar a defesa dos cidadãos aparece sempre quem identifique este reforço» com «a tentação policial e autoritária».

Durão Barroso, numa entrevista à Antena Um da RDP, considerou que a segurança interna «é uma responsabilidade de todo o Estado em relação aos cidadãos».

«Toda a Europa e o mundo democrático estão preocupados com a segurança», sublinhou o governante, indicando que a preocupação com a segurança, sublinhou o governante, indicando que a preocupação para os dirigentes políticos nasce do facto de que possa aparecer «um caso espectacular, como o assassinio de Aldo Moro, para

conseguirmos uma sensibilização geral para as questões de segurança».

Durão Barroso informou que «a partir de agora passa a existir um gabinete de coordenação da segurança, sob a directa responsabilidade do ministro da Administração Interna, que, de uma forma geral, procederá às medidas necessárias para que não hajam espaços em branco ou sobreposições à actividade das polícias e as forças e serviços de segurança».

Durão Barroso informou que «a partir de agora passa a existir um gabinete de coordenação da segurança, sob a directa responsabilidade do ministro da Administração Interna, que, de uma forma geral, procederá às medidas necessárias para que não hajam espaços em branco ou sobreposições à actividade das polícias e as forças e serviços de segurança».



Divulgado hoje em Lisboa e Pequim

Negociações sobre transferência de Macau vão principiar na última semana de Junho

As conversações entre Portugal e a República Popular da China sobre o futuro de Macau vão principiar em Pequim na última semana de Junho, revela um comunicado conjunto sino-português divulgado hoje, simultaneamente, nas duas capitais. O anúncio oficial da data para esta iniciativa diplomática surge cinco dias depois de haver sido empossado, em Lisboa, o novo governador do território, Joaquim Pinto Machado.

Entretanto, ao princípio da madrugada de hoje (20 horas de Macau) a Rádio Macau difundiu uma entrevista com Rui Oliveira e Costa — ex-deputado do PSD e apoiante de Mário Soares na última campanha para as eleições presidenciais — através da qual confirmou a sua nomeação para o cargo de secretário dos Assuntos Sociais da equipa do professor Pinto Machado. Após a entrevista, o jornal chinês «O Mun» contactou o Palácio de Belém para confirmação da notícia divulgada por Oliveira e Costa. Segundo conseguimos apurar, a Presidência da República teria manifestado o seu total desconhecimento.

Sobre este assunto tentámos esta manhã em vão, estabelecer novos contactos para obter informações complementares.

Segundo as nossas fontes, Rui Oliveira e Costa é no entanto considerado em Macau um homem com posições próximas das de Roque Martins, uma personagem controversa que ga-

nhou raízes durante a governação do almirante Almeida e Costa.

Também a indicação de Aires da Silva (de origem macaense) para a Secretaria da Equipamento Social, Transportes e Comunicações parece que não agradou aos chineses, visto tratar-se de uma figura sobre a qual recaem suspeições de envolvimento em negócios menos lícitos de terrenos e obras públicas.

Negociações

As missões diplomáticas que irão negociar a transferência do território serão chefiadas, de acordo com o comunicado oficial sino-português, pelo vice-ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Zhou Nan, e pelo embaixador Rui Medina. Zhou Nan esteve já em Lisboa, no último mês de Março, a chefiar a delegação do seu país às cerimónias da posse do presidente Mário Soares. Já nessa ocasião, o diplomata chinês



Pinto Machado parte na próxima segunda-feira para Macau

manteve um encontro prolongado com o titular dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, tendo afirmado então que, na conversa havida fora atingeio «um elevado grau de consenso» sobre a questão de Macau.

As conversações sobre este território decorrem num momento em que a República Popular da China e a Grã-Bretanha acordaram num plano de transição até à transferência definitiva

da soberania sobre o território de Hong Kong, que Londres entregará a Pequim em 1977.

Apesar das várias afirmações produzidas sobre a eventual «cópia» do processo de Hong Kong na apreciação do caso Macau, nada faz prever uma semelhança para as vias a percorrer, assim como não é certo que a China procure uma simultaneidade para a alteração de estatuto dos dois territórios.

Portugal e Angola têm de respeitar-se

— afirmou arcebispo de Luanda

O arcebispo de Luanda, cardeal D. Alexandre do Nascimento, declarou ontem à Anop que «Portugal e Angola têm de respeitar a autonomia e independência de cada um».

Bem ou mal, — disse o cardeal em Roma — «vivemos juntos ao longo de 400 anos e isso não foi obra do acaso. Penso que, respeitando-se mutuamente, os dois países deverão entender-se, e Portugal poderá desenvolver em Angola um papel muito importante, não só do ponto de vista económico, como também cultural e outros».

Uma ou outra vez, — reco-

nheceu o arcebispo D. Alexandre do Nascimento — os governos de Lisboa e de Luanda «tiveram os seus arrufos, mas no campo das relações entre os povos» sempre se esteve bem. O arcebispo de Luanda, que está em Roma para uma visita ao Papa, disse à Anop que amanhã será recebido pelo embaixador de Portugal junto da Santa Sé, por «amável iniciativa» de Sá Coutinho. D. Alexandre do Nascimento chegou a Itália depois de, na semana passada, ter presidido em Portugal às celebrações da peregrinação anual do 13 de Maio ao Santuário de Fátima.

Acompanhado de quatro ministros

e dois secretários de Estado

Cavaco Silva visita a Madeira no próximo fim-de-semana

O Primeiro-Ministro, Aníbal Cavaco Silva, inicia na próxima sexta-feira uma visita oficial à Região Autónoma da Madeira. Segundo fontes governamentais, o chefe do Executivo presidirá no Funchal a várias inaugurações e participa numa reunião com o gabinete de Alberto João Jardim.

O programa prevê a participação de Cavaco Silva numa conferência de Imprensa antecedida da cerimónia de assinatura de vários diplomas pendentes entre ambos os Executivos, designadamente os relacionados com a zona franca industrial, zona de comércio bancário livre (Offshore System Banking) e sector judicial.

Cavaco Silva preside à inauguração de três novos estabelecimentos de ensino (Funchal, Ponta do Sol e São Vicente), da rede de transmissões da empresa de electricidade, laboratório de

biologia e posto de recepção de pescados (no Funchal), lar de integração social de menores, estação VHF da Marconi e um novo bloco de 70 fogos, na Nazaré. A comitiva oficial do Primeiro-Ministro integra os ministros de Estado, Eurico de Melo, dos Assuntos Parlamentares, Fernando Nogueira, da Defesa, Leonardo Ribeiro de Almeida, e da Justiça, Mário Raposo, além dos secretários de Estado dos Assuntos Parlamentares e da Administração Interna, respectivamente Correia de Jesus e Durão Barroso.

Aníbal Cavaco Silva e restantes membros do Governo participam, depois, a 24 e 25 de Maio, no Funchal nos trabalhos do Quinto Congresso Regional do PSD, que registará ainda a presença de Amândio de Azevedo e Correia Afonso, vice-presidente da comissão política nacional dos sociais-democratas.

PRD debate com Soares "estabilidade política"

Debater com o Presidente da República o momento da política actual, designadamente a «necessidade de estabilidade» nas relações entre órgãos de soberania, é o tema-base do encontro que uma delegação do PRD, constituída por Hermínio Martinho, Carlos Lilaia e António Feu, manteve ao fim da

manhã no Palácio de Belém com Mário Soares.

Fonte daquele partido confirmou ao «DL» que as declarações de Cavaco Silva num comício do PSD, no Campo Pequeno, contendo uma ameaça de demissão do Executivo, posteriormente desmentidas, em Londres, nas comemorações

dos 600 anos da aliança luso-britânica, seriam especialmente focadas na audiência concedida pelo PR aos dirigentes do PRD.

Entende o PRD que «o Primeiro-Ministro não pode afirmar constantemente que quer estabilidade e, simultaneamente, levar a instabilidade

a opinião pública».

A mesma fonte do PRD manifestou ao «DL» a sua estranheza pela inexistência de cópia ou gravação do discurso de Cavaco Silva no Campo Pequeno, frisando que a direcção dos renovadores se baseou apenas nos excertos publicados na Imprensa.

Nações Unidas assinalam semana de solidariedade com os povos e territórios colonizados

As Nações Unidas começaram ontem a assinalar a passagem de uma semana de solidariedade com os povos dos territórios colonizados com o objectivo de encorajar a opinião pública mundial a uma maior reflexão e discussão dos seus problemas. Através de um comunicado, o Centro de Informação da ONU em Lisboa, revela que a comemoração anual da semana de solidariedade, instituída em 1972 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, é uma oportunidade para manifestações de apoio aos povos que «no mundo continuam sujei-

tos ao domínio e à opressão colonial».

Esta acção de solidariedade com os «povos da Namíbia, de todos os outros territórios colonizados, bem como os da África do Sul, em luta pela liberdade, independência e Direitos Humanos», surgiu na sequência de um apelo lançado pela ONU para que os governos observassem uma semana de solidariedade com os povos coloniais.

No comunicado considera-se que «a persistência da ocupação ilegal» da Namíbia pela África do Sul, «com desrespeito das suces-

sivas resoluções aprovadas pela ONU», justifica a menção especial que lhe é feita desde 1982 por recomendação do Comité Especial Contra o Apartheid e do Conselho das Nações Unidas para a Namíbia.

Sublinhando a importância da declaração da concessão da independência aos povos e territórios colonizados, aprovada pela ONU em 1960, o comunicado sublinha que ainda existem 18 territórios, sob domínio colonial, aos quais ela continua a aplicar-se, incluindo a Namíbia, o Sara Ocidental e Timor-Leste.



ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL
CONSELHO ADMINISTRATIVO

Faz-se publico que no Conselho Administrativo desta Direcção — Av. Infante Santo, 49, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

CONCURSO PÚBLICO N.º	DESIGNAÇÃO	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
24/86-Mat	AQ. MAT. CONS. C. — GERAL E CARPINTARIA	2,5% do valor da proposta	25JUN86	10H30
25/86-Mat	— " — " — ELECTRICIDADE		25JUN86	14H30
26/86-Mat	— " — " — PINTURA		25JUN86	16H30
27/86-Mat	— " — " — ESTOFADOR		26JUN86	10H30
28/86-Mat	— " — " — SOLDADURA		26JUN86	16H00
29/86-Mat	AQ. INSTRUMENTOS METEOROLÓGICOS		24JUN86	10H30

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 14 às 17 horas. As propostas devem ser entregues até às 17 horas do último dia útil anterior ao da abertura de propostas.

O PRESIDENTE DO C.A.
Fernando Joaquim Silva Pontes
Major de A.M.

Lisboa e Setúbal nos projectos de pobreza a levar à CEE

O secretário de Estado da Segurança Social, Pinto Sancho, disse ontem à agência NP que Lisboa, Porto, Santarém, Setúbal, Beja e Portalegre, farão prioritariamente parte de projectos a apresentar à CEE para minimizar a pobreza. Pinto Sancho falava após uma visita ao Centro Regional de Segurança Social do Porto e o Centro dos Serviços de Apoio Ordem de Malta (SAOM), acompanhado de representantes da Comunidade Europeia.

Entre estes contava-se o director do programa europeu de combate à pobreza, Richard Draperie, o qual adiantou que a CEE poderá, no máximo, participar com 55 por cento nos projectos portugueses a apresentar à Comissão no âmbito da luta contra aquele fenómeno. «O Governo português terá de garantir, à partida, 45 por cento dos projectos que apresentar à CEE», acrescentou.

Richard Draperie esclareceu que a CEE atribuiu para o projecto ibérico de combate à pobreza uma verba de quatro milhões de ECU's (moeda comunitária), podendo contudo ser atribuída a Portugal a maior fatia dessa importância. O representante da CEE referiu, no entanto, que só em Setembro se decidirá a verba a atribuir a Portugal, estando marcada para Dezembro a selecção dos programas portugueses que serão financiados.

De acordo com os critérios comunitários, estes projectos deverão ter como alvos prioritários os desempregados de longa duração e jovens desempregados, as pessoas idosas, famílias monoparentais, migrantes da segunda geração, refugiados e migrantes de regresso e grupos «marginais».

A ajuda da CEE insere-se na segunda acção comunitária de

combate à pobreza para o período de 1985-1988, que já atribuiu 18 milhões de ECU's para 65 programas dos primeiros dez países da CEE.

O secretário de Estado da Segurança Social afirmou, por seu lado, que o Governo português arranjará a cobertura financeira exigida pela CEE de modo a que não seja «por falta da nossa comparticipação que os projec-

tos não entrem». Pinto Sancho precisou ainda que o programa para a zona de Lisboa incidirá sobre o apoio à terceira idade, enquanto em Beja abrangerá zonas rurais.

Adopção

A ministra da Saúde defendeu ontem a adopção como a «solução preferível» para as crianças

sem pais e para aquelas cujos pais se sabe que não vão ocupar-se delas.

Leonor Beleza, que falava num colóquio que o Centro de Estudos Judiciários realiza em Faro até ao próximo dia 23, elegu a adopção por a considerar mais próxima da «integração na família natural». Para a ministra da Saúde, o êxito da adopção «está estritamente dependente

da rapidez com que é feito» e acrescentou que hoje a lei contém todos os mecanismos adequados para esse efeito.

Relativamente aos maus tratos praticados nas crianças, Leonor Beleza citou os códigos de direito civil e direito penal, que contêm disposições sobre a defesa dos direitos das crianças e punição dos que os infringirem, incluindo os pais.

Hoje vai ser ouvido mais um

'arrependido' das FP-25

Quatro réus recusaram falar em Monsanto

Manuel Alves Guedes Monteiro, um dos quatro réus 'arrependidos' do processo FP-25, começa esta tarde a ser interrogado no Tribunal de Monsanto.

Embora tudo aponte para declarações estilo Macedo Correia e Ângelo Benevides — os dois primeiros 'arrependidos' a serem ouvidos — é com natural expectativa que se aguarda o interrogatório de Guedes Monteiro, que saiu muito maltratado do depoimento feito em Tribunal pelo seu co-réu Govern Lopes. Como relatámos na nossa edição de sábado, Govern falou promenorizadamente das ligações de Guedes Monteiro com a Polícia, chegando ao ponto de afirmar que ele está de tal modo apanhado nas malhas da Polícia que até uma sua irmã «é amante do sobrinho do inspector que é chefe do DCCB no Norte»...

O santíssimo quarteto de 'arrependidos' — em liberdade provisória sob protecção da Direcção Central de Combate ao Banditismo — é composto, além dos Macedo Correia, Benevides e Guedes Monteiro, por Alexandre Figueira, que será ouvido mais tarde.

Quatro recusas

Entretanto, ontem, outro quarteto — mas de réus não 'arrependidos' — recusou-se a prestar declarações ao Tribunal.

Durante a 123.ª sessão do arastado julgamento de Monsanto foram sendo sucessivamente chamados à barra os réus

José Manuel Estêvão Vargas, de 43 anos; José Mansel Moutinho Teixeira, de 35; José Manuel dos Santos Prates, de 45; e Manuel Albino da Conceição Soares, de 37.

«Não tenho nada a ver com este processo. Por isso não presto declarações» — disse o primeiro daqueles réus, o 36.º chamado a depor desde que o julgamento começou há longos meses.

«Não pretendo prestar declarações» — limitou-se a declarar José Manuel Moutinho Teixeira.

«Não me sinto em condições para responder às perguntas do Tribunal» — alegou por sua vez Santos Prates, antes de acrescentar sentir-se 'psicologicamente um bocado em baixo'.

«Por questões de celeridade processual não quero responder» — justificou Manuel Albino da Conceição Soares, o quarto réu a dar ontem uma 'nega' em Monsanto. Manuel Soares pediu depois, no entanto, autorização para que ele e os seus co-réus pudessem fazer um minuto de silêncio em memória de Catarina Eufémia, morta pela GNR precisamente há 32 anos.

«Isso é um problema vosso» — respondeu secamente o juiz-presidente Adelino Salgado.

...E o julgamento prossegue esta tarde, com Manuel Guedes Monteiro, 'arrependido', a dizer o que lhe vai na alma.

TÍTULOS DE PARTICIPAÇÃO 1986

6 000 000 DE TÍTULOS

valor nominal: 1 000\$00

Emitidos ao par, com pagamento integral no acto da subscrição e sem rateio.

SUBSCRIÇÃO

Aos Balcões do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa de 20 de Maio a 27 de Junho, reservando-se os dois primeiros dias para subscrição de montantes não superiores a Esc. 500 000\$00.

RENDIMENTO DOS TÍTULOS

Compõe-se de uma parte fixa e de uma parte variável. A parte fixa do rendimento incide sobre 75% do valor nominal dos Títulos, à taxa de referência do mercado de capitais em vigor no início de cada período anual de pagamento de juros, acrescida de 5% do quantitativo dessa taxa base. A parte variável incide sobre 25% do valor nominal e é calculada em função dos resultados consolidados do Banco.

GARANTIA DE RENDIMENTO MÍNIMO

O Banco garante, à taxa actual de referência do mercado de capitais, um rendimento nominal mínimo, isento de impostos, de 17,39%.

PAGAMENTO DOS RENDIMENTOS

Anualmente, durante o mês de Junho, com início em 1987.

VANTAGENS FISCAIS

Rendimento isento de imposto de capitais, complementar e de sucessões e doações.

OUTROS BENEFÍCIOS

Atribuição aos participantes, a título gratuito, de novos Títulos de Participação nos aumentos de capital por incorporação de reservas livres. Direito de preferência na subscrição de futuras emissões de Títulos de Participação BESCL.

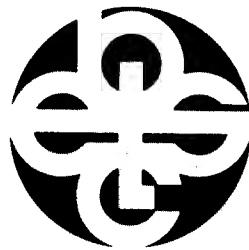
REEMBOLSO

Ao fim de 10 anos por iniciativa do Banco ou do participante mediante acordo do Banco.

ADMISSÃO À COTAÇÃO

Nas Bolsas de Valores de Lisboa e Porto após a entrega dos Títulos definitivos.

SUBSCRIÇÃO PÚBLICA de 20 de Maio a 27 de Junho



BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Apoiando o grupo "Apelo de Jesus Cristo"

Líbia acusa EUA e Israel de forjarem atentados em Espanha

O actual responsável da Embaixada da Líbia em Madrid, Ahmed Mohamed Nakaa, afirma, numa entrevista ontem publicada na capital espanhola, que as acusações de envolvimento da Líbia em actos de terrorismo no país vizinho foram «forjadas» pelos Serviços Secretos israelitas e norte-americanos.

Em declarações ao diário «El País» Ahmed Nakaa nega qualquer relação com os activistas do grupo de extrema-direita «Apelo de Jesus Cristo», recentemente detidos em Madrid, e afirma que as alegadas «provas» invocadas pela Polícia espanhola fazem parte de «um plano forjado pelos Serviços Secretos ocidentais em colaboração com a CIA e o Mossad».

Nakaa rejeita as acusações formuladas contra ele por Hanna Joudi, considerado como o dirigente em Espanha do «Apelo de Jesus Cristo», detido há uma semana em Madrid, juntamente com outros nove militantes da organização, entre os quais um português, depois de um atentado frustrado contra um banco norte-americano na capital espanhola. Hanna Joudi declarou à Polícia espanhola que Nakaa organizou e financiou o «Apelo de Jesus Cristo» em

Espanha, e entregou à organização 70 mil dólares para realizar atentados contra interesses norte-americanos e judeus em Madrid e Lisboa. Os explosivos nos escritórios do «Bank of America» em Madrid e de ter preparado outros atentados terroristas.

Na entrevista a «El País», Nakaa afirma que, depois do estabelecimento das relações diplomáticas entre Espanha e Israel, informou o secretário de Política Exterior do governo espanhol, Máximo Cajal, da «existência de um plano dos Serviços Secretos ocidentais, em colaboração com a CIA e o Mossad, para realizar uma série de atentados que seriam posteriormente atribuídos à Líbia».

O chefe da representação Líbia em Espanha acrescenta que «Tripoli nunca apoiará acções terroristas em Espanha» e que o plano dos Ser-

viços Secretos ocidentais tem como objectivo obrigar Madrid a adoptar a mesma posição política que os EUA e os restantes governos da CEE em relação ao Médio Oriente e mundo árabe. Nakaa salienta que os acontecimentos posteriores parecem indicar que «o objectivo é obrigar o governo de Madrid a expulsar todos os diplomatas líbios», o que «provocaria uma crise mais intensa e perigosa, destinada a desembocar na ruptura das relações diplomáticas» entre Madrid e Tripoli. «Se deseja romper as relações com a Líbia, Espanha deveria procurar outras justificações, mais convincentes», comentou o diplomata líbio.

Sobre o tema das expulsões de diplomatas líbios, o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Madrid disse que o governo espanhol «não tenciona tomar nenhuma decisão antes de conhecer as conclusões do juiz encarregado do caso». O Tribunal de Madrid que dirige as investigações acerca da organização «Apelo de Jesus Cristo» ordenou a prisão incondicional dos dez detidos.

Acusado de violar as três enteadas

A Polícia Judiciária deteve em Braga um indivíduo de 25 anos, sem profissão, acusado de ter violado as três enteadas, de treze, catorze e dezasseis anos de idade. Segundo refere um comunicado ontem divulgado pela PJ, o presumível violador «para conseguir os seus propósitos empregou por vezes a violência física e tranquilizantes que deitava no café e no leite das suas crianças».

Assaltantes queimaram antigo companheiro

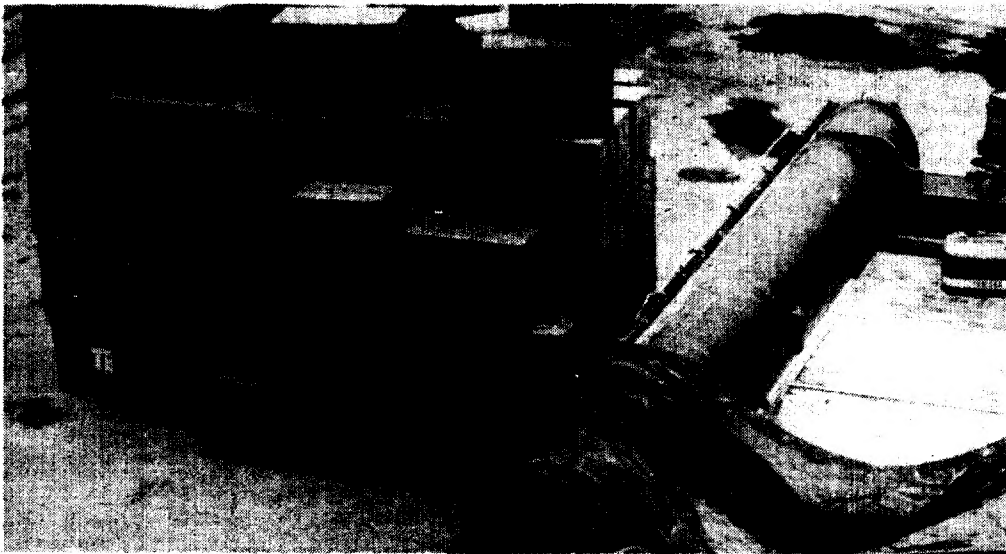
Um marginal, José Manuel Carvalho Dias, de 29 anos, que residia no Porto, foi morto a tiro e depois regado com gasolina e parcialmente queimado por dois indivíduos com quem participou no assalto a um transeunte, a quem roubaram três mil contos. A sua morte, provocada por desacordo na forma como o dinheiro foi dividido, ocorreu em Março último, em Santo Tirso, no lugar da Ferraria, mas só agora a Polícia Judiciária identificou e deteve um dos homicidas, António João Gomes Martins, de 24 anos, natural e residente em S. Mamede de Infesta (Matosinhos). O que restava do corpo da vítima estava enterrado numa vala, localizada próximo do local do crime, praticado com uma pistola desviada da Base do Alfeite.

Dez quilos de ouro furtados em Gondomar

Dez quilogramas em ouro fino e 300 contos em dinheiro é o balanço de um assalto ontem efectuado à mão armada por dois jovens numa oficina de ourivesaria, em Gondomar, nos arredores do Porto.

Os assaltantes, encapuçados, bateram cerca das 11 horas à porta da oficina de ourivesaria, propriedade de Diamantino Rio Fernandes Moura, e quando ele veio abrir foi empurrado para dentro do estabelecimento sob a ameaça de pistolas. Consumado o assalto, que demorou «pouco tempo», segundo o proprietário, os dois desconhecidos puseram-se em fuga num automóvel de cor negra.

Diamantino Moura, que foi encontrado amordaçado e preso a uma cadeira de rodas, avaliou o ouro em 20 mil contos.



O tabaco apreendido junto ao barco de borracha em que era transportado

Guarda Fiscal teve receio de disparar

Proximidade de base aérea salvou contrabandista de tabaco

Elementos da Guarda Fiscal detectaram na noite do passado dia 15, na ria de Aveiro, um barco de borracha com 90 caixas de tabaco norte-americano, no valor de 9500 contos, que apreenderam, deixando no entanto escapar os contrabandistas.

«Dada a proximidade da Base

Aérea de S. Jacinto e o escuro reinante na altura da fuga — refere um comunicado da GF — o comandante da patrulha que procedeu à apreensão, receando uma reacção das sentinelas da base não deu ordem de fogo, gorando-se assim todas as tentativas de capturar os infractores

que desapareceram na noite».

No dia anterior, e segundo a mesma fonte, a Guarda Fiscal apreendera naquela zona mercadorias avaliadas em cerca de 8300 contos, entre vestuário, gado, máquinas eléctricas de jogos e peixe e marisco congelados.

Assassino de motorista condenado em Setúbal

O Tribunal Judicial de Setúbal condenou ontem a 10 anos de cadeia António Ribeiro, pedreiro e agricultor, de 60 anos, acusado de ter assassinado, em 30 de Novembro de 1985, com duas facadas, Ermelindo da

Costa Botas, de 48 anos, motorista, tendo o crime ocorrido na localidade de Brejos do Assa — Aljeruz (Palmela).

O tribunal, presidido pelo dr. José Mariano Pereira, que era assessorado pelos drs. Luís

Reininho e José Azadinho Loureiro, condenou ainda o réu ao pagamento de 900 contos de indemnização à família da vítima. O Ministério Público, representado pelo procurador Soutto Moura, recorreu da sentença.

Mário Castrim



Répórter — Senhor

Primeiro-Ministro, dizem algumas pessoas que...
Primeiro-Ministro — Em primeiro lugar, quero esclarecer que não pauto as minhas atitudes por aquilo que algumas pessoas dizem. Não houve jamais alfaite no nosso país que tomasse mais medidas do que o meu governo. Está à vista de todos. O meu governo trabalha com honestidade, competência e determinação. Se é isto que todos os portugueses dizem, o que é que importa aquilo que meia-dúzia de portugueses digam!

Répórter — Em todo o caso, algumas pessoas adiantam que no domínio das finanças...

Primeiro-Ministro — ora, ora! No domínio das Finanças nunca estivemos melhor o trabalho de honestidade, competência e determinação seguido pelo meu governo já se reflecte na liquidez do Banco de Portugal onde nunca se conheceu uma vida mais desafiada.

Répórter — ... no domínio económico...

Primeiro-Ministro — Alto, alto! Isso merece um esclarecimento! No domínio económico estamos a subir em flecha! Se tudo continuar como até aqui, estaremos, no ano 2090, onde os outros países estão agora com trabalho, dedicação, competência e determinação, tudo se consegue.

Répórter — ... no domínio cultural....

Primeiro-Ministro — Isso não, minha senhora, isso não! Aí não temos lições a receber de ninguém! A cultura é a nossa maior preocupação. Quando oiço falar em cultura, puxo logo da pistola para a pintura. Estamos inclusivamente a pensar num subsídio ao papel... higiénico. Também aí o trabalho, a dedicação, a competência e a determinação do meu governo se fazem subir.

Répórter — Como anteriormente em 1983...

Primeiro-Ministro — As condições são hoje substancialmente muito desiguais. Mas nessa altura fizemos o máximo que nos foi possível e se mais não fizemos foi porque não fizemos mais.

Répórter — Dizem algumas pessoas que o governo, em diversos domínios, está a trabalhar bem...

Primeiro-Ministro — Ó minha senhora, por que não disse isso há mais tempo?

ARTIGO DE FUNDO

Foi o sétimo este mês e o 16º já este ano

"Pão de Açúcar" de Cascais: assalto rende 20 mil contos

Cinco homens, quatro deles armados e um destes de rosto coberto, concretizaram ontem de manhã o mais arrojado e vultoso de todos os assaltos até hoje cometidos em supermercados portugueses. O alvo foi, entre as 10 e as 10 e 30 de ontem, o «Pão de Açúcar» de Cascais, cujo 1.º andar se situa na Avenida Marechal Carmona. Foi por esta artéria que os cinco assaltantes escaparam, na direcção de Sintra. Ainda não está apurado o valor total da «operação», variando os cálculos entre 10 a 20 mil contos. Foi a segunda vez em menos de quatro anos que o «Pão de Açúcar» de Cascais foi atacado: a primeira remonta a 29 de Novembro de 1982.

Os quatro «intrusos» irromperam nos escritórios do supermercado no preciso momento em que dele saíam elementos da sua segurança, da empresa Sonasa, que, apanhados de surpresa, atónitos, nem sequer esboçaram qualquer reacção. Apontado-lhes as armas, os quatro atacantes ditaram as suas condições de rendição: nada de movimentos, não valia a pena gritar, todo o que não respeitasse as suas ordens seria baleado. E todos ficaram quietos e calados. Salvo Teresa de Jesus Quaresma, de 50 anos, empregada da mesma empresa de segurança — Sonasa — e ao serviço do «Pão de Açúcar» de Cascais desde 1979.

Segundo ela, os assaltantes — um deles com uma toalha de banho às costas, como se o seu destino fosse a praia mais próxima — eram indivíduos bem apresentados, de movimentos aparentemente insuspeitos, com cara de bons fulanos, oscilando as suas idades entre os 20 e os 30 anos. Talvez por isso não tenha sentido a tempo e horas que aquilo era um assalto. Quando se apercebeu disso já era tarde.

de. E como não respeitou de imediato as ordenações dos atacantes, levou uma coronhada, tendo ficado com o braço esquerdo ferido.

Além de dinheiro levaram cheques

Foi ela, Teresa Quaresma, de 50 anos, casada e mãe de dois filhos, quem deu o alarme. Mas quando a PSP ali compareceu já era tarde: os cinco assaltantes, um dos quais ficara ao volante de um automóvel, que testemunhas da fuga admitiram ser vermelho e outros ser de cor azul — com matrícula falsa — já tinha desaparecido.

Consumado o assalto, fizeram o mesmo itinerário inicial, mas em sentido contrário, voltando ao ponto de partida (Av. Marechal Carmona), onde estava o carro estacionado. Para isso, portanto, subiram umas escadas de cimento que saem dos escritórios, por uma entrada lateral, atravessando o centro comercial a caminho do carro que os aguardava. Nas mãos levavam

os sacos com dinheiro e, pelo que mais tarde afirmou uma fonte do «Pão de Açúcar», também alguns cheques que a esta hora já deverão ter sido trocados.

Um dos assaltantes que entraram no escritório do supermercado, com a cara descoberta, levava, como atrás se disse, uma toalha às costas, como se fosse para o banho. Um outro tinha o rosto tapado. Mais tarde, reivindicaram o assalto em nome das FP-25. Sabe-se, no entanto, que muitos dos assaltos feitos neste País desde que as FP-25 se constituíram e assumiram, fora perpetrados por marginais, como há dias afirmou em Monsanto o réu Gorben Lopes.

De nada valeu a segurança

De nada valeu, pela rapidez em que o ataque se desenrolou, a segurança do «Pão de Açúcar». Aliás, é curioso, foi a elementos da Sonasa, pouco depois das 10 horas da manhã de ontem, que os «intrusos» retiraram o dinheiro que aqueles se aprestavam para ir depositar no banco. Não foi às 8 nem às 9 horas, não foi às 13 nem às 14 horas: foi justamente às 10 e pouco...

«Foi tudo muito rápido», disse um dos comerciantes do Centro Comercial. Três dos homens, armados, entraram nos escritórios, disse um funcionário das relações públicas do supermercado, que se recusou contudo, a revelar o produto do roubo. Foi uma fonte

policial que adiantou o montante acima referido: cerca de vinte mil contos.

Apesar da sua rapidez, alguns dos clientes, apercebendo-se da ocorrência, entraram em pânico, ao ver três dos assaltantes de armas empunhadas e um outro, também com uma arma na mão — armas do tipo «G3» —, de vigia à porta principal. Assim o «Pão de Açúcar» ficou sem o dinheiro entrado nos seus cofres durante o fim-de-semana.

Os assaltantes, salvo o caso de Teresa Quaresma, não exerceram qualquer violência sobre os funcionários do «Pão de Açúcar».

Sempre a aviar: aí vão (já) sete

O assalto de ontem ao «Pão de Açúcar» foi o sétimo este mês e o 16.º já este ano. Ocorreu uma semana depois de um outro, do mesmo género, mas perpetrado numa acção na dependência do Banco Nacional Ultramarino.

O Banco Borges & Irmão, em Almansil, tinha sido assaltado por três homens dia 9, e dois dias antes registaram-se dois assaltos (no espaço de quinze minutos) à mesma instituição em Benedita (Alcobaça), de onde cinco homens levaram um milhão de contos; e ao Banco Pinto & Sotto Mayor, em Turquel, que rendeu aos seus três autores menos de 500 contos.

Dia 5: registaram-se também duas acções do género no mesmo dia: uma frustrada, na fábrica «Fiaco», em Coimbra; e outra, com êxito, no Banco Português do Atlântico, no Porto, com três homens levando quatro mil contos.

Em comparação com Maio, o mês de Abril foi mais calmo com «apenas» quatro ocorrências: a primeira logo no dia 1, quando quatro homens armados assaltaram a tesouraria da Caris, em Cabo Ruivo, levando 12 700 contos.

No dia 3 foi a vez do Banco Espírito Santo & Comercial de Lisboa em Carnaxide, com três homens armados a fugir com 500 contos. E no dia 22 a mesma instituição bancária viu a mesma quantia «sair» da sua dependência de Corroios, nos bolsos de outros três assaltantes.

Uma bomba de gasolina em Lisboa foi também alvo de dois homens armados, que levaram 450 contos.

Em Março, a única ocorrência foi registada no dia 19, quando três homens armados assaltaram a dependência do Crédito Predial Português no Barreiro, escapando com cerca de 500 contos.

Dois assaltos «agitaram» o mês de Fevereiro: o primeiro no dia 27, quando cinco encapuçados levaram 400 contos da Repartição de Finanças de Venda Nova, o segundo, logo no dia seguinte, em Queluz de Baixo, em que sete homens levaram 7300 contos da empresa «Acte».

Em Janeiro, aguardou-se até dia 6 para ser realizado o primeiro assalto do ano, à tesouraria da fábrica de pilhas da «Tudor» em Massamá (Cacém), de onde quatro homens armados levaram 6000 contos destinados a salários. Dia 31, dois homens assaltaram uma dependência do Banco Nacional Ultramarino, em Lisboa, fugindo com cerca de dez mil contos.

Dador

“apareceu”

algumas horas

depois...

Coração não chegou a tempo para doente de Santa Marta

Não chegou a tempo de lhe prolongar a vida, e provavelmente até de lhe assegurar uma existência minimamente normal, o coração que uma doente internada no Hospital de Santa Marta, ansiosamente esperava. Ela e toda a equipa médica chefiada pelo dr. Rui Bento, autora de uma transplantação cardíaca na passada sexta-feira que tem um homem de 36 anos a viver com dois corações, naquele estabelecimento hospitalar.

Foi por poucas horas que a mulher não foi salva. Internada no Santa Marta, a mulher aguardava uma «transplantação cardíaca urgente». Quando o dador apareceu ontem a mulher já tinha falecido.

De acordo com uma fonte hospitalar, só ontem o Hospital de Santa Marta recebeu a informação da existência de um novo coração em condições de ser transplantado. «Mas já era tarde», acrescentou o mesmo informador.

O director do Serviço de Cirurgia Cardiorrástica do Hospital de Santa Marta, Rui Bento, confirmou ter recebido a oferta de um coração que seria transplantado para uma doente de 36 anos, mas a oferta chegou algumas horas mais tarde.

O director do Serviço de Cirurgia Clínica daquele estabelecimento hospitalar acrescentou que «só se realizam transplantações quando o coração do doente tem poucas possibilidades de sobrevivência».

Aquele responsável disse que «a doente que faleceu tinha poucas possibilidades de sobrevivência sem um novo coração».

Homem do duplo encontra-se bem

O indivíduo que na passada sexta-feira juntou um outro coração ao seu, no Hospital de Santa Marta, encontra-se bem, segundo o director dos Serviços Cardio-Torácicos, Rui Bento.

O paciente, 36 anos, foi o terceiro a receber um coração novo e continua a ser assistido na unidade intensiva daquele hospital.

O transplante realizado sexta-feira foi efectuado num indivíduo natural de Lisboa que padecia de miocardiopatia incurável e de hipertensão pulmonar, com uma expectativa de vida que não ultrapassava os três meses.

Rui Bento acrescentou que o hospital está a preparar dois doentes para transplantes aguardando-se apenas a confirmação da existência de dadores.

Cerca de 150 doentes aguardam a oportunidade de serem sujeitos a transplantações cardíacas.

O primeiro transplante cardíaco realizado em Portugal ocorreu a 18 de Fevereiro no Hospital de Santa Cruz, em Carnaxide, e o segundo no mesmo estabelecimento hospitalar, a 23 de Abril.

Em tempo de “arregaçar as mangas”

A P E : nova direcção em casa nova

O novo presidente da Direcção da Associação Portuguesa de Escritores (APE), Óscar Lopes, disse ontem que os corpos gerentes vão «arregaçar as mangas» para cumprir tarefas como o financiamento e o alargamento da actividade da associação.

Ao falar esta tarde na «nova e condigna» sede da APE (São Domingos à Lapa), Óscar Lopes definiu como um dos principais objectivos dos corpos gerentes empossados «obter, não apenas o equilíbrio financeiro, mas uma base económica que permita à associação a eficiência necessária».

«É preciso que sejam conferidas à APE a categoria e as regalias das instituições reconhecidas oficialmente como de utilidade pública», disse.

Óscar Lopes acrescentou que a APE pretende «um estatuto legal semelhante ao da Sociedade de Autores, com participação directa na defesa e no exercício de direitos morais e materiais ligados às obras literárias que, segundo a lei vigente caíram no domínio público, numa aceção notoriamente indesejável desse verbo ‘cair’».

Depois de considerar que «é imperativo» defender a actividade dos tradutores, Óscar Lopes disse ser preciso «assegurar a presença e o apreço da obra literária portuguesa em toda a parte, quer nos países de expressão oficial portuguesa, quer em núcleos de emigrantes, quer nos grandes meios de Comunicação Social, quer nas escolas e nas associações regionais».

«Vamos continuar o movi-



Óscar Lopes quando ontem assinava a sua tomada de posse como presidente da APE

mento ligado à elaboração do caderno reivindicativo dos escritores», disse também, antes de apelar ao apoio ao Museu de Literatura do Porto.

Óscar Lopes preside a uma direcção de que são vice-presidentes Fausto Lopo de Carvalho e Maria Glória Padrão e que tem

como secretário-geral Carlos Eurico da Costa. David Mourão-Ferreira, presente ao acto, é o presidente da assembleia geral, secundado por Alexandre Babo. Os novos corpos gerentes eleitos pelos escritores portugueses exercerão funções até 1988.

A APE deverá, ainda este mês, inaugurar formalmente a sua nova sede no Bairro da Lapa e está a preparar o Terceiro Congresso dos Escritores Portugueses, com data provável em Novembro, e o Primeiro Congresso dos Escritores de Língua Portuguesa.

Casario clandestino da Arrábida começa a ser demolido em Outubro

• **Dois parques de campismo em Outão e Alambre**

As casas clandestinas da Arrábida têm os dias contados, devendo começar a ser demolidas a partir do final do Verão de 1986 — anunciou o secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais.

Por mais drástica que possa parecer, esta medida é uma das que pretende contribuir para a recuperação do Parque Nacional da Serra da Arrábida, onde se encontram instaladas grande parte das cerca de 600 casas clandestinas a destruir. A medida integra-se numa série de acções a desenvolver de imediato nos concelhos de Setúbal, Sesimbra e Palmela.

A operação só não atingirá as residências de pescadores locais, as quais não ultrapassarão, no entanto, a meia dúzia, se-

gundo Carlos Pimenta. Admite-se mesmo assim que sejam demolidas numa segunda fase, após o realojamento dos locatários.

Carlos Pimenta declarou-se intransigente no propósito de reconverter a Arrábida numa «zona de usufruto público», liquidando o que considerou um produto de «má formação e egoísmo cívico».

«Somos dez milhões de portugueses com direito ao litoral — afirmou aos jornalistas que o acompanharam na visita. «É in-

concebível que uns tantos pretendam uma parcela só para si», acrescentou.

Entre as intenções do mesmo sentido expressas pelo secretário de Estado do Ambiente conta-se também o encerramento, a curto prazo, de duas pedreiras situadas à entrada de Setúbal, as quais disse estarem a atingir a cumeada na serra, provocando uma alteração do regime de ventos com efeitos negativos na conservação do parque.

Visitas guiadas à serra, itinerários e estudos sobre as riquezas da fauna e flora daquele parque natural, são algumas das acções que as entidades responsáveis têm previstas para o local

e que, segundo Carlos Pimenta, vão transformar o Serviço Nacional de Parques e a sua própria Secretaria de Estado num «órgão vivo e não apenas burocrático e licenciador».

Pedreiras vão ser ordenadas

Carlos Pimenta disse ainda ser urgente fazer parar a degradação, o que passa pelo estancamento das habitações clandestinas e o ordenamento das pedreiras da serra da Arrábida, cujo crescimento é bem-vindo, mas em condições que não contribuam para a devastação paisagística e a alteração do microclima ali existente.

Quanto às pedreiras, nomeadamente às subsidiárias da Fá-

brica de Cimento «Secil», situada no local, serão também objecto de medidas do Governo visando uma recuperação paisagística sintonizada com a sua exploração.

Outros projectos consistem na criação de dois parques de campismo, em Outão e Alambre, o primeiro já em acabamento, com os quais se pretende absorver a procura turística do Parque da Arrábida com o mínimo de prejuízos ecológicos.

Além destes conta-se o aproveitamento do Forte de Santa Maria, localizado num dos pontos mais frequentados da zona, como centro de acolhimento e orientação de visitantes, proporcionando-lhes indicações

quanto aos atractivos da zona e pedagogia cívica.

Entre as obras previstas na fortaleza foi referida a criação de aquários representativos da fauna e flora marítimas locais.

A recuperação e animação do património são, para Carlos Pimenta, as linhas prioritárias a seguir na política a desenvolver pela Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais.

«É certo que essa animação tem faltado» — sublinhou o secretário de Estado, «mas para que isso não aconteça há que coordenar as acções dos diversos organismos em presença e não pensar que estamos eternamente condenados a ver desaparecer o nosso património».

Lei de Bases

MEC oferece colaboração à AR

O ministro da Educação afirmou ontem à chegada a Lisboa que o seu ministério está inteiramente ao dispor da Comissão de Educação da Assembleia da República.

Falando aos jornalistas após uma viagem de trabalho a Espanha, Holanda e Suécia, o ministro adiantou que «o ministério não se quer fazer convidar mas, dado o carácter mais técnico de alguns aspectos da Lei de Bases do Sistema Educativo, os seus técnicos poderão auxiliar a comissão parlamentar».

João de Deus Pinheiro disse ainda que não faz sentido o Governo apresentar qualquer proposta de lei sobre a matéria uma vez que a mesma é da competência exclusiva da Assembleia da República.

O ministro esteve presente em Madrid na abertura da primeira conferência Ibero-Americana de Desporto e Educação Física, tendo aproveitado ainda a sua estada na capital espanhola para apreciar globalmente a questão da presença cultural portuguesa em Espanha.

Na Suécia, João de Deus Pinheiro, para além de visitas a instituições de ensino normal e integrado de deficientes, debateu numa universidade do Norte do país a cooperação a curto prazo nos campos da biologia molecular, medicina dentária e despoluição de zona aquáticas.

Analizou ainda os mecanismos de financiamento universitário, importante para Portugal por o Governo estar prestes a propor legislação neste domínio, e outros aspectos da cooperação cultural.

Cinquentenário da Academia de História

"Novo papel histórico a desempenhar no plano da cultura europeia"

— **lembrou o Presidente da República**

«Numa nova fase da existência portuguesa, os homens da cultura têm um papel essencial a desempenhar» — afirmou o Presidente da República, Mário Soares, na sessão comemorativa do cinquentenário da restauração da Academia de História, efeméride ontem evocada. Mário Soares, que é estatutariamente evocado da Academia, presidiu à sessão comemorativa do cinquentenário da restauração da instituição, em que foram entregues medalhas aos académicos com mais de 25 anos de filiação.

A secretária de Estado da Cultura, Teresa Gouveia, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Krus Abecasis, e o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Azeredo Perdigão, receberam placas comemorativas dos 50 anos de restauração da mencionada restauração.

«No momento em que, numa nova fase da existência histórica, Portugal é chamado a responder a novos desafios, no plano da Cultura europeia e universal, os historiadores, os investigadores, os eruditos, os homens da Cultura, em suma, têm um papel essencial a desempenhar» — frisou o Presidente da República, que elogiou o trabalho desenvolvido pela Academia Portuguesa de História.

O presidente da instituição, Joaquim Veríssimo Serrão, sa-

lientou, por sua vez, as actividades da Academia e as relações de intercâmbio cultural «que nos valorizam reciprocamente».

«A nossa Academia é das instituições congêneres nacionais a que tem mantido mais estrito contacto com as homólogas do estrangeiro», disse Veríssimo Serrão, acrescentando que 20 historiadores estrangeiros consagrados são membros correspondentes da Academia, existindo também relações estabelecidas com 33 países.

«A Academia Portuguesa de História tornou-se respeitada ao longo dos anos, pelo trabalho criador e pelo ambiente de tolerância que nela existe» — disse ainda Veríssimo Serrão.

O secretário-geral da Academia, Isaias Pereira, e o aca-

démico de mérito por elevação, Torquato de Sousa Soares, fizeram alocações sobre o passado da Academia, o seu contributo para a História de Portugal, e aludiram também aos trabalhos publicados.

Por fim, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa anunciou que o Executivo camarário iria atribuir a Medalha de Mérito da Cidade de Lisboa à Academia.

A Academia Portuguesa de História é a «legítima herdeira da mais antiga Academia Nacional» — a Academia Real da História Portuguesa, fundada por D. João V, em 1720.

Durante dezenas de anos esta instituição desenvolveu uma actividade cultural de grande relevância, mas por circunstâncias ainda pouco conhecidas começou a desagregar-se na segunda metade do século XVIII, acabando por se extinguir naturalmente.

A Academia Portuguesa de História é tutelada pelo Ministério da Educação e Cultura, realizou cerca de 1100 sessões de estudo e publicou mais de 200 obras, em vários volumes. É seu actual presidente, como acima se disse, Joaquim Veríssimo Serrão.

Por defender concurso público

EDP reduz ao silêncio e à inactividade um dos seus técnicos mais prestigiados

A atribuição à Mague, sem concurso público, do fornecimento de equipamentos para os despojeiros da central eléctrica de Sines provocou o afastamento e a redução à inactividade de um dos mais prestigiados técnicos da EDP, o eng. Vilarinho Pereira.

Este técnico **«de reconhecida competência, prestigiado e considerado por todos os colegas»**, como diz o Sindicato das Indústrias Eléctricas, é um dos principais responsáveis, desde 1982, pelo serviço de manuseamento de carvão, remoção de escórias e cinzas volantes e despojeiros. Mas ele ousou apontar as desvantagens técnico-económicas da entrega daqueles fornecimentos extracontratuais à Mague sem a realização de concurso público e, como reacção da empresa, abateu-se sobre ele um processo discriminatório retirando-lhe a EDP todas as funções que vinha exercendo e colocando-o na situação de inactividade.

A Mague é considerada como fornecedora única de grupos geradores de vapor para centrais térmicas clássicas, por um Acordo de Energia celebrado em 1979 com o Ministério da Indústria e Tecnologia e a EDP.

O Acordo é válido por 10 anos mas não compreende, nomeadamente, o sistema de remoção de escórias, o sistema de renovação de cinzas volan-

tes e os despojeiros que poderiam ser assim, adquiridos em concurso aberto.

Foi essa aquisição, em concurso aberto a outras empresas, mais vantajoso para a EDP, que o eng. Vilarinho Pereira propugnou, juntamente com os técnicos do Departamento de Engenharia e a equipa de projectos da nova central de carvão de Sines. Em Março de 85, estando o eng. Vilarinho de baixa, com hepatite, a EDP decidiu atribuir todos os fornecimentos à mesma empresa. Os protestos e reclamações hierárquicas posteriores valeram-lhe a colocação na situação de inactivo no dia 17 de Janeiro deste ano, sem que tenha minimamente sido posto em causa a sua proposta de concurso aberto ou os fundamentos técnico-económicos.

O Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas, que trouxe à luz da opinião pública este caso, considerou «ilegal» a decisão da EDP e disse que dela **«envolve e reflecte a existência e utilização de meios subtis de repressão»**. Além disso anunciou que vai acionar os mecanismos jurídicos e sindicais para repor o eng. Vilarinho Pereira no exercício das suas funções. Ao mesmo tempo, apelou para a solidariedade de todos os trabalhadores da EDP **«no sentido de repor a legalidade e impedir que situações semelhantes se venham a repetir»**.



E o turista quis levar uma recordação das nossas meninas bonitas

Menos 48,9 por cento de americanos em Abril

Turistas: sejam bem-vindos os senhores que restam

As autoridades portuguesas do sector do turismo voltam este ano a aplicar a velha receita de dar prendas aos turistas que porventura subam ou desçam a Rua Garrett, em Lisboa. Repete-se mais uma vez um acto simbólico que assinala o «Dia do Turista», na presunção de que se trata de uma «surpresa agradável».

Claro que, em boa verdade, se trata de um simpático gesto, traduzido na oferta de flores e pequenas lembranças (certamente galos de Barcelos, pois então), com distribuição a cargo de 25 bonitas portuguesas (a classificação não é nossa), vestidas com trajes típicos.

Para além do mais, embora já se tenha transformado numa operação burocrática, esta oferta tem este ano um significado diferente, na medida em que os indicadores do sector do turismo são muito pouco tranquilizadores. Se não, vejamos: o número de turistas estrangeiros entrados em Portugal no mês de Abril decresceu este ano 7,3 por cento relativamente ao mesmo mês do ano passado.

Mais grave é a leitura dos números se pensarmos em termos de dólares (United States): a queda no número de americanos que se interessam

por Portugal de forma suficientemente intensa para não temerem actos de terrorismo desceu em 48,9 por cento, ainda tomando como termo de comparação os meses de Abril deste ano e do ano passado.

Aqui está, pois, como com amor se paga o amor de quantos resistem e insistem em vir até cá, mesmo depois de aquele arquitecto inglês ter feito queixinhas ao nosso Primeiro-Ministro, em directo pela BBC, lembrando-lhe os nossos horrores arquitectónicos, como não há outros na Europa.

Assim, justificam-se os objectivos que ditam a repetição da iniciativa: o turismo é um dos nossos maiores bens nos dias que correm, nós gostamos muito dos turistas, eles trazem moeda forte e, além do mais todos acalentamos o velho sonho de, quando formos grandes, irmos para turistas.

Páscoa tem culpas no cartório

Claro que oficialmente há uma explicação, que até temos de aceitar como boa, para a quebra de entrada de turistas no mês de Abril deste ano que corre remansoso. Não, não foi o frio nem a chuva. A explicação é que este ano a Páscoa bateu no mês de Março e esse é um dos meses preferidos pelos turistas, particularmente os espanhóis, para virem até cá observar como somos bons cristãos e nos penitenciamos na época pascal.

Quanto à descida no número de sobrinhos...do tio Sam, parece que todos estamos de acordo. Trata-se mesmo de medo, ou pelo menos receio, de que alguns árabes se ocultem sob o tostado da pele de outros tantos lusos e lhes dê para fazerem algum atentado.

Aliás, foram mesmo as autoridades americanas que aconselharam os seus concidadãos a fazerem meia volta nos seus planos de férias, pensarem bem os prós e os riscos das ocidentais praias lusitanas e a ficarem-se por um passeio lá pelos arrabaldes, qualquer coisa menos triste que o «Cascais-Guincho-Sintra-Santa Apolónia», mas ainda assim sempre com o pé bem firme em terra americana.

Tudo começou que não tenha com o afundamento de uns navios patrulha libios, a 24 de Março, reforçado com um bombardeamento a duas cidades do mesmo país, a 15 de Abril. Os responsáveis americanos pensaram que podia haver resposta a outro nível e deram o tal conselho que, por acaso, sempre faz baixar um pouco os gastos de dólares no estrangeiro. Não será coisa que se veja para eles mas para nós tem grande peso...

Ainda assim, neste Abril, houve 825265 americanos que arriscaram, e bem, porque nada lhes aconteceu. A quebra de visitas com outras origens também é evidente: menos 9,5 por cento de espanhóis, menos 2,8 por cento de franceses e os tais menos 48,9 por cento de americanos.

Os ingleses, em contrapartida, não se deixaram atemorizar e até nos ajudaram com mais 20 por cento de visitas. Os alemães federais igualmente não encontraram razões para trocarem a nossa terra por uma qualquer região. E vieram mais 8,3 por cento.

Se fosse este ano, com um pouco de sorte, até podiam poupar uns tostões em «souvenirs». Bastava-lhes passarem esta manhã pela Rua Garrett, em Lisboa, onde 25 belas representantes da nossa feminilidade os aguardavam.

No total, 24 casos com 11 mortes

Mais nove casos de SIDA

Nove casos novos suspeitos de SIDA foram notificados ao centro de vigilância epidemiológica das doenças transmissíveis nos três primeiros meses de 1986, refere um documento agora divulgado. No mesmo período, verificaram-se quatro mortes, afirma o relatório, elaborado pelo grupo de trabalho da SIDA. Os nove casos de SIDA diagnosticados este ano correspondem a metade do total de casos conhecidos em Portugal até 31 de Dezembro de 1985.

Até agora, 24 pessoas foram atingidas pela doença e 11 morreram em Portugal entre 1983 e fins de Março de 1986. A doença atingiu e vitimou sobretudo homossexuais do sexo masculino com idades compreendidas entre os 20 e os 39 anos: o documento refere que 46 por cento dos doentes se incluem nessa faixa etária e 96 por cento dos casos se observaram em homens.

Os hemofílicos são o segundo grupo de risco no qual se verificaram casos de SIDA. Não há registo de doentes no grupo de risco constituído pelos toxicodependentes.

O documento alude ainda a um caso de SIDA num indivíduo do sexo masculino entre os 10 e os 14 anos e a um caso de SIDA de um indivíduo com mais de 60 anos.

«A infecção oportunista» e «infecção oportunista associada a sarcoma de Kaposi» são as causas de morte mais frequentes entre os atingidos pelo síndrome de imunodeficiência adquirida.

Entre os casos diagnosticados no primeiro trimestre de 1986, o documento refere os de dois homossexuais, um de 27 e outro de 36 anos, ambos atingidos por uma infecção oportunista, «pneumocystis carinii». O primeiro destes indivíduos morreu no Hospital de Santa Maria. O outro permanece ali internado.

Um bissexual de 49 anos, falecido no Hospital Joaquim Urbano e um cabo-verdiano de hábitos sexuais desconhecidos, que morreu nos Hospitais Cívicos de Lisboa são ainda incluídos nos casos notificados nos três primeiros meses do ano.

O documento refere também a morte de dois hemofílicos, um de 23 e outro de 35 anos, no Hospital de São João, no Porto.

Um total de 2 006 casos de SIDA em 23 países da Europa foram notificados até 31 de Dezembro ao centro da OMS que se ocupa da doença.

A França, a RFA, a Grã-Bretanha e a Itália são os países com maior número de casos novos, respectivamente 107, 82, 62 e 48 em 1985.

As taxas de prevalência mais elevada observam-se na Suíça — 13,4 por milhão de habitantes — na Dinamarca — 13,3 por milhão de habitantes — e França — 10,4 por milhão de habitantes.

As taxas europeias são consideradas relativamente baixas em comparação com a dos Estados Unidos: 67 por milhão de habitantes.

Não há notícia de SIDA na Checoslováquia, Polónia e Hungria. Não foram fornecidos à OMS elementos sobre a situa-

ção na Islândia e União Soviética.

O Centro Colaborativo da OMS para a SIDA refere que a mortalidade observada foi de 50 por cento, devido a duas causas principais: infecções oportunistas isoladas ou acompanhadas por sarcoma de Kaposi (uma forma de cancro da pele).

Homens são a maioria

Os dados recolhidos pela OMS em 23 países indicam que 91 por cento das vítimas da SIDA são homens, ocorrendo 40 por cento dos casos no grupo etário dos 30 aos 39 anos.

Os homossexuais ou bissexuais masculinos aparecem como o principal grupo de risco, com 67 por cento dos casos, seguindo-se um grupo sem factor de risco conhecido, constituído predominantemente por indivíduos não europeus, com 15 por cento dos casos.

Os toxicodependentes são o terceiro grupo de risco (7 por cento dos casos) e, por último, surgem os hemofílicos e transfusionados, com três por cento dos casos cada um.

Há 58 casos de SIDA em crianças, declarados por 11 países. Tratava-se de filhos de pais com SIDA ou pertencentes a um grupo de alto risco para o síndrome. Em 16 casos, a contaminação foi sanguínea, diz o documento.

A partir de Dezembro de 1984, os casos de SIDA entre o grupo dos toxicodependentes aumentaram de 10 em sete países para 148 em nove países, afirma o relatório sobre a situação da SIDA na Europa, incluído no relatório português.

Este relatório cita dois casos de contágio pela SIDA, notificados para o Center of Disease Control, de Atlanta, EUA, em que a infecção foi transmitida através de contacto com sangue e outros produtos.

O primeiro refere-se a uma mãe contagiada ao tratar do filho que sofria de SIDA desde a nascença e morreu com dois anos de idade. O outro fala de uma mulher que desenvolveu SIDA depois de ter cuidado de um homem natural do Ghana, diagnosticado de SIDA num exame pós-mortem.

Em ambos os casos, os cuidados implicaram contactos frequentes com secreções e excreções do doente, e também com sangue.

«Torna-se de extrema importância que sejam seguidas as recomendações aos trabalhadores de saúde para evitar a transmissão por exposição a sangue e outros produtos, nomeadamente o uso de luvas e batas e, em certos casos, máscaras e óculos» afirma o documento.

Por lei aprovada pelo Bloco Central (PS/PSD)

Mais de um milhão de famílias tem rendas mais caras em Julho

A entrada em vigor da lei depende da votação de uma Portaria, esta tarde

Mais de um milhão de famílias portuguesas vão ver as suas rendas de casa aumentadas, nalguns casos quase para o dobro, já a partir do mês de Julho se a Assembleia da República aprovar esta tarde a Portaria sobre os subsídios de rendas, cuja rectificação foi requerida pelo Partido Comunista.

Da entrada em vigor da Portaria depende a plena aplicação da lei, que vai alterar o congelamento de rendas de casa vigente desde há 38 anos nos concelhos de Lisboa e Porto. A Lei das Rendas foi aprovada no Parlamento a 20 de Setembro do ano passado (é a Lei 46/85) e a Portaria sobre os subsídios foi hoje mesmo publicada no «Diário da República». Mas ela só entra em vigor depois de a As-

sembleia da República a aprovar, em função do pedido de ratificação do PCP.

A Lei foi votada com o PS no Governo (a paternidade dela é do Bloco Central, PS-PSD) e a Portaria que vai ser hoje votada apanha já o PS na oposição.

No continente, a globalidade dos contratos de arrendamento corresponde a uma renda média de 1170 escudos que, por efeito da correcção extraordinária,

será elevada para 2065 escudos, ou seja, registará um aumento de 76,5 por cento.

De um total de 1 069 613 contratos de arrendamento sujeitos a aumento pela entrada em vigor da Lei das Rendas, 20,3 por cento (216 653) estão abrangidos pelas condições gerais de acesso ao subsídio de renda e, destes, 60 por cento (130 mil) beneficiarão de subsídios iguais aos aumentos.

Os subsídios serão atribuídos de acordo com cálculos efectuados aos rendimentos familiares dos candidatos a partir da avaliação da «taxa de esforço» (percentagem de rendimentos) que podem gastar com rendas de casa.

Um documento de apoio elaborado pelo Governo e divulgado pela Anop, precisa que, do universo dos possíveis beneficiários, 130 mil receberão «subsídios, iguais ao aumento», 6 a 21 por cento receberão «subsídios parciais» e 16,4 por cento não terão direito a qualquer subsídio.

O documento anuncia ainda «subsídios especiais a atribuir caso a caso» para deficientes com um grau de incapacidade superior a 60 por cento.

Mas, Lisboa é também a cidade em que as rendas de casa mais aumentam — 1338 escudos em média — ao passarem de 1353 para 2691 escudos (em média).

No Porto, o aumento médio é de 943 escudos — as rendas

passam de um valor médio de 1330 para 2273 escudos — enquanto nos «outros concelhos» as rendas aumentam 782 escudos ao passar de 1104 para 1886 escudos.

Responsabilidade pelas obras

No que respeita à capacidade das famílias para «aguentar» os aumentos introduzidos pela lei das rendas, o Governo anuncia um montante global de 1,4 milhões de contos para «implementar o sistema», dos quais 1,166 milhões se destinam, directamente, ao pagamento de subsídios.

Quanto às obras de beneficiação das casas, a cargo dos senhorios e que estão implícitas na lei, o governo estipula que, nos casos em que o senhorio e o inquilino «não se entendam», a Câmara Municipal do Concelho onde se situa a casa pode ordenar ao senhorio que «faça as obras» requeridas pelo inquilino. Nesta situação, o inquilino tem «a faculdade de depositar à ordem do Município a parte da renda correspondente à actualização».

Outra hipótese, igualmente prevista, é que as Câmaras, «porque passam a dispor de especiais de financiamento que as liberta do recurso aos seus próprios orçamentos», façam elas próprias as obras requeridas pelos inquilinos.

Nesse caso ficam com a possibilidade de reter não só os depósitos entretanto feitos pelos

inquilinos para pagar os aumentos, como ainda 70 por cento do valor global da renda «durante o tempo necessário ao reembolso integral das despesas e dos respectivos juros».

Por último, também os inquilinos podem, eles próprios, «fazer as obras» se a Câmara, num prazo de 120 dias, não se quiser substituir ao senhorio e, tal como os municípios, podem igualmente fazer-se pagar pelos depósitos feitos para o pagamento dos aumentos e reter 70 por cento do valor global da renda.

Rendas-limite

A Portaria hoje publicada no DR fixa ainda as rendas-limite de acordo com o estipulado no Decreto-Lei 68/86, de 27 de Março, estando os preços de habitação por metro quadrado de área útil referidos às tabelas do subsídio de renda aplicáveis no cálculo de rendas de fogos em regime de renda condicionada e tendo-se utilizado o coeficiente de vestustez adequado à idade média do parque habitacional.

A tabela de rendas limite, para 1986, passa a ser pois a seguinte, sendo o primeiro número correspondente às pessoas que formam o agregado familiar e o segundo à renda limite que poderão pagar:

1 — 6 900 00; 2 — 9 600 00; 3 — 11 200 00; 4 — 12 500 00; 5 — 14 00 00; 6 — 15 000 00; 7 — 15 700 00; 8 — 17300 00; 9 — 19 000 00; e 10 e mais — 20 200 00.

Mineiros da Panasqueira não pagam taxa de TV

Os trabalhadores das Minas da Panasqueira (Beira Baixa) decidiram não pagar a taxa de Televisão enquanto a RTP não noticiar as greves problemas que afectam os mineiros — afirmou o Sindicato da Indústria Mineira do Norte.

Em comunicado, o Sindicato acrescenta que esta posição se deve ainda ao facto de a RTP «continuar a esquecer» os referidos problemas e «concretamente a manobra que se está a passar nas Minas da Panasqueira».

O documento refere a intenção de despedimento de 527 trabalhadores por parte da empresa, o que é encarado pelo Sindicato como situação que põe «em causa a economia da região e do País».

BESCL emite seis milhões de títulos de participação

O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa colocou hoje em subscrição pública 6 milhões de contos de títulos de participação.

A emissão, aberta à subscrição pública de 20 de Maio a 27 de Junho, é a segunda colocação de títulos de participação que se verifica no mercado português e segue-se à do Banco Português do Atlântico, realizada em Abril, no montante de 3 milhões de contos.

Os títulos, de valor nominal de mil escudos, são emitidos ao par, com pagamento integral no acto de subscrição e sem rateio.

Os dois primeiros dias da emissão serão reservados aos pequenos aforradores para subscrição de montantes não superiores a 500 contos — referiu uma fonte do banco.

O BESCL assegura aos subscritores destes títulos um rendimento nominal mínimo de 17,39 por cento, isento de impostos e à taxa actual de referência do mercado de capitais.

No caso da emissão do BESCL, a parte fixa do rendimento incide sobre 75 por cento do valor nominal dos títulos, à taxa de referência do mercado de capitais em vigor no início de cada período anual de pagamento de juros, acrescida de 5 por cento.

A parte variável incide sobre 25 por cento do valor nominal e é calculada em função dos resultados consolidados do banco.

Os rendimentos são pagos anualmente, durante o mês de Junho, com início em 1987 e o reembolso realiza-se ao fim de 10 anos por iniciativa do banco ou por iniciativa dos subscritores, mediante acordo do banco.

O rendimento dos títulos goza de vantagens fiscais, nomeadamente isenção de imposto de capitais, complementar e de sucessões e doações.

Os aumentos em números

Total dos contratos a alterar: 1 069 613

Renda média actual: 1170 escudos

Renda média depois do aumento: 2065 escudos

Concelho de Lisboa:

Total de contratos a alterar: 184 327

Renda média actual: 1353 escudos

Renda média aumentada: 2691 escudos

Aumento médio: 1338 escudos

Concelho do Porto:

Total de contratos a alterar: 110 139

Aumento médio das rendas: 943 escudos

Restantes concelhos:

Total de contratos a alterar: 775 147

Aumento médio das rendas: 782 escudos

COTAÇÕES



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46870	52870
ALEMANHA FED. (marco)	66830	67850
ÁUSTRIA (xelim)	9835	9855
BÉLGICA (franco)	38086	38286
BRASIL (cruzado)	4800	6850
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	107820	109570
(notas de 5 a 1000)	107870	110820
DINAMARCA (coroa)	17890	18830
ESPAÑA (peseta)	18017	18137
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	147860	151810
(notas de 5 a 1000)	148810	151860
FINLÂNDIA (marka)	28870	29830
FRANÇA (franco)	20880	21850
HOLANDA (florim)	58885	59895
IRLÂNDIA (libra)	202850	206850
ITÁLIA (lira)	8088	8098
JAPÃO (iene)	8853	8888
NORUEGA (coroa)	19850	20800
REINO UNIDO (libra)	224895	229845
SUÉCIA (coroa)	20870	21820
SUIÇA (franco)	79825	80875
VENEZUELA (bolivar)	6865	7865

Observações:

1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Manifestação às 18.30 frente à Assembleia

A discussão, agendada para esta tarde na Assembleia da República, do Decreto-lei regulamentador do subsídio de rendas — de que está dependente a entrada em vigor da lei propriamente dita — leva hoje ao largo fronteiro à Assembleia uma manifestação convocada pela União dos Sindicatos de Lisboa, a Associação de Inquilinos, o Murpi e o MDM.

A concentração, com a palavra de ordem «Não à lei das rendas», foi marcada para as 18.30 e visa combater a lei e o subsídio que o Governo pretende impor e que os organizadores da «manif» consideram uma fraude.

As organizações promotoras da concentração advertiram que «a lei não pode ser implementada sem serem postas

em prática as respectivas Portarias» e afirmam, em comunicado, que a lei das rendas «é desumana e, a ser aplicada, provocará uma onda de despejos de graves repercussões sociais, já que a maioria dos portugueses não poderá pagar os previstos e brutais aumentos de rendas na ordem dos 300 a 400 por cento, ou mais».

A USL, o MDM e o Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos, para além de convocarem o povo de Lisboa à contestação desta lei, garantiram ser necessário que os deputados «conscientes das consequências gravosas que a aplicação de lei terá, digam não a este projecto recusando assim a aplicação de uma lei injusta, anti-social e desumana».

Função pública também toma posição

Segundo informação do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores, os Centros Regionais de Segurança Social, por indicação da Secretaria de Estado da Segurança Social, já gastaram mais se 500.000 contos «verbas volumosas cujos objectivos e intenções finais são pouco claras. Por exemplo, em Lisboa, num edifício onde funcionava um infantário, que encerrou por não haver dinheiro para obras de manutenção, trabalha-se a todo o vapor para que no dia 1 de Junho, com pompa e circunstância, se anuncie mais uma medida «social» do actual Governo.»

"Raid" a países vizinhos provocou algumas vítimas

Ataques de Pretória inviabilizam missão de paz da Commonwealth

O triplo ataque sul-africano contra instalações do ilegalizado Congresso Nacional Africano (ANC) no Zimbábue, Zâmbia e Botswana, para além da condenação de numerosos países, suscitou a nível interno reacções contraditórias. Assim, enquanto a extrema-direita sul-africana apoiou as operações, a oposição condenou-as vigorosamente.

Helen Suzman, porta-voz do Partido Federal Progressista (PFP) na oposição do Parlamento branco, considerou que os ataques foram possivelmente «a última gota de água» que fará transbordar o copo, levando à aplicação de novas sanções contra a África do Sul.

«O espectro de um formidável poderio contra vizinhos indefesos não é muito bem acolhido», declarou Suzman, que regressou recentemente de conversações nos Estados Unidos.

Em contrapartida, o partido conservador aplaudiu os ataques, classificando-os de «necessários e altamente oportunos». O seu porta-voz para a defesa, Koos Van Der Merwe, afirmou que as forças de segurança «mostraram uma vez mais que estão em posição de superar os inimigos da África do Sul em todos os níveis e os que albergam terroristas devem seriamente tomar nota».

Em Londres, o secretário-geral da Commonwealth, Shridath Ramphal, acusou Pretória de ter «declarado guerra à paz na África Austral» e condenou os ataques como «actos flagrantes de guerras».

Segundo Ramphal, «o esforço de paz da Commonwealth estava a resultar demasiado bem para o gosto de Pretória», que «está a dar a sua resposta da maneira mais brutalmente orquestrada» às diligências da comunidade britânica «para acabar com o apartheid por meios pacíficos».

De referir que a delegação da Commonwealth que se encontrava na África do Sul em

missão de paz, decidiu pôr termo à visita, na sequência dos ataques de Pretória.

A África do Sul justificou os ataques desencadeados contra alvos nos três países vizinhos afirmando que não tinha outra alternativa que não fosse aquele tipo de acção contra o ANC.

A rádio sul-africana, que reflecte a opinião do governo, sublinhou num editorial que os países vizinhos da África do Sul tinham sido repetidamente avisados para não autorizarem o ANC a operar a partir do seu território.

Ora, quando todos os avisos são ignorados, nenhuma alternativa resta que não seja a acção directa — referiu a emissora.

As vítimas

Numa declaração lida através da rádio de Lusaca, o presidente zambiano Kenneth Kaunda afirmou que as primeiras informações mostram que duas pessoas morreram no ataque, que apelidou de «acção infame e covarde».

Em Gaborone, capital do Botswana, testemunhas disseram que os atacantes sul-africanos, que se fizeram transportar em oito helicópteros, lançaram bombas e explosivos contra a aldeia de Mogoditshane, perto da cidade, mantendo pelo menos uma pessoa e ferindo outra.

Julga-se que o morto seja um funcionário governamental do Botswana que estava a dormir na altura do ataque.

Os comandos que atacaram no Botswana saltaram dos heli-

cópteros e dispararam indiscriminadamente, adiaram as testemunhas. Disseram que o ataque durou cerca de 30 minutos.

Os sul-africanos, que lançaram panfletos advertindo os soldados da força de defesa do Botswana para não interferirem, para sua própria segurança, disseram que estavam a atacar alvos dos geurilheiros do ANC.

«Esses bandidos do ANC infiltram-se no nosso país e matam mulheres e crianças inocentes de todas as raças», afirmam os panfletos, que acrescentam: «consideramos as pessoas do Botswana como nossos amigos e vizinhos e não lutamos contra vocês. Infelizmente, o vosso governo apoia esses bandidos do ANC que aterrorizam pessoas inocentes no nosso país».

Entretanto a Ano agência noticiosa sul-africana independente, afirma que foram mortas quatro pessoas no ataque a Gaborone, capital do Botswana.

Governo português deplora

O Governo português condenou os ataques sul-africanos, afirmando deplorar o clima de violência existente.

Tratou-se de «um acto de violência que Portugal deplora e condena» — refere um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O comunicado refere que o Governo português nunca deixou de condenar as violações fronteiriças e lamentou o facto de os ataques de ontem terem ocorrido num momento em que decorriam iniciativas tendentes a proporcionar o diálogo entre o governo sul-africano e o Congresso Nacional Africano (ANC).

«O Governo português, ao condenar esta acção do governo sul-africano, não pode deixar de a considerar numa perspectiva

global em que a violência gera violência, como o tem demonstrado o passado, recente na África d Sul» — adianta.

A Comunidade Económica Europeia, através de um porta-voz ministerial holandês, também condenou os ataques sul-africanos contra os Estados negros vizinhos. A Holanda detém presentemente a presidência da CEE.

Outras reacções

Numerosos países condenaram igualmente as invasões de Pretória aos países vizinhos, nomeadamente a Grã-Bretanha, o Brasil, Espanha, URSS, e EUA. De África destacam-se os protestos da República Popular de Moçambique e de todos os países da Linha da Frente.

O governo da República Popular de Moçambique, através de um comunicado do seu Conselho de Ministros, afirma que os ataques contra o Botswana, Zâmbia e Zimbábue contrariam os «esforços na busca de uma solução pacífica face aos graves conflitos prevalentes na África Austral».

O documento defende que as acções sul-africanas contra os três Estados devem ser vistas no contexto da «política belicista sistemática» movida pelo governo de Pretória contra os países da região. E exorta a comunidade internacional a tomar «medidas efectivas e eficazes que travem a escalada de violência e de guerra» movidas por Pretória.

Ao condenar em Lusaca os ataques sul-africanos, o presidente Kaunda responsabilizou o presidente norte-americano, Ronald Reagan, por ter criado um precedente com o seu recente ataque à Líbia.

Numa conferência de imprensa rapidamente convocada, Kaunda lembrou que já havia alertado que Pretória emularia os «raids» norte-americanos contra Trípoli e Bengasi.

Redução do orçamento dos EUA

Decisão do Congresso afecta projectos ambiciosos de Reagan

O presidente norte-americano, Ronald Eaga, prepara-se esta semana para disputar uma dura batalha no Congresso dos Estados Unidos em defesa dos aspectos que considera fundamentais das políticas externa e de defesa do seu Governo.

Estão agendados para os próximos dias dois debates que se afiguram particularmente difíceis para o Governo de Reagan: o orçamento do Pentágono e as vendas de armas à Arábia Saudita.

A Câmara dos Representantes, com maioria democrata, eo Senado, onde dominam os republicanos, procuram uma solução de compromisso para o orçamento de defesa, para o ano fiscal de 1987 (que entra em vigor no próximo dia 1 de Outubro), mas parece inevitável uma forte redução das despesas militares previstas na proposta apresentada pela Administração.

A casa Branca apresentou uma proposta de orçamento militar de 320 000 milhões de dólares mas o Senado só autorizou 301 000 milhões e a Câmara dos representantes 285 000 milhões de dólares.

O presidente Reagan e o secretário de Defesa, Caspar Weinberger, afirmaram que as verbas propostas pelo Congresso são «totalmente inadequadas» e significariam «riscos inaceitáveis» para a defesa do Ocidente perante o «permanente aumento do militarismo soviético».

Observadores considera que a decisão do Congresso pode significar um sério revés para os

projectos mais ambiciosos da Administração norte-americana para o segundo mandato de Reagan.

Os observadores indicam que a Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI) ou «Guerra das Estrelas», a modernização e reequipamento das Forças Armadas norte-americanas e os programas militares secretos podem ficar adiados ou «congelados» com a redução das verbas atribuídas ao Pentágono.

Na hipótese mais favorável, os líderes republicanos do Senado e da Câmara dos Representantes esperam poder fazer aprovar um orçamento de 310 000 milhões de dólares.

A venda de mísseis norte-americanos à Arábia Saudita, por 354 milhões de dólares, foi rejeitada pelas duas Câmaras do Congresso, por uma maioria de mais de dois terços, e Ronald Reagan anunciou a intenção de vetar a decisão. Para o fazer, precisa de conquistar o apoio de pelo menos 12 senadores.

A rejeição da venda de armas à Arábia Saudita é uma das consequências do sentimento anti-árabe suscitado na opinião pública norte-americana pela própria Casa Branca para justificar o ataque aéreo de 14 de Abril contra a Líbia.

A Administração Reagan alega que o fornecimento de armas ao regime — moderado e pró-ocidental — de Riade é «absolutamente indispensável» para defender os interesses norte-americanos no Médio Oriente e ajudar a Arábia Saudita a resistir a uma eventual vitória do Irão na guerra contra o Iraque.

URSS pretende retirar-se do Afeganistão

A União Soviética pretende fazer retirar as suas forças militares do Afeganistão «num futuro muito próximo» — revelou um importante conselheiro de Mikhail Gorbachev.

Num artigo transmitido pela Novosti, Anatoly Dobrynin, antigo embaixador soviético e actualmente membro influente do secretariado do Comité Central do Partido Comunista Soviético, omite no entanto se Moscovo mantém ou não a exigência de que é condição necessária o termo do apoio aos rebeldes anticomunistas.

Moscovo está a favor de um «acordo político que assegure um verdadeiro ponto final na interferência externa armada e outra nos assuntos internos do Afeganistão e garantisse o seu não recomeço».

A União Soviética gostaria de fazer regressar a casa, num futuro muito próximo, as suas forças militares que se mantêm no Afeganistão a pedido do go-

verno — escreve o antigo diplomata, considerado um dos especialistas do Kremlin nas relações soviético-americanas. «O calendário para a sua retirada progressiva — a ser posta em prática logo que se chegue a um acordo político — já foi acordado com as autoridades afegãs» — revela Dobrynin.

Segundo Dobrynin, as conversações entre o Afeganistão e o Paquistão, patrocinadas pelas Nações Unidas, entraram numa «fase sensível».

No entanto, o mediador das Nações Unidas no problema, Diego Cordovez, disse que as duas semanas de conversações indirectas sobre a guerra civil no Afeganistão registaram pouco progresso, com as delegações de Cabul e de Islamabad a manifestar «extrema precaução».

Moscovo enviou para o Afeganistão 115 mil soldados desde a intervenção militar no país, em Dezembro de 1979, em apoio do governo de Cabul.

Encontro Gonzalez-Gorbachev

O dirigente soviético, Mikhail Gorbachev, reuniu-se esta manhã com o presidente do Governo espanhol, Felipe Gonzalez, que se encontra na União Soviética em visita oficial. A audiência concedida por Gorbachev é a primeira ao presidente do Governo de um país membro da Comunidade Económica Europeia (CEE) depois do acidente da Central Nuclear ucraniana de Chernobyl e do bombardeamento aéreo norte-americano à Líbia.

Espanha apresenta condições de permanência na NATO

A Espanha assinará os próximos comunicados conjuntos nas reuniões da NATO, mas enviou aos dirigentes da Aliança um «memorando» para definir as bases da sua futura participação na defesa conjunta.

As três condições apresentadas pela Espanha (e que o povo espanhol apostou no referendo de Março último) são: a não autorização de instalação ou trans-

ferência de armas nucleares em território espanhol, a não participação nas estruturas de comando militar integradas e a redução dos efectivos militares dos Estados Unidos em Espanha.

Segundo um informador citado pela agência EFE, a Espanha deseja assumir um papel activo em todos os comités da NATO, incluído o militar, mas este papel será «essencialmente

político».

A delegação espanhola à Assembleia do Atlântico Norte, que se reunirá em Luxemburgo na próxima semana, apresentará ainda um relatório sobre o recente referendo sobre a permanência de Espanha na NATO, para solicitar dos aliados que apoiem o pedido de redução dos efectivos militares norte-americanos em território espanhol.



ALFÂNDEGA DO PORTO

DELEGAÇÃO ADUANEIRA DE VILAR FORMOSO

LEILÃO

Para os devidos efeitos, se torna público que no dia 18 do próximo mês de Junho, pelas 10 horas, se realiza nesta Delegação Aduaneira, leilão de automóveis para aproveitamento de peças.

Os veículos poderão ser examinados nesta Delegação durante os cinco dias úteis que antecedem o leilão.

Só poderão ser arrematados por sucateiros e demais comerciantes do ramo automóvel, que deverão fazer prova do pagamento da respectiva contribuição industrial.

Delegação Aduaneira de Vilar Formoso, 15 de Maio de 1986

O CHEFE
ALFÂNDEGA DO PORTO
Delegação de Vilar Formoso

(Júlio Pereira Pires)

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

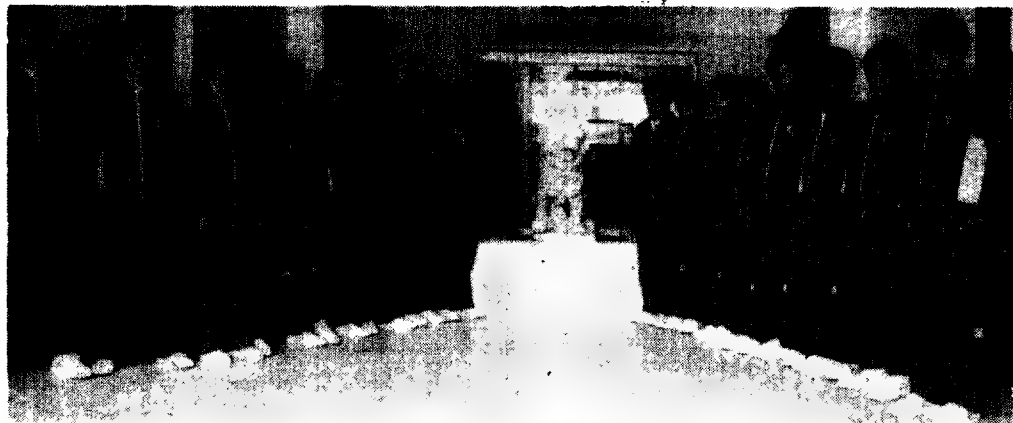
Pelo presente se anuncia que pela 1.ª Secção do 9.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito no Palácio da Justiça — 6.º piso à Rua Marquês da Fronteira, correm os seus termos uns autos de contrato individual de trabalho, com processo ordinário, registados sob n.º 81/84, em que são: Autora — Arminda da Conceição Martins Antunes e Ré — BERKOWITZ & KERN, LDA., cuja última sede conhecida é na Quinta do Figo Maduro — Sacavém, e neles correm editos de trinta dias, estes a contar da data da segunda e última publicação deste anúncio, notificando da sentença a referida ré, em que foi condenada a pagar à autora a quantia de 444 376\$00, já vencida, e ainda para, findos os editos, no prazo de um mês sobre o trânsito em julgado, que é de quinze dias, juntar aos autos documento comprovativo da extinção da dívida para com a autora, sob pena de ser devolvido ao autor o direito de nomeação de bens à penhora, encontrando-se a cópia da sentença nesta Secção à disposição da ré e ser-lhe-á entregue logo que o solicite.

Lisboa, 9 de Maio de 1986

O JUIZ DE DIREITO
António Luís Soares de Andrade
O ESCRIVÃO-ADJUNTO
José Manuel Teixeira Machado

D.L. 20/5/86 — 1.ª Pub

DESPORTO



Estes 16 miúdos, treinados por César Nascimento, venceram, em Bruxelas, o torneio de juvenis da CEE, com a particularidade de haverem ganho os cinco encontros sem sofrer qualquer gol.

Miúdos do Sporting venceram torneio da CEE

O Sporting ganhou o torneio internacional de infantis da Comunidade Económica Europeia que terminou em Bruxelas, ao derrotar na final a equipa do Dublin, por 1-0. Na meia-final, o Sporting venceu o Milão, por 1-0. Recorde-se que o Sporting foi a única das 16 equipas a ganhar os cinco encontros que efectuou.

«Esperanças» no 5.º lugar

O Sporting derrotou a equipa holandesa do PSV Eindhoven, por 2-1, e classificou-se em quinto lugar no torneio internacional de esperanças de futebol de Groningen.

O triunfo no torneio acabou por pertencer ao Groningen e o segundo lugar foi para a RDA.

Torneio de Croix: Benfica e FC Porto presença modesta

O comportamento dos juniores portistas e benfiquistas no torneio internacional de Croix tem sido caracterizado por extrema modéstia, já que o Benfica não irá além do 9.º lugar se vencer o La Gantoise e o FC Porto melhor não conseguirá do que a 11.ª posição, para o que terá de vencer o Ipswich. Recordem-se os resultados dos nossos representantes.

FC Porto — Selecção dos Dinamos, 0-0; IC Croix, 0-0; Motherwell, 0-1; Benfica — Grasshoppers, 0-0; Auxerre, 0-0; Hajduk Split, 1-2.

União de Leiria vence torneio em França

O União de Leiria, ganhou o torneio comemorativo dos 20 anos dos Lusitanos de Saint-Maur, derrotando na final a equipa do V.G.A. de Saint-Maur, por 2-0, com golos de Ramos e Artur.

Suiça: Sion vence taça

O Sion conquistou pela quinta vez a taça suíça de futebol ao vencer o Servette de Genebra, por 3-1, na final disputada no Estádio Wankdorf, em Berna.

Benfica convidado para se deslocar ao Maputo

As negociações estão bem encaminhadas para a ida do Benfica ao Maputo, segundo informações do presidente da Federação de Futebol de Moçambique, Manuel Jorge.

O clube lisboeta participará no 35.º aniversário do Grupo Desportivo do Maputo, colectividade filial do Benfica no tempo colonial, estando a chegada, a concretizar-se, prevista para 31 do corrente ou na primeira semana de Junho.

O Grupo Desportivo do Maputo, actual guia da classificação do campeonato local, pretendo comemorar o seu aniversário com um torneio quadrangular com a participação de mais dois clubes locais, o Maxaquene (campeão nacional) e o Ferroviário, uma das melhores equipas moçambicanas.

Olhanense quer subir

O dirigente do Olhanense Humberto Oliva afirmou que o objectivo do seu clube é a subida ao escalão maior do futebol português, na próxima época e uma das condições referidas para a subida é a «manutenção da equipa, não sendo dispensados quaisquer jogadores». «Não sairá ninguém do Olhanense» — garantiu Humberto Oliva, admitindo, no entanto, a possibilidade de entrada em negociações com clubes eventualmente interessados no concurso de qualquer jogador, mas referiu ser apenas em «condições muito especiais».

Aquele responsável negou que o médio Barrocal e o guarda-redes Tavares, estariam certos no Farense, observando, a propósito, que ambos os atletas se encontram vinculados ao Olhanense por mais algumas épocas.

Por outro lado, acrescentou que o técnico Manuel Cajuda, que havia sido dado como hipótese para o Estrela da Amadora, irá permanecer igualmente em Olhão, com os seus adjuntos João Poeira e Humberto Gomes.

Diamantino (ex-Benfica) vai treinar o Imortal

O antigo futebolista internacional do Benfica, Diaman-

tino, que representou também o Estoril e o Portimonense, é o novo técnico do Imortal de Albufeira para a próxima época.

Segundo Bernardo Correia, o Imortal disporá, na próxima época, de um plantel constituído por 20 jogadores semi-profissionais, devendo ser recrutados oito novos elementos com experiência de segunda divisão. Por outro lado, o orçamento do Imortal para a próxima época atingirá, de acordo com as previsões, uma verba calculada em 25 mil contos, destinando-se um terço deste valor a custear despesas do futebol e o restante ao atletismo e basquetebol.

APA: Sessão solene

Para assinalar o encerramento das comemorações do seu 7.º aniversário vai a APA — Associação Portuguesa de Arbitros realizar no próximo dia 29, pelas 21 horas, uma sessão solene que terá lugar na sala «Ribeiro dos Reis» da AFL (Rua dos Fanqueiros, 150-2.º).

Vitor Nôvoa: intervenção cirúrgica

O guarda-redes conimbricense Vitor Nôvoa foi submetido a uma intervenção cirúrgica, por fractura meniscal no joelho direito. Em meados de Junho voltará ao treino activo.

Torreense: Jesualdo regressa

Pedro Gomes cede o lugar de técnicos do Torreense, regressando Jesualdo Ferreira, agora também metido nos negócios hoteleiros de parceria com Manuel Fernandes («o madeirense») num empreendimento que vai surgir no Centro Comercial das Amoreiras (Lisboa).

Nóbrega no Ovarense

Francisco Nóbrega é o novo treinador do Ovarense — Terceira Divisão — para a época de 1986/87. Recorde-se que Nóbrega termina no final da presente temporada o seu actual contrato com o Feirense.

Entretanto, a direcção do Ovarense anunciou também que se recandidatará a mais um mandato, eliminando assim a crise directiva que chegou a perspectivar-se

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

HOJE AS 21.30H TEL 726 08 18 TERÇA a SÁBADO às 21.30 DOMINGO às 17h

3.º MÊS CALIGULA ULTIMO MÊS

ALBERT CAMUS • ENCENAÇÃO DE JOÃO MOTA

VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS

PATROCÍNIO DA F. GULBENKIAN 3.ª/4.ª e 5.ª feira PREÇO ÚNICO 150\$00

PRACA DE ESPANHA • APOIOS F. GULBENKIAN E RADIO COMERCIAL SUB SEC

MUDANÇA DE TELEFONES

Serviço de Informação ao Público

Informa-se que a partir do dia **19 MAIO 86** o SIP passa a funcionar na Av. Casal Ribeiro, 18 — 4.º Piso e será servido pelos telefones:

545826 — 545775 — 545439



RODOVIÁRIA
NACIONAL

Microscópio — Automobilismo

Tiro:
fosso olímpico

José Soromenho, do Clube de Tiro de Loulé, venceu a Taça de Portugal em tiro, modalidade de fosso olímpico, disputada no Campo de Monsanto. Soromenho ultrapassou os mínimos exigidos para os Jogos Olímpicos de Seul, com a marca de 195/200. Na segunda posição ficou J. Rebelo do Clube de Tiro de Vilamoura, seguido de F. Félix e Casquilho Faria, do mesmo clube.

Rita Borralho:
novo triunfo

A atleta do Benfica Rita Borralho ganhou domingo uma prova de estrada nos Estados Unidos na distância de 15 quilómetros.

Rita Borralho, que no início do mês ganhou a maratona de Nova Jersey com o seu melhor tempo pessoal que lhe valeu os mínimos para o Europeu em Estugarda (2.35,43 horas), percorreu os 15 quilómetros em 55 minutos e 39 segundos.

Hipismo:
Portugal no 4.º lugar
da Taça das Nações

A equipa de Portugal classificou-se em 4.º lugar na Taça das Nações do concurso hípico internacional de saltos de Jerez de La Frontera, ganha pela Grã-Bretanha.

Os cavaleiros britânicos demonstraram clara superioridade sobre as restantes oito equipas participantes, impondo-se com 4 pontos, aos representantes da Bélgica, segundos classificados com 8 pontos, e aos da Alemanha Federal, que foram terceiros com 12.

As equipas de Portugal, Espanha, Suíça, Argentina e Chile ficaram empatadas na quarta posição, todas com 28 pontos, e na última posição classificou-se a equipa de Marrocos, que somou 75 pontos.

Mauro Nesti repete vitória na Falperra

O italiano Mauro Nesti ao volante de um Osella BMW foi o vencedor absoluto da Rampa da Falperra, pontuável para o «europeu» de montanha e para o «nacional» de velocidade, organizada pelo Clube Automóvel do Minho.

António Rodrigues, em Volvo 240 Turbo foi o piloto português que melhor classificação obteve, classificando-se ainda no primeiro lugar do grupo de turismo.

Com ligeiros atrasos devido ao mau estado do piso e das condições climáticas (nevoeiro) a organização foi obrigada a atrasar em cerca de uma hora as corridas que estavam previstas para as 11 horas de ontem. Mesmo assim, os cerca de 35 mil espectadores que se encontravam espalhados ao longo do traçado não se «queixaram» pois o espectáculo proporcionado pelos concorrentes foi de tal forma agradável que fez com que se esquecessem da demora das subidas.

Mauro Nesti, durante os treinos oficiais tinha feito apenas o quarto tempo devido a problemas nas válvulas do motor do seu Orsella, ficando o melhor «Crono» para o campeão espanhol Andres Vilariño que conduziu um Lola T298.

No entanto, o piloto italiano após ter resolvido os problemas que afectavam o seu carro, não deu durante a corrida qualquer hipótese aos seus opositores mais directos, deixando o segundo classificado, Herbert Stenger que tripulou um carro idêntico a mais de um minuto.

Tal como no grupo anterior,

também no turismo António Rodrigues desde muito cedo segurou o lugar cimeiro. A grande novidade neste agrupamento foi o segundo lugar para Francis Dosier que conseguiu impor o seu BMW 635 CSI ao de Manuel Fernandes que era à partida o grande favorito ao pódio, dado que possuía um grande conhecimento do traçado bem como as características da rampa lhe eram propícias.

O piloto de Vila Real, não foi capaz de aguentar o andamento imposto pelos homens da frente, quedando-se por uma classificação modesta. É de salientar, a prova realizada pelo jovem piloto Artur Mendes ao volante do Volvo Turbo que ainda não possui as suspensões desejadas. Segundo aquele piloto, quando as tiver lutará de igual para igual com os favoritos do «nacional».

Quanto ao grupo de produção, a grande sensação foi Mário Silva que na última subida conseguiu derrotar o BMW32 de Jorge Petiz que tinha feito o melhor tempo na primeira subida.

Após a desistência de Ferreira da Silva antes da prova se iniciar devido a problemas no Turbo F do seu Ford Escort RS, surgidos aquando dos treinos livres, Jorge Petiz ficou à vontade. Recorde-se que Ferreira da Silva durante os treinos cronometrados tinha obtido o melhor tempo que o carro alemão.

Na segunda subida, Mário Silva «voou» com o seu Renault 5 GT Turbo conquistando o somatório das duas subidas.

das o melhor tempo, retirando assim a vitória a Petiz para espanto de todos os presentes.

Para além dos carros pontuáveis para o «europeu» e para o «nacional» estiveram também em pista um lote de Toyotas Corolla que foi ganho por Adriano Barosa, apesar de não pontuar para o referido troféu, vários pilotos rolaram com os 16 válvulas na Rampa da Falperra. Nesta corrida há a registar o despiste de Carlos Marta que, passados poucos centésimos de segundo via o seu carro ser abalroado pelo carro de Rui Lages que segundo ele não viu as bandeirolas amarelas que assinalavam o acidente, devido ao muito público que ali se encontrava e lhe teria tirado a visão. Apesar do violento embate, o piloto de Braga saiu ileso enquanto o seu Toyota Corolla ficou bastante danificado.

Classificação final

1.º Mauro Nesti (Osella BMW), 4.10,804 minutos; 2.º Herbert Stenger (Osella BMW), 4.12,028; 3.º Claudio Calella (Osella PA/9), 4.15,558; 4.º Claude Jeanneret (Audi Quattro), 4.27,750; 5.º Giovanni Rossi (BMW M1), 4.28,750; 6.º Anders Vilarino (Lola T 298), 4.29,410; 7.º Luigi Bormolini (Osella PA/9), 4.31,667; 8.º Adriano Parla (March), 4.34,059; 9.º António Rodrigues (Volvo 240 Turbo), 4.44,672 e 10.º Francis Dosieres (BMW 635 CSI), 4.50,794.

Tiago Alexandre

"Giro" de Itália

Acácio não sobe nem desce

Acácio da Silva é o 13.º classificado na volta a Itália em bicicleta após cortar a meta da 8.ª etapa no pelotão, a sete segundos do vencedor Franco Choccioli, Itália.

Chioccioli libertou-se do seu compatriota Stefano Colage nos últimos metros do percurso de 158 quilómetros, repetindo o êxito alcançado no mesmo local na anterior edição do «giro». Acácio da Silva mantém a diferença de três minutos e 20 segundos em relação ao camisola rosa, Giuseppe Saronni.

Ravasio continua em coma

O ciclista italiano Emílio Ravasio, operado ao cérebro após uma queda na primeira etapa da Volta a Itália em Bicicleta, mantém-se em estado de coma não mostrando sinais de melhoria, referiram os médicos assistentes.

Ravasio, a quem foi removido um coágulo sanguíneo do cérebro, mantém-se em estado crítico no Hospital Central de Palermo.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 8.º JUÍZO

ANÚNCIO
Processo N.º 5537-A
1.ª Secção
8.º Juízo

Faz-se saber que por este Juízo e primeira secção, nos autos de execução de sentença sumária em que são exequente Escape — Assistência Automóvel Permanente, Lda., e executado Engen. Khitford, ausente em parte incerta e com última residência conhecida no Casal de S. José — Estrada da Cabina — Galameres — Sintra, correm editos de trinta dias contados da segunda e última publicação deste anúncio — notificando aquele executado para, no prazo de DEZ DIAS e findo o dos editos, embargar ou requerer a substituição do bem penhorado por outros de valor suficiente.

Lisboa, 13 de Maio de 1986

O Juiz de Direito
João Manuel da Cruz
O Escrivão Adjunto
Joaquim Monteiro
D.L. 20/5/86 — 1.ª Pub

TRIBUNAL DA COMARCA DE MONTEMOR-O-NOVO

ANÚNCIO

Na execução de sentença n.º 30-A/81 contra os executados MANUEL FILIPE SOARES e mulher PRAZERES MARIA PESSOA SARAIVA SOARES, foi designado o dia 3-6-86, pelas 14H30, no Tribunal Judicial desta comarca, para a abertura de propostas entregues até esse momento na secretaria judicial, pelas pessoas interessadas na compra do seguinte Camião penhorado naqueles autos. As propostas devem mencionar preço superior a 410 000\$00. — BEM A VENDER:

Um camião de marca MAN, matrícula FE-32-57, Tipo 650 H/49/VN 1375, Quadro 885133/1336 VMM, Motor n.º 186250/6, ano de 1965.

Montemor-o-Novo, 30-4-86

A Juiz de Direito,
Maria Cristina Gallego dos Santos
O Escrivão Adjunto,
António Joaquim Soares Reis

"D.L." 20/5/86 — 1.ª Pub.

EXCOMAL — COMÉRCIO DE EQUIPAMENTOS, LIMITADA

DÉCIMO OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA MARIA JOSÉ PIMENTEL FIGUEIRA E SILVA

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 9 de Abril de 1986, lavrada de folhas 38 a 39 v.º, do livro n.º 151-A, deste Cartório, foi constituída entre MIGUEL DE FIGUEIREDO BARBOSA POMBEIRO e ARMANDO DE ALMEIDA FERREIRA, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

- 1.ª A sociedade adopta a denominação de «EXCOMAL — COMÉRCIO DE EQUIPAMENTOS, LIMITADA», tem a sua sede na Rua Dom Fias Roupinho, número cinquenta e três, freguesia de S. João, de Lisboa, e durará por tempo indeterminado com início nesta data.
- 2.ª O objecto social consiste na importação, exportação, comércio e aluguer de máquinas, mobiliário em geral e outros bens móveis e prestação dos inerentes serviços técnicos, assim como realização de certames, exposições ou eventos.
- 3.ª O capital social é de CINQUENTA MIL ESCUDOS, integralmente realizado em dinheiro, correspondendo à soma de duas quotas iguais, de vinte e cinco mil escudos cada, pertencendo uma a cada um dos sócios.
- 4.ª A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, será desempenhada pelas pessoas que a assembleia geral designar, sendo suficiente a intervenção de um gerente para obrigar a sociedade em todos os actos e contratos.
- 5.ª Fica vedado aos gerentes obrigar a sociedade em actos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.
- 6.ª A cessão de quotas, no todo ou em partes, é livre entre sócios; porém a cessão a favor de estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, em primeiro lugar, e dos sócios não cedentes, em segundo lugar, que terão direito de preferência.
- 7.ª Ocorrendo a morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com os sócios sobreviventes ou capazes e com os herdeiros do falecido ou representantes do interdito, devendo aqueles nomear um de entre eles, que a todos represente na sociedade, enquanto a quota se mantiver indivisa.
- 8.ª Quando a lei não exigir outros prazos ou formalidades, as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

DISPOSIÇÃO TRANSITÓRIA:
Fica, desde já, convocada uma assembleia geral, para reunir imediatamente a seguir à outorga desta escritura, a fim de deliberar sobre a nomeação dos gerentes da sociedade.

Está conforme
Lisboa, nove de Abril de mil novecentos e oitenta e seis
A AJUDANTE
Margarida Henriqueta Lopes
D.L. 20/5/86

Vem aí o "1.º Clinic Revista Setemetros"

Numa reunião com os órgãos de Comunicação Social (que se processou na Cervejaria Trindade, Lisboa), a revista de andebol «Setemetros» divulgou uma iniciativa altamente meritória: com o apoio da Associação de Andebol de Lisboa vai realizar, a 21 e 22 de Junho, na Escola Náutica de Paço de Arcos, o «1.º Clinic Revista Setemetros».

Num período em que a formação dos técnicos desportivos em Portugal parece atravessar uma fase de redefinição, a revista técnica de andebol «Setemetros» entendeu lançar uma acção de qualidade na área específica do andebol, não só porque desde a realização do último curso de 2.º grau

(há já vários anos) que não se assiste a uma acção de formação de grande qualidade, como porque o actual desenvolvimento quantitativo da modalidade clamava, há muito, por realizações desta natureza.

Assim (e tendo como núcleo básico as intervenções de Miguel Roca, hoje já um nome muito grande no andebol mundial) a revista «Setemetros» propõe a todos os técnicos e jogadores da modalidade uma perspectiva diferente de enriquecimento técnico.

Acção de cariz fundamentalmente prático, terá as suas sessões protagonizadas pela selecção de «esperanças» da

Associação de Andebol de Lisboa: assumindo um papel determinante no apoio à realização deste «Clinic», a Associação corporizou (mais uma vez) actuação empenhada e valorosa na evocação da modalidade, aliás, na continuação das melhores tradições da velha casa da Praça da Alegria.

Este «1.º Clinic Setemetros» é a continuação dos êxitos obtidos em acções anteriores, desenvolvidas em colaboração com a associação Nacional de Treinadores de Basquetebol, numa preocupação mútua de desenvolvimento dos principais desportos colectivos amadores, em Portugal.

início pelas 21.30 horas e para além de ginástica formativa, ginástica rítmica, bailado, full-contact, jogo do pau, saltos

Para além de Miguel Roca, são figuras exponenciais do «1.º Clinic Revista Setemetros» o dr. Leandro Massada, o professor Carlos Cruz e o eng.º Luís Bravo. «Setemetros» (que tem como principais responsáveis João Paulino, Fernando Jorge, João Barata, João Prudente e Fernando Pais) insere, na sua mais recente edição, uma carta aberta ao presidente federativo (da autoria do professor Machado da Costa) e artigos de João Maia, Melendez Falkowski e Ernesto Enriquez, para além da habitual colaboração que dissecou, de fio a pavio, o movimento de uma disciplina atlética do mais alto valor.

em mesa alemã, yoga e outras mais diversas manifestações, estará presente uma classe do TSG Burststadt da RFA.

Na sua agenda

Sarau do Clube Atlético de Alvalade

Realiza-se hoje e amanhã, no Pavilhão Carlos Lopes (antigo

Pavilhão dos Desportos) em Lisboa, o tradicional Sarau Anual do Clube Atlético de Alvalade. Ambas as sessões terão



E fomos nós tão cedo...

Ao 11º dia não se conseguiu uma só equipa para treinar!

Incrível mas autêntico: onze dias depois da selecção de José Torres estar no México ainda não conseguiu realizar um treino (um só!) com qualquer equipa. Como desde Fevereiro que a rapaziada (que o bom povo designa de «infantes») apenas tem dado uns toques de bola em rodada de colegas, enquanto todas as demais formações vão realizando testes a sério, entrosando os seus homens e dando-lhes consistência e ligação, fica a confiar-se num milagre celestial para os encontros que vão ser a doer. Ou então, que no meio de uma colossal desorganização saia ainda um lampejo salvador que evite estarmos apontados a dedo como reis da originalidade e da pasma-ceira.

A verdade é que, ontem, aconteceu mais uma etapa no caminho estranho dos nossos enviados ao México: a selecção portuguesa de futebol «venceu» o seu primeiro jogo-treino em Monterrey por «falta de comparência» da moçada amadora do Clube Nova.

Os «infantes» esperaram, às 16h locais (23h em Lisboa), os seus primeiros parceiros no estágio de preparação para o «Mundial» de futebol, mas eles não compareceram. Os profissionais portugueses acabaram por voltar a jogar à bola uns com os outros, no relvado do Clube Nova, perante a surpresa de duas centenas de espectadores e de muitas equipas de reportagem da televisão mexicana.

Portanto, ainda não foi desta que a selecção conseguiu encontrar parceiro para um encontro de preparação (mesmo com um adversário amador) e as razões deste estranho desaire têm duas versões. Amândio de Carvalho (coordenador da selecção) endossou as responsabilidades ao Comité Organizador do «Mundial», em Monterrey: **Ainda esta manhã tudo foi confirmado pelo telefone, disse o dirigente federativo português, que chegou ao local a meio do «treino» e se mostrou surpreendido com o que presenciava. Não tenho explicação para isto e não sei se voltaremos para aqui jogar na 5.ª feira. É preciso esclarecer o que se passa,** acrescenta Amândio de Carvalho.

A outra versão foi dada pelo mexicano Inigo Armendaiz, do Comité Organizador de Monterrey, segundo o qual a selecção portuguesa não o contactara de manhã para confirmar o jogo-treino: por isso ele não convocara o Clube Nova.

A selecção portuguesa esteve aqui domingo e não treinou, alegando que o campo não tinha condições. Por isso pensei que não voltaria e, ao não ser contactado esta manhã (ontem) pensei que o jogo-treino já não se realizasse, explicou o dirigente mexicano, que faz a ligação entre a Federação Portuguesa e o Clube Nova.

No meio deste aparente mal entendido, José Torres afirma que a equipa precisa de todos os jogos que seja possível realizar, embora acrescente que se calhar até foi bom os amadores não terem aparecido...

Por outro lado, o calor que se fazia sentir em Monterrey era perfeitamente suportável, mas habitantes locais referiram que a temperatura era inferior à normal nesta altura do ano.

Entre nós

A aplicação dos «infantes» nas «peladinhas» continua a ser nota dominante nos exercícios com bola que travam entre si.

Porém, nesta primeira brincadeira em Monterrey houve três baixas. Além de Carlos Manuel que já hoje deve iniciar exercícios de reeducação muscular faltaram Futre (contundido num coxa no treino da véspera) e Frederico (que continua a recuperar de lesão num pé). Segundo o dr. Camacho Vieira (médico da selecção) todos os faltosos deverão estar em breve aptos a regressar aos treinos: e a esperar por joguinhos a sério.

Recorde-se que, no domingo à tarde (meia-noite de Lisboa) a selecção portuguesa recusou equipar-se no balneário público e abandonou Monterrey sem treinar. Tratava-se da primeira deslocação dos «infantes» à cidade-sede do Grupo «F» do Campeonato do Mundo: e saiu frustrada.

Por um lado, o dia estava invulgarmente fresco na região e os jogadores não sentiram o habitual calor asfixiante da cidade. Por outro, as instalações do clube nova, destinadas pela organização do campeonato a Portugal, não reuniam as condições necessárias para o treino. O problema é que os balneários que servem o campo são públicos, o que os jogadores imediatamente recusaram. Assim, a equipa regressou a Saltillo e treinou no campo que tem vindo a utilizar, junto ao Motel La Torre.

No entanto, os «infantes» não queriam defraudar a expectativa da população local (cujá simpatia é alheia às falhas estruturais da organização) e queriam jogar ontem, à tarde, no campo do Clube Nova, o seu primeiro jogo-treino com a equipa amadora local.

Todavia, a boa vontade dos nossos rapazes (e o seu íntimo



A 2 de Junho vai jogar-se aqui o Argentina-Coreia: últimos retoques no Estádio Olímpico, da Cidade do México

desejo de, finalmente, fazerem um treinozito mais ou menos a sério) esbarrou numa barreira: depois de viajarem 90 quilómetros, entre Saltillo e Monterrey, chegaram ao campo do Clube Nova e os amadores que deveriam formar um «team» opositor dos «infantes» nem sequer apareciam por aquelas paragens...

Mais uma macadada no esquema de preparação planeado por José Torres que, diga-se desde já, será o menos culpado da falta de ligação entre os nossos federativos (estão vários no México) e a organização do Campeonato Mundial, fazendo crer que, a tempo e horas, ninguém tratou deste importante pormenor e, em contrapartida, ao bom gosto lusitano, tudo foi deixado ao Deus dará: que nem sempre consegue milagres a nosso favor.

Inglaterra: já espiámos tudo

Adiante. Jaime Graça regressou de Los Angeles, onde assistiu ao Inglaterra - México, que os britânicos (primeiros adversários dos portugueses, em Monterrey) venceram por 3-0. O adjunto de José Torres entregou ao técnico principal da selecção o seu relatório sobre a equipa inglesa, considerando não ser necessário deslocar-se (conforme estava previsto) ao Canadá, para voltar a observar o conjunto britânico.

Jaime Graça não divulgou o teor do relatório entregue a José Torres, mas adiantou que os 36 graus de temperatura registados no sábado, em Los Angeles, quebraram visivelmente os ingleses na 2.ª parte, depois de construírem o resultado nos primeiros 45 minutos do encontro.

Brasil vence

Entretanto (e muito logicamente) as outras equipas nacio-

onais vão preparando a ligação entre os seus vários sectores, realizando jogos com formações abalizadas.

A selecção brasileira venceu o Atlante (do México) por 2-1, no 2.º jogo de preparação. Casanova (Atlante) inaugurou o marcador aos 39 minutos. A igualdade foi restabelecida aos 42 minutos (através de Casaragrande) e o golo da vitória foi apontado por Sócrates, aos 72 minutos. Durante o jogo, a selecção canarina ficou com mais um jogador «torado», já que Edson se lesionou no pé direito, mas afirmou ficar recuperado até esta noite.

Para o técnico Telé Santana, o encontro demonstrou excelente rendimento dos seus pupilos, além de ter servido para experimentar uma série de táticas no sector atacante. Sócrates disse (por outro lado) que o resultado não teve importância pois (sublinhou) o objectivo foi a adaptação ao jogo de conjunto, opinião também partilhada por Edinho. Acrescentou que os brasileiros (tricampeões mundiais) ressentem-se dos efeitos da altitude: a equipa encontra-se, segundo o jogador, a 50 por cento do seu rendimento.

O encontro de ontem disputou-se no Centro de Treino do Estádio Azteca e a equipa brasileira alinhou assim: Carlos (Paulo Vítor, Leão); Edson (Josimar), Óscar, (Júlio César), Edinho e Júnior; Elso (Sócrates), Falcão, Casagrande e Silas (Valdo); Careca, (Muller) e Edivaldo.

Marrocos vence

Ao mesmo tempo, a selecção de Marrocos (nossa adversária) venceu (por 6-1) a equipa campeã júnior mexicana, Monterrey Rayados. O centrocampista marroquino Khairi Abderrazak marcou quatro golos (dois em cada período), a uma equipa que pouca oposição ofereceu.

«Esperamos passar à fase se-

guinte do 'Mundial' e é com essa intenção que aqui estamos», declarou o técnico José Faria, após o jogo disputado no Centro de Treino da equipa marroquina, em El Cerrito, a 25 quilómetros de Monterrey.

Abderrazak inaugurou o marcador aos 35 minutos, e decorridos sete minutos, obteve o 2.º golo. O avançado Sahil Mohamed fez o 3-0 aos 45 minutos com um poderoso remate. A selecção de Marrocos «massacrrou» os jovens adversários na 2.ª parte com a sua defesa a reforçar o meio-campo na construção de jogadas de perigo.

«Temos uma defesa muito sólida», frisou o «capitão» e guarda-redes da equipa, Baddou Zaki: «A prova é só termos sofrido um golo em oito jogos disputados».

Aos 55 e 59 minutos Abderrazak voltou a marcar, para o avançado mexicano Samuel Rayado reduzir (de «penalti») aos 78 minutos. Mohamed Monsif fechou a contagem, aos 89 minutos.

Atrasados chegaram

Os futebolistas Bauterba Aziz, Mustapha Merry e Krimouni Merry, titulares da selecção marroquina, juntaram-se hoje aos seus companheiros que estagiam em Monterrey. O atraso na chegada ao México deveu-se ao facto de os três «internacionais» actuarem em clubes da Suíça (Aziz) e França (os irmãos Merry), de que apenas foram dispensados no último fim-de-semana.

O técnico da equipa marroquina (o brasileiro José Faria) afirmou que a presença dos três futebolistas vai permitir «equilibrar» a preparação do conjunto, acrescentando que nenhum deles alinhará no jogo-treino com o Monterrey, clube da 1.ª divisão mexicana. Os três futebolistas só deverão jogar na partida de domingo, frente ao Universitário (de Nuevo).

Entretanto, o técnico dos marroquinos afirmou que o defesa central da equipa (Bouyahiaqui Noureddine) está já recuperado da lesão sofrida numa das ancas, depois de num dos treinos sair do relvado e embater num muro de pedra. A selecção marroquina, que faz parte do grupo «F» (juntamente com Portugal, Polónia e Inglaterra), está concentrada desde há duas semanas em Monterrey, cidade situada 949 quilómetros a norte da capital mexicana.

Argentina vence

Mais outro jogo de preparação: a Argentina venceu o clube mexicano América, por 3-2, em duelo desenrolado na capital



Futre: a contas com uma contusão traumática na coxa direita, com derrame no bíceps cloral anterior.

mexicana. O encontro foi arbitrado pelo técnico argentino Carlos Bilardo, que rodou vários futebolistas que não fazem habitualmente parte do «onze» titular.

Os golos da Argentina foram apontados por Bochini (aos 23 minutos; e Pasculli (aos 33 e 49 minutos). Os dois tentos dos mexicanos pertenceram a Eduardo Bacas (aos 39 e 63 minutos). O encontro durou 70 minutos, jogados seguidos e sem substituições, no final dos quais os jogadores argentinos deram mostras de cansaço, apesar de não terem forçado muito.

A Argentina alinhou com Islas; Clausen, Brown; Cuciuffo e Olarticoechea; Enrique, Tapia, Trobbiani e Bochini; Borghi e Pasculli. Zelada (jogador do América e terceiro guarda-redes da selecção argentina) alinhou pelo seu clube de origem.

«Na 6.ª-feira, a Argentina defronta o Atlante, igualmente na Cidade do México.

Bélgica: derrota

A Bélgica perdeu ontem, por 3-1 com a Jugoslávia em outro jogo de preparação para o «Mundial» disputado em Bruxelas. No final dos primeiros 45 minutos, os jugoslavos venciam já por 3-0, com golos de Skoro (aos 7 minutos) Gracan (23) e Vujovic (37). Os belgas reduziram (aos 60 minutos) por intermédio de Claesen.

A selecção belga sucumbiu frente a uma equipa jugoslava muito compenetrada e disciplinada em todos os sectores, que realizou um futebol rápido e ofensivo, para o qual os belgas nunca conseguiram encontrar o antidoto ideal.

No segundo período, o seleccionador belga mudou (praticamente) toda a equipa, mas o conjunto continuou a manifestar falta de objectividade, registando apenas melhorias no sector defensivo, que se mostrou mais seguro. Dando tudo por tudo para reduzirem a diferença, os belgas conseguiram o tento de honra num dos esporádicos contra-ataques que efectuaram.

Nos minutos finais, com os jugoslavos a defenderem a vantagem obtida, os belgas perderam algumas boas oportunidades, umas vezes devido à oposição da guarda-redes jugoslavo Ljukovic e outras por má pontaria dos seus dian-



teiros.

As equipas: Bélgica: Pfaff; Lgerets (Grun, 46 minutos), Renquin (Broos, 46), De Mol (F. Van der Elst, 46) e Vervoort (De Wolf, 46), L. Van der Elst (Clysters, 46), Vandereycken (Schifo, 46), Vercauteren e Claesen; Vanderbergh e Ceulemans.

Jugoslávia: Ljukovic; Miljic, Baljic, Jankovic e Elsner; Ranovic, Skoro (Mrkela, 82), Gracan (Gudelj, 67) e Sliskovic (Vulic, 78); Bazdarevic e Vujovic (Kajtas, 82).

A Bélgica vai disputar o grupo «B» do «mundial» com o México, Paraguai e Iraque.

Carlos Manuel: três tratamentos diários

Mas, voltemos até Saltillo, até aos repousados «infantes». À falta de competidor, o treino acabou por se realizar no campo relvado da Secca 38, junto ao Motel La Torre, e durou aproximadamente 45 minutos, tendo Damas actuado como jogador de campo em face das ausências forçadas de Carlos Manuel e Frederico. Carlos Manuel ficou em La Torre enquanto os seus colegas se deslocaram a Monterrey de camioneta, tendo o médio benfiquista ficado a conversar com jornalistas junto à piscina, antes de se retirar para o seu quarto, para mais um tratamento.

Carlos Manuel está a ser sujeito a três tratamentos diários, mas muitas das formas de tratamento estão a ser aplicadas várias vezes ao dia, numa tentativa de o recuperar o mais depressa possível.

«Bom, lá vou para mais um tratamento, até logo», despediu-se Carlos Manuel, regressando ao quarto de chinelos

nos pés com o ar descontraído de quem acredita na sua recuperação a tempo de alinhar frente à Inglaterra, Polónia e Marrocos (no grupo «F»). A falta de transporte para os jornalistas se deslocarem a Monterrey com a selecção permitiu aos homens portugueses da informação, que estão no México, assistirem à final do rodeo «El Rayito» (em Saltillo) num espectáculo memorável para todos.

Jornalistas foram ao «rodeo»

Touros para montar, cavalos bravos para «cowboys» atrevidos (chamam-se «ginetes»), bezerros para pegar, canções e actuações cómicas e (ainda) violência, sangue e perseguição policial no interior e exterior do «Lienzo Charro» (o Campo Pequeno de Saltillo) tudo isso é possível presenciar em «El Rodeo».

Num acto de simpatia para com os jornalistas portugueses, a organização do «rodeo» não cobrou o preço dos bilhetes aos repórteres sem bilhete de entrada, tendo já nas bancadas sido anunciada a presença dos «escribas» lusos, a que se seguiu uma enorme chuva de palmas.

O «rodeo» começou com os «ginetes» (com calças à vaqueiro) a tentarem domar os cavalos selvagens, enquanto uma orquestra de cinco elementos acompanhava a actuação com música tradicional destes festejos. Entretanto, nas bancadas registou-se uma magistral cena de pancadaria, com um grupo de marginais que já no exterior do estádio tinham agredido alguns agentes da Polícia a pontapé.

Passados alguns minutos, vários carros celulares da Polícia de Saltillo invadiram o

«Lienzo Charro» e os agressores foram alvo de uma impiedosa perseguição: a Polícia capturou alguns deles apesar de certa resistência entre a plateia.

Daí a instantes, no interior do «rodeo», tudo continuava como se nada tivesse acontecido: ou não estivéssemos no México, onde a violência é um quotidiano, mesmo que seja domingo, dia em que os mexicanos (cem por cento católicos) não faltam à missa.

Já no final do espectáculo, largas dezenas de pessoas pediram autógrafos aos jornalistas presentes, tendo um rapaz chegado ao cúmulo de pedir que lhe autografassem a camisola de vestir. Não faz mal, porque não lavo mais a camisola — disse o garoto mexicano, diante dos jornalistas e perante a estupefacção de quem não conhece ainda completamente os costumes e a mentalidades dos mexicanos.



1.º treino na 5.ª: mas, será verdade?

A hora em que encerramos esta edição do «DL», as coisas parecem aclarar-se no tocante a treinos da selecção nacional: o coordenador Amândio de Carvalho garante que Portugal defronta o Clube Nova na 5.ª-feira e os «Tigres de Monterrey» no dia 28, enquanto o confronto com o Monterrey, previsto para 25 ou 26, fica na expectativa...

México Digest

A sério: os outros preparam-se

Quase todas as equipas nacionais que estão apuradas para a fase final do «Mundial» cuidaram, a tempo e horas, da sua preparação: excepto, como parece notar-se, por banda dos portugueses.

Ora veja-se o panorama mais imediato: Os responsáveis húngaros têm garantidos três jogos particulares com equipas da 1.ª divisão, entre as quais o Leon e o Union. A França defronta amanhã, em Tlaxcala, a selecção guatemalteca e o seleccionador francês (Henri Michel) anuncia que vai apresentar o «onze» principal dos campeões europeus, entre os quais estão Platini, Rocheteau, Giresse, Tigana, Bossis e Fernandez. Quanto à selecção espanhola vai efectuar dois jogos-treino, hoje e amanhã, com duas equipas de Guadalajara e ambas da 1.ª divisão, seguindo depois de novo para o estádio, em Santa Cruz de Tlaxcala. Hoje, os espanhóis jogam com o Guadalajara (a equipa mais popular do México) e amanhã defrontam o Atlas («onze» que integra o lote dos que lutam anualmente para se manter na 1.ª divisão). Os jogadores espanhóis passaram o dia de folga em Puebla, na companhia das mulheres ou namoradas, tendo seguido à noite para Guadalajara, cidade-sede do Grupo D. A selecção espanhola foi aplaudida por cerca de cinco mil pessoas, quando chegou à capital do Estado de Jalisco.

● No «mundial» do México os cartões amarelos e vermelhos só serão mostrados em casos excepcionais: apenas a violência premeditada será punida. A FIFA espera que os futebolistas se respeitem uns aos outros durante o campeonato.

● O disco com a canção «onda verde», gravada pela selecção mexicana de futebol (em que foi solista o popular cantor mexicano Carlos de los Cobos) será posto à venda nos próximos dias. O nome da canção foi escolhido tendo em conta a cor base do equipamento da equipa do México.

● Os marroquinos, adversários de Portugal na 1.ª fase do «México-86», adoram a cozinha mexicana — revelou o técnico José Faria: «**Enquanto os europeus não engraçam com as iguarias nacionais do México e se viram obrigados a trazer a sua comida predilecta, os meus discípulos deleitam-se com os manjares dos cozinheiros mexicanos.**»

● Os futebolistas italianos estão divididos no que respeita à deslocação ao México da suas esposas e noivas, enquanto Bearzot se mostra contrário à ideia, por considerar que poderia prejudicar o espírito da família que pretende introduzir nos seus pupilos. Se, para Tancredi e Zenga, seria uma alegria terem a companhia das mulheres, para Paolo Rossi e Tardelli isso poderia criar novos problemas. Entre uns e outros, está Di Gennaro, que afirma: «**Com mulheres ou sem elas, a melhor ajuda nos estágios são os resultados.**»

● A Imprensa mexicana continua a insistir que «o título subiu à cabeça dos italianos» e que os campeões mundiais despertaram no México uma «profunda antipatia». Em Puebla, onde estão concentrados os pupilos de Enzo Bearzot, «já nem bandeirinhas da Itália se vendem», disse um comerciante local, sublinhando que «se os italianos quiserem apoio terão que oferecê-las, pois duvido que alguém as compre depois das suas desfeitas». Os mexicanos parecem não desculpar aos transalpinos a fuga a uma conferência de Imprensa que deveriam dar no dia da chegada ao México, fac-

to que Bearzot justificou com «exigências da segurança».

● Os iraquianos superaram já a sua principal preocupação: a elevada altitude do México, afirmou o brasileiro Evaristo Maceda (responsável técnico pela selecção de futebol do Iraque). Segundo diz Maceda, os iraquianos reagiram bem à preparação programada e atingiram já 80 por cento da sua capacidade real. A equipa iraquiana está concentrada em Metepec, nos arredores da capital mexicana, integrando o grupo «B», juntamente com o México, Bélgica e Paraguai.

● «Estamos nas mãos de Deus» disse o seleccionador Kim Jung Nam (da Coreia do Sul) acrescentando que a sua equipa foi ao México para ganhar pelo menos um ponto, mas ter fé «em chegar à segunda fase do mundial: o nosso sistema vai ser todos a atacar e todos a defender», salientou Kim Nam que tal como os seus jogadores, trazia rosas vermelhas.

● A delegação brasileira programou um vasto programa de actividades artísticas e culturais para a cidade de Guadalajara, procurando assim o apoio da população local ao «escrete canarinho». A música brasileira (e o samba em especial) farão recordar ao público tapatio o seu apoio à equipa verde-amarela, (em 1970), quando conquistou o 3.º título mundial. Também a Espanha procura obter a simpatia do público de Guadalajara para apoiar a sua selec-

ção, contando com o apoio da numerosa colónia espanhola no México.

● O governo do Uruguai decidiu reforçar o pessoal diplomático da sua embaixada no México, «para uma melhor assistência aos jogadores e adeptos da selecção». Os conselheiros das embaixadas do Uruguai na Costa Rica e Honduras foram transferidos para o México até acabar o «Mundial» de futebol.

● O chefe da delegação uruguaia ao «Mudial», Juan Rogoni, foi a primeira vítima dos treinos da equipa do seu país, fracturando a perna direita: ao procurar devolver uma bola para o interior do relvado, Rogoni faliu o esférico e pontapeou violentamente uma saliência no terreno, partindo a tibia e o perónio.

● O México e o Brasil são os países com «mais possibilidades» de vencer o «Mundial» afirma o seleccionador húngaro, Gyorgy Mezey. Referiu que os problemas que afectam as duas equipas sul-americanas são superáveis, sublinhando que os mexicanos ultrapassarão facilmente o desaire sofrido no domingo frente aos ingleses (com quem perderam por 3-0) e que os brasileiros resolverão as lesões de Zico e Toninho Cerezo.

Sobre a Hungria, Mezey comentou que se trata de um conjunto bem preparado, que não teme as condições climáticas nem a elevada altitude mexicana, mas que respeita os adversários. Igualmente Antal Nagy, «capitão» da equipa magiar, declara que a actual selecção «é a melhor formação húngara dos últimos 20 anos o que lhe permite jogar de igual para igual com as restantes equipas do grupo».

Pouco depois de chegar à capital mexicana, a equipa húngara partiu em voo especial para Leon (383 quilómetros ao norte da Cidade do México) onde vai cumprir a última fase da preparação para o «Mundial».

● Confrontos entre adeptos, com lançamentos de garrafas, marcaram hoje um jogo de futebol em Pachuca (México), a menos de duas semanas do início do «Mundial».

Viva o reino do improvisado!

Neves de Sousa

É história que começa lá para o berço da nacionalidade, ali por Guimarães. Ou mesmo antes, sabe-se lá! Tudo o que é incrível acontece aos portugueses.

Enfiados banidos da lei entre gente de barba rija e fomos por aí fora, perfeitamente à balda: ganhámos mundos, cruzando mares que nem sequer se sabia que existiam ou onde travavam.

De avião, testámos o sextante: Gago Coutinho e Sacadura Cabral chegaram assim a terras de Vera Cruz. Nunca ninguém tinha imaginado uma tal travessia do Atlântico.

Honra nos seja feita, fomos os primeiros a assaltar (a sério) um Banco cheio de notas à mão de semear, fomos os percursores do desvio de um avião comercial e, para cúmulo, conseguimos sonegar a muitos, olhares um barco de todo o tamanho que, embora com algumas complicitades, andou desviado o tempo julgado necessário.

Devemos dinheiro a todo o mundo: e continuamos suplicando ajudas, já só faltando vender as Berlingas ou empenhar o resto do Algarve para coseguirmos (ao menos) ir pagando os juros dos empréstimos que nos fizemos.

Entrámos para a CEE como parentes paupérrimos: uma mão atrás e outra à frente.

Mas, julguem os vindouros da razão, Portugal despediu-se entre choros e prendas dos gloriosos «infantes» que, tal como os nautas che-

fiados por Colombo e Bartolomeu, não sabem com quem têm de treinar, antes de funções rigorosas.

E aconteceu aquela saborosa convocação do guineense Armando para os treinos da selecção das quinas. E o apelo a Venâncio em véspera de ser operado. E o confuso afastamento de Veloso, os céus contarão um dia o porquê. E a súbita chamada de Baneirinha que, em meia dúzia de horas, foi polivalente e manifestou o mais alto dom de ubiquidade: acordou às duas da manhã, atendeu o feliz telefonema de Pedro Xavier, avisou a família, fez as malas, realizou testes, meteu pernas ao caminho para Lisboa, provou as vestimentas e conseguiu estar no aeroporto ainda antes do avião partir, num recorde de velocidade que nem o Prost era capaz de rubricar.

Só estamos a falhar numa coisa: nesse promenor dos treinos. Ninguém se oferece e, pelos vistos, também ninguém estava apalavrado. Mas o problema resolve-se, caramba: se em cada país há sempre um pedaço da nossa comunidade reunido em torno de uma agremiação recreativa, será que o coordenador da selecção de «infantes» já pensou em ir até à Cidade do México e convidar a rapaziada lusa que por lá trabalha a vir ajudar José Torres no teste aos seus moços? Pelo menos sempre aproveitavam a dar uns chutos e, comendo uma bacalhauada do Evaristo, matavam saudades da nossa comidinha.



Negócio é negócio: mexicanos espremem turistas até à medida

"Frei Luís de Sousa": o Desejado e o Indesejado

Carlos Porto

«FREI LUÍS DE SOUSA», de Almeida Garrett. Dramaturgia e Encenação: Jorge Listopad. Cenografia e Figurinos: Nuno Carinhos. Música: Telectu. Assistente de Encenação: Manuel Coelho. Interpretação: Sinde Filipe, Carmen Dolores, Alexandra Lencastre, Filipe Ferrer, Carlos Wallenstein, Baptista F Estreia: Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna, 14-5-1986 (Ciclo Retorno à Tragédia).

Duas observações sobre este ciclo Retorno à Tragédia. Não será de o considerar tão audacioso como se quer fazer crer: pense-se na iniciativa de Amélia Rey Colaço/Robles Monteiro que apresentaram em 1943 duas encenações diferentes (uma clássica, outra moderna) de «Frei Luís de Sousa» em dias alternados.

Chamar a este ciclo O Anel Português, evocando Wagner, parece-me tão provinciano como chamar a Coimbra Lusitana ou a Aveiro Veneza portuguesa. Será um destino irremediável, este nosso provincianismo?

As perguntas

Pergunto-me se esta peça não encena genialmente a contradição do Desejado (D. Sebastião) e do Indesejado (D. João de Portugal)... Pergunto-me se esse dilema conflitual não é nuclear no nosso percurso histórico... Pergunto-me se, por exemplo, os nossos emigrantes não sentem, muitas vezes sem o exprimir, a angústia desse conflito na sua recusa de uma pátria que nem o pão lhes garante e na saudade invencível dela... Pergunto-me se não foi na cabeça de Maria (que vai morrer) e na de Telmo Pais (que é um velho) que o encenador mais lancinantemente investiu a tragédia desse conflito... Pergunto-me se a superação desse drama não passa por aí, pela superação desse conflito... Pergunto-me se Jorge Listopad (dramaturgista e encenador) não o resolveu clara e genialmente ao colocar, no desfecho, as suas personagens em revolta contra a sua própria situação, fazendo-os abandonar em ruptura as situações morais e sociais (teatrais) em que estão colocados, sacrificando embora o texto, tornando-o mais dubitativo. Não é apenas Manuel de Sousa Coutinho que sai, depois de dizer: «Todas estas cousas já são indignas de nós», lançando o manto ao chão; é também o Prior que suspende a sua frase: «A coroa de glória não se dá senão...», saindo em violência. É também D. Madalena. Só Maria morre tradicionalmente, e eu pergunto-me (também) se é por acaso... Pergunto-me se D. Sebastião não morre pela segunda vez (devia ser a definitiva) quando Maria morre. Ela arrasta-se lentamente pelo chão empunhando a espada com que brincara no 1.º acto: não é difícil imaginar o jovem rei arrastando-se pela areia do deserto sentindo o seu corpo e o seu sonho a morrer... Essa identificação é um dos grandes achados desta leitura.

As respostas

Feliz espectáculo este, capaz de despertar tantas interrogações, tantas dúvidas, ajudando-nos a encontrar as melhores respostas, as certas, mais lúcidas, de acordo com a própria leitura de cada espectador.

Já a peça de Garrett fora objecto de uma leitura contestatária, de carácter freudiano e marxizante, por Mário Jacques, no TEP («DL»-17-6-1978), leitura prejudicada pela incipiência dos meios utilizados; vimo-la outra vez próxima de nós, nesta leitura de Jorge Listopad, tão fiel, tão frágil, tão irreverente, tão lúcida no levantamento dos sinais do texto, dos sinais da história. Listopad tem a feliz mania de transformar os espaços que investe. Com Nuno Carinhos subverte os valores, colocando o público onde costuma ser o lugar do espectáculo; levantando plataformas que possibilitam a criação de um segundo espaço de representação, espaço que se prolonga no solo

inferior, onde estão normalmente as cadeiras, nas escadas, e até episodicamente na cabina envidraçada dos técnicos (é aí que aparece o Romeiro banhado por uma luz espectral), e no aparelho da teia. Diga-se que estes últimos aproveitamentos me pareceram excessivamente voluntaristas, demonstrativos.

Quando o espectáculo começa vemos personagens que passam no escuro, fantasmaticamente, até que a primeira cena surge na plataforma onde as personagens permanecem como que à beira do abismo (o que é o caso). Portas velhas, quase sem utilização, tapam a parede, e dão a imagem de um país transformado num bairro de lata (estamos em Portugal, hoje). Manuel de Sousa Coutinho (Sinde Filipe) passeia um cão soberbo, é uma personagem altiva que trata os inferiores e a própria mulher com uma espécie de desprezo. Aqui estamos ainda numa atmosfera que tem qualquer coisa de shakespeariano, mas depressa mergulhamos em Garrett. Maria (Alexandra Lencastre) brinca a D. Sebastião: a espada é o sonho do regresso do herói; mas há o outro lado: as papoilas que agarra são o símbolo do sangue que vai perder e do sono da morte que a peça refere. D. Madalena de Vilhena (Carmen Dolores) tem a premunção do desastre. Bela no seu amor ela transfigura-se nas máscaras do seu medo; Telmo Pais (Carlos Wallenstein) é por ele e pelo seu desdobraimento (Carlos Wallenstein é também o intérprete de o Romeiro), a personagem nuclear desta leitura. Não foi por acaso que o Romeiro desapareceu da ficha de distribuição do programa (além de outras personagens que não apare-

cem). O Romeiro (D. João de Portugal) só existe na cabeça de Telmo Pais que se transforma no símbolo mais forte desse conflito Desejado/Indesejado. Esse achado magistral de Jorge Listopad não surge, no entanto, inteiramente resolvido em termos teatrais. Se a cena do diálogo ao espelho é ótima, já os diálogos que Carlos Wallenstein trava consigo mesmo pareceram-me excessivamente artificiais mesmo que pretendam denunciar o carácter ensimesmado, de fala-só, que o português por vezes denuncia. Note-se entretanto que a encenação indica estupendamente a premonição dessa fusão das duas personalidades (Telmo-Romeiro). Veja-se no início, o diálogo entre D. Madalena e Telmo Pais: Carmen Dolores coloca um braço à frente da cabeça como que a defender-se de um perigo aparentemente imaginário quando Telmo evoca D. João (mas é de Telmo que ela tem medo); depois na conversa com D. Manuel de Sousa Coutinho repete esse gesto na evocação do desaparecido em Alcácer Quibir, mas desta vez é de D. João que ela tem medo. Esse sinal repetido de medo (gesto tão elementar!) identifica as duas personagens cuja fusão simboliza um Portugal conservador, incapaz de entender as mudanças e disposto a sacrificar tudo e todos pelas normas estabelecidas (quando se arrepende é demasiado tarde).

Por último, Miranda (Baptista Fernandes) que surge como a sombra de D. Manuel de Sousa Coutinho, o seu servo: é ele no entanto que sobrevive e fecha a tragédia. Vemo-lo junto de nós, bem iluminado (ele que era da periferia, que andava na

sombra) a calçar as sandálias e a limpar brechtianamente as pratas. São dele as últimas palavras, inscritas pelo dramaturgista no espaço pós-garrettiano: «Frei Luís de Sousa», de Almeida Garrett, 1986. Hoje, connosco, outra vez na história e, agora, na tentativa da sua superação.

Seria necessário ir mais longe nesta análise, tentar clarificar alguns pontos da encenação. A marcação, por exemplo. Telmo Pais, vestido de negro, falando na sombra, com D. Madalena, de claro, fortemente iluminada; a forma como D. Madalena surge isolada nas cenas em que a tragédia a atinge; o facto de em algumas cenas personagens se retirarem de cena enquanto outras, sós, dizem os seus monólogos, como se faz por vezes na ópera. No entanto, Jorge Listopad não evitou alguns clichés desnecessários: Carmen Dolores roçando pelas paredes quando descobre a verdade, imagem de angústia excessivamente vista e que não basta para melodramatizar a cena; duvido também da eficácia da troca do «Ninguém» por um escuro proposado; e do jogo com a palavra que surge depois (não houve ainda aqui um excesso demonstrativo?); também a solução do incêndio dada em termos meramente sonoros me pareceu insatisfatória.

Foi porém na zona de representação que o espectáculo me deixou mais dúvidas. Talvez por carecer ainda de alguma rotação, pareceu-me haver um certo desfazamento entre cada personagem e o seu intérprete. Mesmo tendo sido utilizada uma direcção de actores que tivesse imposto uma certa distanciação,

uma certa frieza (trata-se de um trabalho mais da cabeça que do coração), mesmo assim pareceu-me haver algum exagero entre essa proposta e um certo retraimento, alguma irregularidade por parte da maioria dos intérpretes. Chocou-me especialmente o caso de Carmen Dolores que me habituei a admirar sem reservas e que pela primeira vez me decepcionou. Embora algumas das suas máscaras exprimam de forma depurada as emoções que a atravessam, a actriz não conseguiu transformar teatralmente a sua personagem. Com um tom tremido de voz desagradável, uma cabeça leira bastante feia e inadequada no contexto plástico do espectáculo, um vestido, o segundo, que é o pior figurino de Nuno Carinhos, Carmen Dolores pareceu-me ficar aquém (provisoriamente?) das suas potencialidades e do próprio espectáculo. Também Sinde Filipe me pareceu contraído, marcando ambigualmente uma personagem que pede uma outra clareza (mas não se trataria de ironia? Eis o que não fica claro), embora as suas cenas finais sejam de grande actor que é. Outro actor que me pareceu deixar a sua personagem numa zona mecânica foi Filipe Ferrer, demasiado monocórdico, sem emoção.

Desde modo, o espectáculo é dominado por Carlos Wallenstein, que tem um duplo papel, excelente de presença, de energia interior e exterior, de expressão da complexidade de símbolos que define esse papel duplo. Ao lado dele, uma jovem, Alexandra Lencastre, uma passagem desde já inesquecível, ao mesmo tempo a força, a fragilidade, a beleza da personagem garrettiana. Ela, Maria, fica a pertencer ao imaginário do nosso teatro.

Carlos Wallenstein e Alexandra Lencastre — mas não é pelas suas personagens que passam os fios mais densos desta tessitura, não é nelas que o teatro e a história, a tragédia e o drama, se tornam carne e espírito?

Em Miranda, Baptista Fernandes com a segurança habitual num papel que se torna mais importante do que no original.

Gostei mais do Nuno Carinhos cenógrafo do que no figurinista, embora tenha havido neste um sentido da coerência plástica (no material e nas cores), uma imaginação do atemporal que é preciso sublinhar. Presença discreta mas muito eficaz, inteiramente adequada, da música dos Telectu.

Este espectáculo não defrauda as expectativas, o que nem sempre acontece. Tem alguns pontos, direi técnicos, para discutir. Mas é bem um espectáculo que fala da nossa história e dos nossos dias, ou seja de nós e dos que já se foram. Jorge Listopad soube descobrir no texto de Garrett algumas pistas que nos podem ajudar a descobrir a nossa modernidade e também a nossa ambígua paixão pelo passado.



Sinde Filipe e Carmen Dolores

SITU/BUC em Coimbra

Jantar com Ibsen

Foi certamente o pedido mais estranho recebido pela direcção do festival de Coimbra. O grupo holandês S.O.T. requirava uma sala de jantar para apresentar o seu espectáculo. Não se tratava porém, de um espectáculo de café-concerto mas de uma peça de Ibsen, daquelas que têm cinco actos! É preciso que se saiba que os participantes da SITU (representantes da comunicação social, elementos de grupos, pessoal da organização) refeiçoa normalmente nas cantinas universitárias. Sabe-se como é: bife, mais ou menos, arroz, batatas fritas, um ovo estrelado, às vezes, alface cortada fininha; sopa; maçã, laranja; ou arroz doce ou leitecreme; água ou sumo. O trivial mas com fartura. Às vezes, varia: lulas, bacalhau, mas é raro. Não tenho nada a dizer contra: a comida era feita e mais bem feita do que se possa pensar. Desta vez o jantar era na cantina das Matemáticas (bela vista do rio), o que facilitava a qualidade. Foi para aí que a organização remeteu o grupo holandês.

Duas sessões. Não vi a primeira, que começou tarde, foi demasiado extensa, não agradou (algum público saiu a meio). Vi a segunda: um espanto. Convém explicar, de acordo com informações do grupo, que o S.O.T. apresenta este espectáculo em restaurantes de luxo com o texto na íntegra. O público certamente burguês, que Ibsen de resto questiona, aceita a experiência, ao que parece, com agrado.

O grupo surge dividido em patrões e empregados. Estes servem à mesa, substituindo o self-service, os senhores comem com os espectadores. Acaba-se a primeira parte, vem a sopa; acaba a segunda parte, vem o resto. Convém dizer que a segunda sessão foi reduzida a cerca de hora e meia. Nos intervalos há música para entreter. Durante a apresentação há «songs» de Brecht-Kurt Weill. Ora uma das coisas mais estimulantes do espectáculo é precisamente essa ligação de Ibsen a Brecht e esse confronto de ambos e do público (espectador-comensal) que até canta. Será este o teatro culinário a que Brecht se referia. Não é porque Ibsen levanta problemas de sociedade. De facto, «Pícaras de Sociedade», de 1877, é a primeira tentativa de Ibsen de colocar no seu teatro problemas sociais, incluindo a luta de classes, mas onde sobressai mais especificamente a problemática do novo papel da mulher na sociedade, antecipando outras obras de Ibsen que incidem sobre uma vertente feminista.

Na versão do S.O.T. o texto de Ibsen sugere muito alterado e marcado por um pessimismo que não é do original (estou a seguir o texto do programa, já que, como se calcula, o meu holandês é absolutamente nulo). No entanto para o espectador que conhecesse minimamente a peça e seguisse o texto distribuído com o programa, como se fosse a ementa, o espectáculo era razoavelmente comunicativo. O facto deverá entender-se prioritariamente como resultado da capacidade do teatro em comunicar sem palavras mas também à qualidade dos intérpretes, à relação que se estabelecia entre eles e o público, à intervenção das canções, cantadas por uma bonita jovem com uma bonita voz e tocadas ao vivo. Utilizando processos simples de sinalização (por exemplo, uma personagem revelava o seu temperamento rebelde lançando um copo ao chão; uma «criada» movimentava prontamente as cadeiras, a mesa, o jornal que os senhores utilizavam), fazendo uma marcação no espaço e na relação física das personagens de carácter significativo, o espectáculo do

S.O.T. conseguiu atingir uma zona de comunicabilidade e de eficácia, mesmo ao nível do divertimento, que não se julgava possível. Sobretudo depois das críticas que lhe tinham sido feitas.

Bonito de se ver foi um miúdo da família dos funcionários da cantina debruçado do balcão a ver o espectáculo; bonito de se ver foi um simpático «balconista» da cantina a aplaudir com entusiasmo o espectáculo.

Um dos grupos aguardados com mais expectativa era o Piccolo Teatro di Pontedera, companhia profissional dirigida por Roberto Bacci e tendo como dramaturgista um dos grandes estudiosos da «commedia dell'arte», Ferdinand Taviani. A prestação do P.T.P., com um espectáculo intitulado «A Grande Noite», foi magnífica mas essa magnificidade não chegou para ocultar alguns problemas que o espectáculo colocava. Devo aliás dizer que raramente me tenho sentido tão perturbado pela incapacidade de apreender o que se passa à minha frente. Falado em italiano, mas também em dialecto napolitano e até em russo e em árabe, o espectáculo, embora aparentemente claro, fechava-se numa concha secreta que dificilmente se deixaria abrir. Nisso poderia identificar-se com alguma poesia contemporânea que guarda uma margem de inapreensibilidade que faz part da sua própria razão de ser.

A perplexidade não era só minha. Por isso um grupo de espectadores, no final, procurou saber mais alguma coisa através de uma conversa com o principal actor do espectáculo, aliás excelente, e utilizando o prof. José Oliveira Barata como mediador (obrigado, Zé!).

Vejam, no entanto, como o espectáculo surge para o espectador desprevenido. O centro do ginásio da Norton de Matos está ocupado por uma tenda (belos panos, bela iluminação) povoada por se-

res que são talvez árabes, uns, europeus, outros. O espectáculo chama-se «A Grande Noite», como foi dito, e o grupo é composto por pessoas, intelectuais, que fogem de algo, para o caso o cometa Halley, tendo o título a ver com o seu reaparecimento, 76 anos depois de 1986. Não se trata, fomos dito, de um grupo de terroristas, embora haja uma cena de captura de um europeu que poderia evocá-lo e passem pela situação exposta evocações de minorias oprimidas. Trata-se, foi-nos dito, de um grupo de intelectuais ligados por uma espécie de misticismo que tem a ver com o itinerário de Grudjiev, como se sabe, um orientalista e um místico, e com um poeta do surrealismo francês, aliás rebelde, René Daumal, também ele ligado ao misticismo de carácter oriental. Estes dois nomes foram expressamente referidos pelo actor italiano. O que isto significa em termos de criação cénica é muito pouco. Vem no entanto a propósito lembrar que estamos a viver uma época de regresso de misticismo, agnóstico ou não, o que parece ser óbvio não só neste espectáculo como nos espectáculos polacos.

«A Grande Noite» põe, em jogo, portanto, os sentimentos de um pequeno grupo humano face à ameaça do obscuro e incontrolável (o cometa Halley, mas não poderá ser uma ataque nuclear?), ameaça que procura superar através da crença numa personagem invisível, a Filha, a Obscura, que deve ser salva com a ajuda de um profeta, também ele invisível, (estou a seguir o texto do programa). Há a morte de alguém e depois o espectáculo transforma-se, assume formas de «comedia dell'arte», as personagens surgem aburguesadas, embora mantendo as mesmas crenças. No que o espectáculo era definitivamente óbvio era na qualidade plástica, do trabalho de encenação, na admirável interpretação.

Carlos Porto



«A Grande Noite» pelo Piccolo Teatro di Pontedera

MAIO 86

Le Printemps

EM LISBOA
CINEMA ALVALADE

22 JEAN-LOUIS MAJHUN
RADIO MACAU

23 GILBERT LAFFAILLE
CASTELHEMIS

24 YVES DUTEIL
JULIO PEREIRA

MINISTÉRIO DA CULTURA - DIRECÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL
SECRETARIA DE CULTURA E PATRIMÓNIO - ALVARADO DE LIMA, 13
UMA ORGANIZAÇÃO DO INST. FRANCO-PORTUGUÊS
TELEF. 54 45 74

TODOS OS ESPECTÁCULOS COMEÇAM ÀS 22 H
BILHETES À VENDA: ABEP - INST. FRANCO-PORTUGUÊS (Av. Luís Bivar, 91)
- CINEMA ALVALADE (nos dias de espectáculo)

TRIBUNAL DA COMARCA DE LOURINHÃ ANÚNCIO

Nos autos de Acção Ordinária n.º 76/84, em que são Autor João Bernardo da Vinha, casado, agricultor, residente em A-dos-Cunhados, concelho de Torres Vedras e Réus Jaime Filipe Ribeiro da Fonseca e mulher Maria Isabel Ribeiro da Fonseca, residentes em Atalaia de Baixo, Lourinhã, é por este meio citado ISIDRO DANIEL DA FONSECA, residente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua do Campo da Bola, n.º 4, em Ribamar, Lourinhã para, no prazo de 20 dias, que começa a correr depois da data da segunda e última publicação deste, na qual foi requerida pela Autor a sua intervenção como parte principal, apresentar o seu artikulado ou fazer declaração de que faz seus os artikulados da parte a que deve associar se e tudo como melhor consta dos artikulados, cujos duplicados à sua disposição nesta secretaria, se encontram.

Lourinhã, 11 de Abril de 1986
O Juiz de Direito,
(ARNALDO ANTÓNIO DA SILVA)
O Escrivão de Direito
(JOAQUIM PIRES BARBOSA)

«DL» — 20/5/86

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TORRES VEDRAS ANÚNCIO

Ex. Sumária 32/85

Pela 1.ª Secção de Processos do 2.º Juízo do Tribunal desta Comarca, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Firmino José Plácido Martins, solteiro, residente em Lagoa, Malra, para no prazo de dez dias, posterior aos editos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados, sobre que tenham garantia real, na execução movida por Carlos Bernardes Filhos, Ld.ª, com sede no Bairro Vila Morena, Torres Vedras.

Torres Vedras, 13 de Maio de 1986

O Juiz de Direito,
Henrique Manuel da Cruz Serra Batista

O Escrivão de Direito,
Joel Henriques Ferreira da Silva

«DL» 20/5/86 — 2.ª Pub.

TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA APRESENTA NO

TEATRO VASCO SANTANA

ENTRECAMPOS
FEIRA POPULAR
CESÁRIO QUÊ?

TEXTO E ENCENAÇÃO DE:
LUZIA MARIA MARTINS

CENOGRAFIA DE: FERNANDO FILIPE
ACTORES POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA: FERNANDA MONTEMOR • CARLOS SANTOS • CLARA JOANA • HELENA FÉLIX • LUÍSA ORTIGOSO • FERNANDA COIMBRA • JOÉ BRÁS • VÍTOR HUGO • MANUEL MENDONÇA • PEDRO PAIVA

Terça a sábado às 21.30
Domingo às 16



Teatro do Carmo
CICLO STRINDBERG
A ILHA DOS MORTOS



A SONATA DOS ESPECTROS

De 3.ª a sábado às 21.30h
Domingo às 16h
2.ª feira - Descanso
De terça a quinta - preços reduzidos

110
TEATRO DO
BAIRRO ALTO

R Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 66 55 15/66 92 05

Colóquio "Latinidade-realidade ou mito?"

Figuras prestigiosas da cultura de países de expressão neolatina participaram em Roma, no próximo mês, num colóquio dedicado à «Latinidade».

Os germens do mundo contemporâneo no passado, a definição do ser latino — supondo que exista — assim como o futuro da latinidade, a sua identidade cultural e intercomunicação serão os temas a discutir durante as duas sessões promovidas pela União Latina, organismo criado em 1954 com o tratado de Madrid, para tutelar o património linguístico-cultural dos países cujos idiomas derivam da língua de Virgílio.

Os trabalhos que serão presididos por Georges Duby, professor do College de France, estarão a cargo de quatro comissões, cada uma delas ocupando no debate aspectos específicos daquilo que hoje pode ser considerado como «Cultura Latina».

Por Portugal participaram nos colóquios Mário Ruivo, secretário da Comissão Oceanográfica Intergovernamental, os directores de informação da RDP e da RTP e o embaixador José Augusto Seabra, vice-presidente da União Latina.

A primeira comissão aborda a evolução histórica e linguística dos «Filhos de Roma» através de subtemas como a Unidade Linguística e Religiosa na Alta Idade Média Romana, a persistência do «Sonho Imperial Romano» nessa mesma época, as tentativas do Sacro Império Germânico e de Carlos V, os fenómenos político-sociais como, entre outros, a Revolução Francesa, o Império Francês, o advento do fascismo de Mussolini, as derrotas e ruínas políticas da latinidade.

A lei, o amor e a fantasia são os conceitos de partida para a segunda comissão que faz uma análise dos costumes latinos: a bipolaridade de tendências ao individualismo, a anarquia, a falta de civismo e, no outro extremo ao gosto pela autoridade, pela universalidade, pela ordem e regulamentos do Estado.

Uma mecânica consuetudinária que apresenta arquitétipos comuns tais como a Igreja, a família, o discurso, a praça, a rua, a tasca e o vinho.

A terceira comissão ocupará-se dos aspectos demográficos e económicos dos mil milhões de latinos que, no ano 2000, representarão 24 por cento do Produto Internacional Bruto.

Trata-se, aqui, de estabelecer certezas demográficas. O potencial económico da terra e dos homens a existência de um tipo de organização económica e de produção própria dos países latinos, segundo diferentes graus de desenvolvimento e os erros, os êxitos e perspectivas das técnicas das pequenas e grandes economias latinas.

Por fim, a identidade cultural e a comunicação constituem objecto de estudos da quarta comissão que procurará definir o percurso que vai do poder do verbo ao domínio das imagens.

Nesta última fase dos debates, certamente que não faltarão as polémicas, porquanto serão postas interrogações delicadas no contexto dos nossos dias.

Por exemplo a internacionalização do conteúdo dos meios de comunicação constitui uma diversificação um equilíbrio ou uma invasão? E as culturas estrangeiras ensinadas nos liceus e nas universidades são uma abertura ao mundo ou um risco de colonização?

Sem dúvida que se está perante questões que nunca poderão obter uma resposta definitiva quanto às consequências culturais e linguísticas dos ac-

tuais desequilíbrios a evolução dos poderes públicos e a previsão das reacções da opinião pública e a influência das novas técnicas de comunicação e de ensino.

De qualquer modo, à procura de vias comuns de preservação e incremento da latinidade estarão presentes no convénio escritores como Jorge Luís Borges, Jorge Amado, e Umberto Eco, cineastas da craveira de Bernardo Bertolucci, Liliana Cavani, Carlos Saura e Bertrand Tavernier, actores como Vittorio Gassman e Fanny Ardant e grandes cozinheiros como os franceses Derens e o famoso Bocuse.

No que respeita à esfera académica, os convidados para o encontro de Roma — linguistas, historiadores, economistas, sociólogos e urbanistas — formam uma autêntica elite de conhecedores da multifacetada realidade neo latina.

Do mesmo modo, o mundo político, sobretudo no que se refere aos campos da cultura, da comunicação e do ensino estará representado por responsáveis destes sectores em vários países latinos e em organismos internacionais como o Conselho Europeu.

Carlos Caetano Soares — NP

Situação da cultura portuguesa

A Sociedade Portuguesa de Autores divulgou publicamente o relatório sobre a situação da cultura enviado aos órgãos de soberania.

O relatório contém as conclusões a que, em quatro meses de trabalho, chegaram as comissões designadas pela nova Direcção da SPA para estudar os problemas dos diversos sectores da criação artística em Portugal, designadamente no teatro, literatura, música (erudita e ligeira), Rádio e Televisão.

Em nota enviada aos órgãos de Comunicação Social, convocando-os para uma conferência de Imprensa, o presidente da sociedade, Luís Francisco Rebello, alertou para as «fundadas preocupações» sentidas «relativamente aos factores que comprometem a criação artística em Portugal».

Luís Francisco Rebello considera estar-se perante «uma situação de grande risco» para a cultura portuguesa, cujos contornos se procurou definir na conferência.

As comissões sectoriais, criadas logo após a tomada de posse dos novos corpos gerentes da SPA, «analisaram — lembra Francisco Rebello na mesma nota — as questões que se colocam nos vários sectores literários e artísticos em que a sua actividade se desenvolve» e, nos relatórios que elaboraram, propuseram «diversas formas de actuação urgente».

Relações culturais luso-espanholas

O ministro português da Educação e Cultura, João de Deus Pinheiro, anunciou, em Madrid, uma revisão radical na política das relações culturais luso-espanholas.

Esta revisão, disse à Anop o ministro de Educação, terá reflexos na presença cultural de Portugal em Espanha.

João de Deus Pinheiro participou nas sessões da primeira conferência Ibero-Americana de Desporto e Educação Física, em Madrid e disse à Anop ser «urgente reformular e desenvolver todos os aspectos da presença cultural portuguesa em Espanha».

«É urgente e imprescindível que a cultura portuguesa esteja mais presente e com mais dinamismo em Espanha e que as acções desenvolvidas neste país sejam mais agressivas de modo a atingir o objectivo final que consiste em que o povo espanhol conheça melhor a nossa realidade cultural» — disse.

«A nossa estratégia — acrescentou o ministro da Educação — não pode estar baseada apenas em acções casuísticas ou de simples rotina como até agora, mas deve ser o resultado de uma

planificação global e continuada integrada no Contexto das relações entre os dois países e das circunstâncias históricas actuais».

Como acções imediatas, o ministro anunciou a elaboração de um plano de actividades culturais em Espanha, em conjunto com a Secretaria de Estado da Cultura, Ministério dos Negócios Estrangeiros e Embaixada de Portugal em Madrid, que coordenará as diversas acções em Espanha.

João de Deus Pinheiro disse que vai ser acelerado o projecto de instalação de um centro de cultura portuguesa em Madrid que terá por finalidade «a irradiação da nossa cultura em Espanha».

O estatuto do centro já está oficialmente aprovado há anos, mas até agora não se deram passos decisivos para sua instalação.

O ministro da Educação vai reunir-se nos próximos dias com o seu homólogo espanhol, José Maria Maravall, em Haia, com quem analisará o tema da dotação de cátedras de português nas universidades espanholas, e de outros aspectos do ensino da Língua e da Literatura Portuguesa em Espanha.

Grande prémio da SLP

O «Grande Prémio Sociedade de Língua Portuguesa 1985», no valor de 150 contos, foi atribuído ao estudo «Aquisição da Leitura e da Escrita e Desenvolvimento da Consciência Metalinguística na Criança», da autoria de António Quintas Mendes.

O júri, que decidiu por maio-

ria, era constituído pelos professores universitários José Herculano de Carvalho, Oscar Lopes e Isabel Hub Faria e pelo presidente da SLP, Fernando Sylvan.

O estudo premiado — diz-se numa nota da instituição — «Não incide especificamente sobre matéria da língua portu-

guesa» mas apresenta «Interesse científico da psicologia cognitiva em relação ao aprendizado da leitura e da escrita e encontra-se manifestamente acima, em qualidade», dos restantes trabalhos concorrentes.

António Quintas Mendes é professor do Instituto Superior de Psicologia Aplicada.



COMÉDIA DOS ANFITRIÕES

Teatro

• É já esta noite, pelas 21.30 horas que o **TELA — Teatro Experimental de Leiria** estreia o seu novo espectáculo, «Comédia dos Anfitriões», de Luís de Camões, a 14.ª produção da companhia. Em cena em Leiria até finais de Junho, «Comédia dos Anfitriões» mostra como o deus Júpiter se apaixona por Almena, mulher do General Anfitrião. E mostra também como Júpiter não conseguindo vencer a fidelidade de Almena, tomou, por artes mágicas, a figura de Anfitrião, apresentando-se em casa deste como se tivesse regressado da guerra. E Mercúrio tomou a forma do escravo sósia, o qual acompanhava Anfitrião na sua viagem. E aconteceu que, nessa mesma noite, o verdadeiro Anfitrião voltou a casa... A «Comédia dos Anfitriões», tem encenação de José Valentim Lemos e é interpretada por Ávila Costa (ex-Grupo Maizum), Figueira Cid (cedido pelo C.C. de Évora), Fernando Loureiro, Luís Costa (TELA), Maria José Belbut (TELA), Rui Sérgio (TELA), Teresa Roby (ex-Casa da Comédia) e Waldemar de Sousa (ex-Teatro Aberto). O espectáculo tem figurinos de Ana Salgueiro Batista e colaboração de Catarina Baleiras, Luís de Matos e Carlos Barros.

• A **Companhia de Teatro de Almada/Grupo de Campolide** apresenta esta tarde, pelas 15 horas numa sessão especial para a infância a peça de Joaquim Benite «A Menina, o Gato e o Robô».

• No âmbito do FITEI, o **grupo de teatro colombiano** apresenta esta noite pelas 22 horas no auditório do Teatro a peça «Delicuentes Comunes», da autoria do colectivo da companhia. Também hoje o **Grupo de Danças e Cantares**, de S. Tomé e Príncipe dá um espectáculo pelas 21.30 horas no Teatro Campo Alegre.

Conferências

• «**Literatura Popular e Literatura Popular Portuguesa**» é o tema da conferência que o prof. dr. Manuel Viegas Guerreiro profere esta tarde, pelas 18.30 horas na Sociedade de Língua Portuguesa (R. de S. José, 41-2.º). Manuel Guerreiro é autor de obras no campo da literatura popular, tanto no campo português como moçambicano.

Música

• Integrado na sua actual temporada musical, realiza-se esta tarde, às 18 e 30, no Grande Auditório, o Concerto do **MIRECOURT TRIO**, que interpretará, no seu programa, obras de Beethoven (Trio em dó menor, op. 1, n.º 3); de Joly Braga Santos (Trio para violino, violoncelo e piano, (1.ª audição absoluta); de Henry Cowell (Four Combinations); e de Ravel (Trio em lá menor).

Criado em Abril de 1973, o Mirecourt Trio nasceu do sucesso alcançado por três participantes numa reunião improvisada de música de câmara.

• A **vida e a obra de Beethoven** voltam a estar hoje em foco no Teatro Municipal de São Luiz, das 18.30 às 19.30 horas, numa iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa. O espectáculo que tem entrada livre, tem direcção do maestro José Atalaya e conta com a presença do pianista João Almeida que interpreta a «Sonata op. 13, em dó menor» e «Sonata op. 57, em fá menor».

• A «**Música na Universidade**» prossegue hoje com um espectáculo de teatro e música pelo grupo «**Colectiva**», sob direcção de Constança Capdeville. Do programa consta a interpretação de obras dos compositores António de Sousa Dias, C. Capdeville, I. Stravinsky e Maurício Kagel.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)

15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 2

UM AMERICANO EM BERLIM

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Alfa 3

O JUSTICEIRO DE NOVA IORQUE

(maiores 16 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa Club

T. 763319

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)

15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 12 anos)

13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

(maiores 12 anos)

14, 16.30, 19, 21.45 e 23.45 h

Apolo 70

RUMBLE FISH - JUVENTUDE INQUIETA

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Avila

— T. 539930

A NOITE DE ESPANTO

(maiores 16 anos)

14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

NA PONTA DO SEXO

(int. 18 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA

(maiores 16 anos)

15.00 e 21.00 h

Capitolio

— T. 372358

PAIXÃO CARNAL

(int. men. 18 anos)

15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ÁGUA DE FERRO

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h



Uma cena do filme de JOÃO BOTELHO «UM ADEUS PORTUGUÊS» (Prémio do melhor realizador do festival do Rio de Janeiro, Prémio OCCIC de Berlim e Grande Prémio de Salsomaggiore em Itália).

Em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

Cineblow

— T. 556824

PELA NOITE DENTRO

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

VINGANÇA FORÇADA

(maiores 18 anos)

24.00 h

Cine Camões

T. 324194

OS INVASORES EXTERRESTRES

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

O NOSSO AMOR DE ONTEM

(não acons. men. 13 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

O GRANDE GOLPE

(não acons. a men. 13 anos)

24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

ESPIÕES COMO NÓS

(maiores 12 anos)

16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

MISSÃO FINAL

(m. 16 anos)

15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

A HONRA DOS PADRINHOS

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

O HOMEM DOS DOIS CEREBROS

(m. 12 anos)

23.45 h

Condes

— T. 322523

AMOR E SANGUE

(m. 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O JUSTICEIRO DE NOVA IORQUE

(m. 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

ACADEMIA DE GÉNIOS

(m. 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

A REUNIÃO DE CLASSE

(maiores 6 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

UM ADEUS PORTUGUÊS

(m. 12 anos)

15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

COTTON CLUB

(m. 16 anos)

14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

MISTÉRIO DE UM RAPTO

(m. 16 anos)

14.30, 16.50, 19.00 e 21.30 h

Sala 3

REMO - DESARMADO E PERIGOSO

(m. 12 anos)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

À QUEIMA-ROUPA

(Grupo C)

19.00 e 21.30 h

Gemini

O JUSTICEIRO DE NOVA IORQUE

(m. 16 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Hollywood

— T. 802859

TRÊS HOMENS E UM BERÇO

(m. 12 anos)

14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

AMOR E SANGUE

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Imperio

— T. 555134

ESSES TERRÍVEIS AMORES

(maiores 12 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

AMOR E SANGUE

(m. 16 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

O ALVO

(m. 12 anos)

15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

O ALVO

(m. 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 534743

O JUSTICEIRO DE NOVA IORQUE

(m. 16 anos)

14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

AGNES DE DEUS

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

LOUCURAS NA NEVE

(m. 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

VIOLAÇÕES SEXUAIS

A partir das 14 horas

Sessões contínuas

Filme pornográfico

(int. men. 18 anos)

Pathe

— T. 821933

2020 GLADIADORES DO TEXAS

(m. 18 anos)

14.00, 16.30 e 21.30 h

O EXORCISTA

(maiores 18 anos) 24.00 h

Politeama

T. 326305

OPERAÇÃO THOR

(m. 12 anos)

14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

UM ADEUS PORTUGUÊS

(maiores 12 anos)

15, 17, 19 e 21.30 h

CHINATOWN

(maiores 16 anos)

23.30 h

Sala 2

O PRINCÍPIO DA ARCA DE NOÉ

(maiores 16 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

A GRANDE FARRA

(m. 16 anos)

23.30 h

Sala 3

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

O ELEVADOR

(m. 16 anos)

24.00 h

Sala 4

RUMBLE FISH - JUVENTUDE INQUIETA

(maiores 16 anos)

15.00, 17.00, 19.00, 21.30

REVOLTA NO PACÍFICO

(m. 16 anos)

23.30 h

N'Gola

— T. 573407

INFERNO

(int. men. 18 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Restelo

T. 610375

REGRESSO AO FUTURO

(maiores 6 anos)

15.30 e 21.30 h

Cinema Rex

— T. 864756

FEIOS, PORCOS E MAUS

(int. mne. 18 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma

T. 889192

ÁGUA NEGRA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

IMPACTO MORTAL

(m. 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

ÁFRICA MINHA

(m. 12 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2

UM AMERICANO EM BERLIM

(m. 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

(m. 12 anos)

14.00, 16.30, 19 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

O FIO DA SUSPEITA

(maiores 12 anos)

14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

GENTE GIRA N.º 2

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

O FIO DA SUSPEITA

(maiores 12 anos)

13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

Lisboa — PERMANENTE
— **ALFAMA - SÃO TOMÉ:** Ziller, R. de São Tomé, 54-56 (T. 862835); **AREIRO:** Lusitana, Av. de Roma, 18-A (T. 885443); **AVENIDA D. RODRIGO DA CUNHA:** Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (T. 882384); **BENFICA - 2.ª CIRCULAR:** Benfitez, E. de Benfita, 444-A (T. 7141206); **BOA-HORA - AJUDA:** Boa-Hora, R. dos Quartéis, 25-27 (T. 637777); **CAMPOLIDE - ÁGUAS LIVRES:** Rualto, Ld.ª, R. Alto do Carvalhão, 5 (T. 651721); **JANELAS VERDES:** Reis Garrido, R. das Janelas Verdes, 90 (T. 662327); **JARDIM CONSTANTINO:** Portugal, R. Rebelo da Silva, 11-13 (T. 543340); **JARDIM DOS ANJOS:** Conflança, Av. Almirante Reis, 46-A (T. 821653); **OLIVEIRA:** Lemos, R. Cidade da Beira, lote 19 (T. 331692); **SALDANHA - HOTEL SHERATON:** Oliveira Viegas, R. Viário, 29-29-A (T. 548966); **TELEFONOS - QUINTA DE SÃO VICENTE:** Quejas, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21 (T. 7584144); **ODIVELAS:** Leitão, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA:** Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — BAIXA: Americana, C. de Santana, 1-3 (T. 863984); **CALVÁRIO:** Monge, R. dos Lusitãos, 30-32 (T. 637704); **CAMPO GRANDE - AVENIDA DO BRASIL:** R. Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO:** Veral, R. Morais Soares, 109-111 (T. 821732); **ESCOLA POLITÉCNICA - SÃO BENTO:** São Marçal, R. de São Marçal, 100-102 (T. 325318); **ESTADOS UNIDOS - A CAIXA DE PREVIDÊNCIA:** 39: Celta, R. Moura Girão, 3-B (T. 890621); **MADRE DE DEUS:** Romana, R. Actor Augusto Melo, 7-A (T. 383800); **PICHELEIRA:** Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **PRAZERES:** União, R. Saraiva de Carvalho, 145-F (T. 663643); **REGO:** Prates & Mota, R. da Beneficência, 91-93 (T. 773728); **SALDANHA:** Avenidas, Av. da República, 27-A (T. 533688); **VALE DE SANTO ANTONIO:** Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T. 662333); **BRANDOA - AMADORA:** Correia, Urbanização Alfontes, célula G, lote 137, loja B, ponte (T. 990122); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 29504436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** J. Consulado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Silva Inácio, P. Gomes Teixeira, 45 (T. 2071862). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Universo, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas;

AMORA: Moura Carneiro. Até às 22 horas; **SEIXAL:** Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO:** Diogo Marques, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL:** Portugal, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Permanente; **Mira, P. Jorge Afonso (T. 20427).** Permanente; **Oliveira, R. da Misericórdia, 10 (T. 224498).** Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17 (T. 2114487). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Melo Almeida, R. D. Diogo Coutinho, lote 128 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TILRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHES:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Láz, E. Nacional (T. 2.ª) — 7.ª. Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS:** Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777).** **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE:** Mendes Junqueiro, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL:** São João, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNÁ:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Venda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Nova, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Carmele, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 4933303). Permanente; **Dias & Brito, Av. Marques de Pombal, 45-A (T. 4940118).** Até às 22 horas; **DAMAIA:** D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ:** Simões, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Batalha, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CAJÓ:** Guerra Rico, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 924402). Permanente; **MEM MARTINS:** Quimica, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCES:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA:** Misericórdia, Pendola, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES:** Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Permanente; **SACAVEM:** Cortes, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; **LOURES:** Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

TEATROS

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

Teatro da Cornucópia

Ciclo Strindberg. «A ILHA DOS MORTOS» e «A SONATA DO ESPECTRO».

1.º Acto Clube de Teatro — Os Marginalizados

Em digressão pelo concelho de Oeiras

As sextas e sábados, às 21.30

«O NOIVADO NO DAFUNDO», de Almeida Garrett, numa versão de Armando Caldas

«O ILUSTRE CONFERENCISTA», de Roque e Lyra, com cenários e figurinos de Gila. Música de Carlos Alberto Moniz. Cenografia de Ruben Matos e encenação de Armando Caldas

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Sala Experimental

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingos, às 16.30

«AUTO DA BARCA DO INFERNO», de Gil Vicente. Pela Associação Cultural de Marionetas.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«BEM-VINDO SR. SLOANE», de Joe Orton. Encenação de Carlos Fernando. Cenografia de Dalton Salen Asselt. Interpretes: António Monteiro, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José

Teatro Villarel

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Casa dos Tabuenses

R. Poiais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados e domingos, às 16.30

«A RUA DOS FANTASMAS», de Javier Villafañe. Pelo Maizum. Encenação de Adolfo Gulkyn. Interpretes: Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvina Pereira.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

Sala Manuela Porto

De terça a sábado, às 15.30; aos domingos, às 21.30

«A MULHER QUE MATOU OS PEIXES», de Clarice Lispector. Adaptação/encenação de José Caldas. Interpretes: António Fonseca, Manuel Lourenço e Margarida Carpinteiro.

Cooperativa da Caixa Económica Operária

R. Voz do Operário, 64-2.º — Tel. 87 56 10

5.ª, 6.ª e sábado, às 22.00

«O MEU CORPO TEM AS MESMAS IDEIAS QUE EU», de António Rodrigues. Encenação e interpretação pela Companhia do Teatro Amador da Caixa Económica Operária.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS» — Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

Às 21.30

«VOLPONE», de Ben Jonson pelo Grupo Novo. Encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. Interpretes: Adriano Luz, Alexandre de Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular — Tel. 76 86 90

Teatro Estúdio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«CESARIO QUE?», Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Interpretes: Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Origo, Fernanda Coimbra, José Bras, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Parva

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 17.00

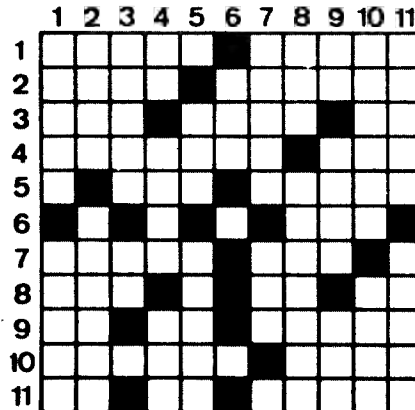
«CALÍGULA», Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Encenação de João Mota. Interpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 735

HORIZONTAIS:

- Pois no mar (o avião). Universal.
- Preposição. Malicioso.
- Arara. Enguia. Zomba.
- Recuperar. Conjuncção.
- Estava. Abertura no alto da muralha de uma fortaleza de onde se visava o inimigo.
- Escudeiro.
- Freguesia do concelho de Guimarães. Anel.
- Culpado. Clima. Ondas curtas.
- O mais. Bário (s.q). Fátia.
- Velhaco. Esteiros.
- Carta de jogar. Isto é. Nome de homem.



VERTICAIS:

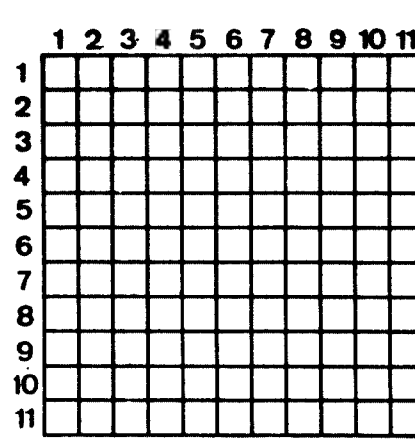
- Aguço. Em má hora.
- Oportunidade. Tira de couro a que vai preso o cão de caça (pl).
- Tontaria. Alternativa.
- Rádio (s.q). Rezes. Quadrúpede ruminante.
- Nome de mulher. Humilhação.
- Dá mios. Conjuncção.
- Tiranía (fig). Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
- Herdade delimitada por marcos. Turrara.
- Letra grega. Ambiente. Senhor em inglês.
- Encanto (fig). Escavai.
- Louça. Sorte.

Resolva completamente este problema? Procure, agora em segundo pensamento, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 574

HORIZONTAIS:

- Um dos Estados do Brasil. Tribo de índios do Brasil, em Mato Grosso.
- Acorrentaremos.
- Extraí. Nome de homem.
- Príncipe da Novogardia. Pronome reflexo. Gálio (s.q).
- Preposição e artigo (pl). Reproduzira.
- Parte superior da ramagem das árvores. Chege etíope.
- Sanificara.
- Cidade de França. Acrescentando uma vogal é árvore indiana de fibras têxteis. Antes do meio dia.
- Tempo do verbo ir. Estimar. Solitário.
- Pancadas com moca.
- Ligue. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais.



VERTICAIS:

- Lasca de madeira para embutidos (bras). Antigo peso de Malaca.
- Aliados. Batráquio.
- Invulgares. Pecado.
- Lavar.
- Zomba. Cavaleiro russo recrutado em certas regiões do Sudoeste da Rússia.
- Utensílio doméstico. Coisa encharcada em água. Ruim.
- Enrugado.
- Pais. Freguesia do concelho de Coimbra.
- Tornara amigo. Abreviatura de Santíssimo.
- Preposição e artigo. Aves trepadoras.
- Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Guarnecimento de armas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 734

HORIZONTAIS:

- QUEM. NADA.
- Brim. Brocar.
- Ar. Iria.
- Anas. Esmara.
- To. Ad. Ce. Oc.
- Toiro.
- Mu. Réstia.
- Au. FAZ. JÁ.
- Rica. Amo. Ur.
- Atolo. Aceda.
- Moras. Serão.

VERTICAIS:

- Qb. Até. Aram.
- Urano. MUITO.
- Eira. Tu. Cor.
- Mm. São. Fala.
- Dirá. Os.
- NB. Reza.
- Ariscos. Mas.
- DORME. Troce.
- Acia. Si. Er.
- Aaro. Ajuda.
- Dr. Aca. Arão.

PROVERBIO: Quem nada faz já muito dorme.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 573

HORIZONTAIS:

- Chapadas. Ga.
- Aas. Coradas.
- Biscaras. Li.
- Alu. Mira. Há.
- Mapa. Oso.
- Elida.
- La. Pepino.
- Apertaremos.
- Sama. Ras. Sa.
- Somáticas.
- Mo. Oral.

VERTICAIS:

- Cabanelas.
- Hail. Lapas.
- Assumi. Some.
- Adiram.
- Acampa. Im.
- Arara. Parto.
- Doria. Gerai.
- Sasão. Pesca.
- Saim. Ar.
- Gailho. Nossa.
- Ásia. Rosa.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.00: Pequeno jornal; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estádio; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

13.40: Música de câmara; 20.40: Música sinfónica; 21.00: Solos instrumentais; 21.30: Música de câmara; 22.30: Música portuguesa; 23.00: Intercâmbio musical; 00.40: Três danças, de Gustav Duenen; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m) 15.00: Dora a hora; 17.00: A feira mágica; 19.15: Musical; 20.00: Conta corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 23.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora; 02.00: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazz; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média 15.00: Ré maior; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Quiosque; 19.30: Quando o telefone toca; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Diário do desporto; 23.30: Clube dos colecionadores; 23.30: A vez e a voz; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Jornal das regiões; 19.30: Ligação à rede nacional.

Voz do Anentejo

14.00: Sopa dourada; 15.00: As boas tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Jornal das regiões; 19.30: Diversos.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 23.30: Diário do desporto; 23.57: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

RTP/1

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «A Arca de Noé» e «O Urso Teddy».

18.45 — País, País

19.15 — Jazz Para Todos

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

(51.º episódio): Rafael e Bia conversam. Bia romântica, Rafael tímido. Cláudio e Sónia saem para jantar e conversam muito. Sentem-se atraídos mas não revelam isto. Ângela tem uma forte dor de dente e Eloá leva-a para dormir na casa dela. Ângela diz a Eloá que todos na rua falam mal dela por ter deixado Osmar. Eloá diz que ama Osmar mais que tudo na vida e Ângela acredita. Eloá recebe um telefonema dizendo que precisa entregar o apartamento. Alfredo promete a Cláudio que vai pensar a respeito da empresa das caçadas. Osmar volta para casa.

21.30 — Actual

«As Mulheres na Política»: Leonor Bezeza, Zita Seabra e Maria de Lurdes Pintasilgo estarão presentes no programa de hoje de «Actual». Em debate estará «a presença das mulheres no primeiro plano da política em Portugal». Margarida Marante como moderadora, lançará o tema e recolherá os testemunhos.

22.35 — Estranhos Poderes por Arthur C. Clark

(8.º episódio).

23.00 — 24 Horas

23.30 — Remate

RTP 2

16.30 — Europa TV

16.35 — Tempo dos Mais Pequenos

«Tic-Tac», «Emília» e «O Raposo».

17.00 — Count Down

Contagem Rock

17.40 — O Tempo

17.45 — Série Juvenil

«Pierre Fabien»

18.20 — O Mundo Amanhã

«O Tempo» e «Eurorepórter».

18.35 — A Ciência dos Nossos Dias

18.55 — Musical

«Nona Sinfonia de Beethoven».

20.00 — Notícias

20.05 — Videopólis

20.40 — Falar de Macau

«As Cobras»: Há seis espécies de cobras venenosas em Macau. A sopa de cobra é um dos aproveitamentos que delas se extraem... Produção e realização da TDM.

21.10 — Cinema Português em Retrospectiva

«A Revolução de Maio» constitui o único esforço significativo de propaganda do salazarismo, investindo no cinema de ficção a que habilmente se alia um documental. Do empenho posto neste trabalho é prova o argumento de Jorge Afonso, (pseudónimo de António Ferro, então secretário de Estado da propaganda nacional).

Apostando na renovação das artes e cultura em Portugal, António Ferro esteve na base de um surto de progresso que, enquanto durou o benefício da dúvida lhe foi concedido por alguns vultos importantes da cultura nacional, teve momentos indiscutivelmente válidos e interessantes.

«A Revolução de Maio» procura, afinal, denunciar o ambiente de perturbação política entrecortado por golpes e manobras de bastidores, que viria a tornar «indispensável» o restabelecimento da ordem e um virar de folha na política portuguesa, que tem como ponto de partida a entrada das forças revoltosas de Gomes da Costa em Lisboa.

A dirigir o filme, um cineasta talentoso e convicto seguidor de ideário do Estado Novo, António Lopes Ribeiro, Critico, pioneiro das revistas de cinema em Portugal, trata-se de um nome histórico do cinema em Portugal, pela qualidade intrínseca de grande parte do seu trabalho, e pela aposta arrojada (a partir de 1941) numa tentativa de produção contínua de que foi pioneira e a que deu valiosíssimo contributo ao cinema português (que bem poderia simbolizar-se em Aniki-Bóbó).

Título: A Revolução de Maio. Realizador: António Lopes Ribeiro. Género: Dramático. Duração: 110 m. Ano de estreia: 1937. Fotografia: Preto e Branco.

23.15 — Últimas Notícias



Esta noite mais um programa da série «Estranhos Poderes» por Arthur C. Clark



A Nona Sinfonia de Beethoven: hoje no programa musical da Europa TV, na RTP 2

AMANHÃ

RTP/1

11.00 — Onde Fica Isto?

11.30 — Espaço 11/13

12.30 — Vereda Tropical

Silvana fica muito abalada ao perceber que está presa numa armadilha tecida por Oliva.

Leo chora quando Fernando lhe chama gorda e lhe diz que não gosta do tipo dela. Gabi invade a casa de Alfredo para o interrogar sobre a denúncia feita por Teo. Verónica pergunta a Oliva acerca das razões que o levaram a brigar com Luca, mas ele nega ter brigado.

Bráulio confunde Catarina com Verónica e beija-a. Alfredo e Gabi chegam nesse momento e ajudam a resolver a situação. Teo confessa a Catarina a sua paixão por Gabi.

Silvana fica muito emocionada ao ver o numeroso grupo de colegas que lhe pedem para ficar.

13.15 — Jornal da Tarde

13.35 — Ciclo Preparatório TV

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos

18.45 — País, País

19.15 — Telemundo

19.55 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Boletim Meteorológico

20.30 — Vamos Jogar no Totobola

20.50 — Corpo a Corpo

21.40 — Noite de Cinema

— «Encontro com uma Mulher S6»

23.25 — 24 Horas

23.50 — Remate

RTP 2

16.30 — Europa TV

16.35 — Tempo dos Mais Pequenos

17.00 — Count Down

17.40 — Meteo

17.45 — Spectrum

18.20 — O Mundo Amanhã

18.30 — Série Juvenil

19.28 — Documentário

20.00 — Notícias

20.05 — Páre, Escute e Olhe

20.35 — O Mundo Barroco

21.25 — Notícias

21.30 — Foi Êxito na TV

22.20 — Últimas Notícias

GRUNDIG

seleccionou para si...

RTP/1

22.35

Estranhos Poderes
por Arthur C. Clark

RTP 2

21.10

Cinema Português
em Retrospectiva

GRUNDIG PORTUGUESA

comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraca, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telet. 4197570

Corpo a Corpo



MARÉS DE HOJE		TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:	
PREIA-MRA	BAIXA-MAR	BRAGANÇA	9°
		VIANA DO CASTELO	13°
		VILA REAL	8°
		PORTO	12°
		COIMBRA	10°
		CABO CARVOEIRO	11°
		CASTELO BRANCO	9°
		PORTALEGRE	14°
		LISBOA	11°
		ÉVORA	10°
		BEJA	14°
		FARO	14°
		SAGRES	12°
		PONTA DELGADA	17°
		FUNCHAL	17°

Palma de Ouro de Cannes vai para filme britânico

O filme britânico «The Mission», que aborda a amizade entre dois missionários jesuítas durante a colonização portuguesa e espanhola da América do Sul, ganhou a «Palma de Ouro» do Festival de Cannes.

«The Mission» foi realizado por Roland Joffe e filmado em selvas da Colômbia, numa produção épica sobre a exploração e massacre de índios, convertidos ao catolicismo por missionários portugueses e espanhóis.

Joffe, de 41 anos, realizou em 1983 «The Killing Fields» (Terra Sangrenta).

O favorito da crítica, «The Sacrifice» do sissidente soviético Andrei Tarkovsky, foi galardoado com o Grande Prémio Especial do Júri, que nesta 39.ª edição do Festival foi presidido pelo realizador Sidney Pollack.

Este filme aborda o caso de um professor torturado pelo seu temor da morte e de uma vida destituída de sentido.

Scorsese bisa galardão

O prémio para o melhor realizador foi atribuído ao norte-americano Martin Scorsese por «After Hours».

Scorsese recebeu em 1976 a Palma de Ouro por «Taxi Driver».

O britânico Bob Hoskins e o francês Michel Blanc partilharam o Prémio de Melhor Actor, pelas suas actuações em «Mona Lisa» e «Tenue Soirée».

O prémio da melhor actriz foi também dividido pela brasileira Fernanda Torres em «Eu Sei Que Vou-te Amar», de Arnaldo Jabor, e pela alemã-federal Barbara Sukowa, em «Rosa Luxembourg», de Margarethe Von Trotta.

O filme francês «Therese», drama de uma jovem freira, Therese Martin, que morreu de tuberculose em 1897 e foi beatificada em 1985, dirigido por Alain Cavalier, conquistou o Prémio do Júri, considerado o terceiro lugar do certame.

A melhor curta-metragem do Festival foi o filme «Peel», da australiana Jane Campion.

O prémio da melhor contribuição artística para a realização foi para o sueco Sven Niquist, director de fotografia do filme «The Sacrifice».

«Noir et Blanc», da francesa Claire Devers, ganhou a Câmara de Ouro, prémio atribuído fora da principal competição do Festival, na categoria de «Perspectivas do Cinema».

Os prémios foram anunciados no Palácio do Festival, perto da praia de Cannes.

A edição deste ano do Festival contou com a exibição do maior número de filmes de sempre.

Todavia, foi igualmente marcada pelo mais importante dispositivo de segurança imposto ao certame desde o seu início em 1946, temendo a ocorrência de atentados terroristas.

Adiada informatização das Alfândegas

O Governo adiou por um prazo não superior a um ano a informatização da Direcção-Geral das Alfândegas, foi ontem oficialmente anunciado.

O adiamento, segundo um despacho do secretário de Estado para os Assuntos Fiscais, deve-se à evolução tecnológica do sector informático e às novas necessidades de apoio no âmbito da adesão de Portugal à CEE. O despacho foi ontem publicado no «Diário da República» e José de Oliveira Costa argumenta, também, com uma nova política de informática do Ministério das Finanças.

Nestes termos, foi anulado o concurso de 1985 para a aquisição de equipamento informático para a Direcção-Geral das Alfândegas e adiado por um ano mais.

D/CARAS



FELIPE GONZALEZ esteve em Moscovo presidindo à representação da Espanha quando do funeral de Constantín Chernenko (Março de 1985), mas agora é na qualidade de chefe do governo espanhol que visita oficialmente a União Soviética. Durante os três dias que permanece em Moscovo, Felipe Gonzalez será recebido por Mikhail Gorbachev e Andrei Gromiko. O chefe do Governo espanhol viaja acompanhado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros, Francisco Ordoñez, da Economia, Carlos Solchaga, e da Cultura, Javier Solana.

ADELAIDE FERREIRA, a pioneira do rock feminino em Portugal, tem um novo álbum que será posto à venda no dia 5 de Junho. Tem por título «Entre um Coco e um Adeus» e é composto por nove temas. Foi gravado há três meses com produção e arranjos de Ramon Galarza, sendo os



temas da autoria da própria Adelaide Ferreira e de Luís Fernando, Carolina Maldim, Ramon Galazar, Tó Zé Brito e Carlos Fortuna.

ANTÓNIO ADELINO VEIGA PINTO, do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, recebeu ontem o Prémio Gulbenkian de Ciência e Tecnologia pelo seu trabalho «Previsão do Comportamento Estrutural de Barragens de Enrocamento», trabalho que constitui «um notável contributo para o projecto da construção de barragens de enrocamento, trabalho de enorme importância para o desenvolvimento económico português nos próximos anos».

WOODY ALLEN: o seu filme «Rosa Púrpura do Cairo» recebeu o Prémio do Secretariado do Cinema e da Rádio, numa projecção especial da obra realizada num cinema de Lisboa. O prémio, segundo os organizadores,



«representa o reconhecimento por todo o trabalho desenvolvido por Woody Allen, quer como actor, quer como realizador no campo cinematográfico».

MARIA DE LOURDES PINTASILGO, Leonor Beleza e Zita Seabra participam esta noite no programa de Televisão «Actual», que aborda o tema «A presença das mulheres no primeiro plano da política em Portugal». A moderadora é a jornalista Margarida Marante.

ÁLVARO CUNHAL conferenciou ontem em Moscovo com o líder soviético Mikhail Gorbachev. Na reunião, que decorreu num ambiente «cordial e amistoso», os dois líderes comunistas conversaram sobre problemas internacionais, incluindo perspectivas para a redução da ameaça nuclear e questões do movimento comunista — segundo uma informação da Agência TASS.

Taxa subiu para 11,1 por cento Desempregados já são mais de 500 mil

O desemprego aumentou no primeiro trimestre de 1986, atingindo uma taxa de 11,1 por cento, correspondente a um total de 501 000 desempregados — revela o inquérito ao emprego, ontem divulgado pelo Instituto Nacional de Estatísticas.

Nos primeiros três meses do ano, a população activa teve uma diminuição de 1 por cento relativamente ao trimestre anterior e a população empregada um decréscimo de 1,1 por cento, mantendo a tendência decrescente que se verificava desde o terceiro trimestre de 1985.

Em comparação com o período homólogo do ano passado, no primeiro trimestre de 1986 a população activa diminuiu de 4,533 milhões para 4,504 milhões, enquanto a população empregada diminuiu de 4,041 milhões para 4,003 milhões, registando a taxa de actividade uma baixa de 47,1 para 46,5 por cento.

O INE refere que a descida da população empregada no primeiro trimestre de 1986 relativamente ao trimestre anterior se deve essencialmente à diminuição do número de trabalhadores por conta de outrem (menos 1,6 por cento), sendo de referir que 80,8 por cento dos trabalhadores por conta de outrem despedidos não eram efectivos.

Os trabalhadores por conta própria aumentaram 1,0 por cento naquele período.

O sector terciário (serviços) foi o único que aumentou os seus efectivos laborais, enquanto o secundário (indústrias) e primário (agricultura, pescas, indústrias extractivas) baixaram.

Dos 501 mil desempregados existentes em Portugal no primeiro trimestre de 1986, 59,5 por cento eram mulheres e cerca de um terço procurava o primeiro emprego.

SETE PONTO SETE

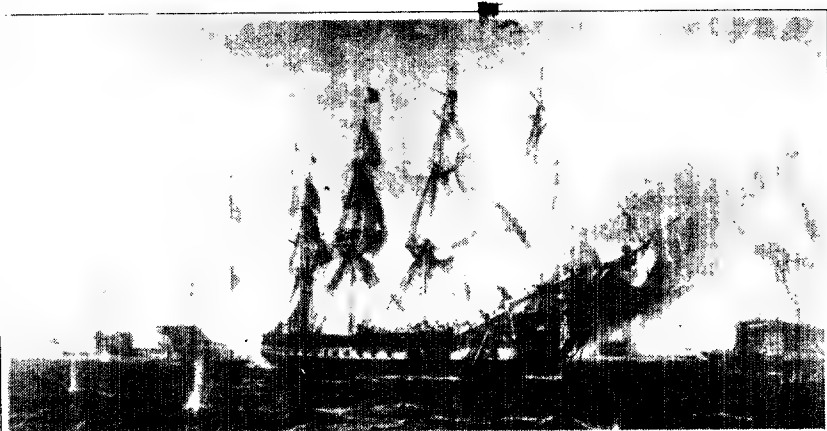
SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

Manobras de Maio

Pág. 4



Fotos de José Tavares



A batalha de S. Vicente, que pôs termo ao cerco do Porto

D. Pedro no Palácio

Pág. 3

Especial Cannes:

- Entrevistas com Steven Spielberg e Scorsese
- Três destaques: os filmes de Tarkovski, Nagisa Oshima e Marco Ferreri



Págs. 5, 6 e 7 Spielberg e o seu cão

O regresso dos coronéis

Amanhã à tarde, logo a seguir ao almoço, com o ritual do costume, eles entrarão na grande sala silenciosa. Inertes nas suas fardas reluzentes, indiferentes aos que de pé seguem os seus passos, eles presidirão a uma estranha liturgia. Com espadas no ar, apresentação de armas e outras solenidades, eles provocarão o primeiro espanto dos circunstantes.

Já instalados nos seus cadeirões de espaldar, e reconfortados na doce miragem dos catrapálios que deles fazem o que são, eles abrirão as hostilidades. O mais circunspecto de todos, regressado de um tempo que já não nos lembra, exibindo alguns sinais de cansaço e vestígios de poeira no cabelo grisalho, porá todas as energias que lhe restam na ponta do martelo que tem à frente.

O estrondo que a seguir ecoará e atordoará quem o ouvir é o desenterrar do machado de guerra, simboliza o regresso dos coronéis.

Eles aí estão, perfilados, apesar de sentados, senhores dos seus galões, esquecidos de que a terra se move e convencidos de que o tempo parou há muito.

Depois é só designar o inimigo.

Mais coisa menos coisa será assim que se iniciará amanhã, no primeiro Tribunal Militar Territorial de Lisboa, o julgamento do meu amigo Zé Reis. Vai acusado de «deserção e infidelidade» e responde por se ter recusado a combater contra o seu povo, no Norte de Angola, nos idos de 1971.

Os coronéis ignoram tudo. É como se viessem de outro mundo e tivessem esquecido os tais catrapálios, velhos de muitas dezenas de anos, em que tão mal fundamentam a sua declaração de guerra ao meu amigo.

Esquecem que estão a julgar um cidadão nascido em Angola, que nunca optou pela nacionalidade portuguesa, e entretanto escolheu a do país em que vive tranquilamente há 15 anos, a Bélgica.

Olvidam que a deserção e a recusa de José Reis em participar na guerra colonial contra o seu povo está legitimada pelo próprio texto constitucional, que consagra «o direito dos povos à insurreição contra todas as formas de opressão, nomeadamente contra o colonialismo...»

Fingem não saber que eles e os seus fizeram que do réu, em relação a esta terra, hoje pouco mais haja que família e ressentimentos justificados.

Ignoram que os códigos e as leis em que se baseiam já amnistiaram desde 1975 e até já fizeram prescrever os «crimes» que o acusam de ter cometido.

Desconhecem muitos dos artigos dos catrapálios e passam por cima de todas as regras processuais.

Eles ignoram tudo.

Sobretudo ignoram um dia do calendário. Eles julgam que o 25 de Abril de 1974 não consta dos calendários e muito menos da História!

Não é por acaso nem sem razão que o jornal belga «Le Soir» lhes chama «oficiais magistrados nostálgicos do tempo em que detinham plenos poderes»... e se admira de «doze anos após a revolução dos cravos, no próprio ano da sua entrada na CEE, Portugal poder ainda julgar um desertor do exército colonial e ditatorial, que entretanto se tornou belga...»

Também não é por acaso que o jornal português «O Século», referindo-se ao artigo do «Soir», cita «um alto responsável militar nacional, que teria afirmado o seguinte: «o artigo em questão insere-se na campanha em curso, inclusive a nível internacional, para desgaste das Forças Armadas Portuguesas e das Forças de Segurança, de que são exemplos recentes o despacho de Vital Moreira (representante do PCP no Tribunal Constitucional) sobre o Tribunal Militar e as actuações de algumas entidades face, por exemplo, à PSP.»

O que eles não sabem

O homem que amanhã será julgado pelos coronéis do primeiro Tribunal Militar chama-se José Eduardo Rodrigues Reis, nasceu em Benguela em 17 de Junho de 1947 e desertou do Batalhão de Caçadores 12, do Norte de Angola, em 7 de Junho de 1971. Com ele levou cerca de 60 contos da tesouraria do batalhão e foi acompanhado por um seu primo,

igualmente militar, Rui Cândido Rodrigues de Sousa.

Para concretizarem a sua recusa em servir o exército colonial alugaram um táxi-aéreo e desviaram-o para o Congo-Brazzaville. Chegados a esse país integraram-se no MPLA, a cujo presidente, Agostinho Neto, entregaram, conforme recibo constante do processo, o dinheiro desviado do batalhão.

Mais tarde seguiram para a Bélgica, com o apoio do MPLA e de diversas organizações de solidariedade. José Reis obteve o estatuto de refugiado político da ONU e fixou residência em Bruxelas. Casou com uma cidadã belga e teve um filho.

Interessou-se pela acção cultural e trabalhou em animação com diversos grupos belgas.

Mais tarde chegou o 25 de Abril e ele acreditou em muitas coisas como todos nós. Pouco depois esboçou uma aproximação com aqueles que falavam a mesma língua e haviam recusado, como ele, a guerra colonial.

A luta política contra uma série de leis iníquas, que condicionavam a regularização da situação dos desertores e refractários a pesadas multas, levou-o a juntar-se aos portugueses da Bélgica, por um breve período, nos anos de 77 e 78.

Em 1979 veio uma última vez a Portugal ver a família e teve que sair clandestino ao saber que os coroneis, com base num processo

instruído pela PIDE, o queriam julgar. Entretanto, bombistas de toda a espécie, torcionários de sempre, recuperavam todos os seus direitos e viam os seus processos arquivados, pelos coronéis que regressavam aos seus tribunais.

José Reis, que era angolano, desencantou-se. Nesse mesmo ano naturalizou-se belga e cada vez se afastou mais até da língua portuguesa...

É um homem discreto e sério. Nunca lhe ouvi contar o «feito» do desvio do táxi aéreo. Para muitos, em tempo de «revolução», seria um «trunfo». Ele quase o esqueceu.

Sobretudo não se serviu dele.

Mas José Reis não suporta que lhe chamem criminoso na terra em que vivem os seus pais. E não desgostaria de vir sentir o nosso sol.

Por isso persiste e constituiu advogado o antifascista e anticolonialista Armando Bacelar.

Amanhã os coronéis julgá-lo-ão. Só não o acusarão de um crime de que me confesso co-autor e que eles ignoram.

Em 1978 o Zé Reis e muitos outros desertores do exército colonial português ocupou a Embaixada de Portugal em Bruxelas, para exigir a regularização da situação dos desertores...

E para protestar contra o regresso dos coronéis...

José António Cerejo

Trovas do vento que passa

TAL como o próprio nome do grupo imediatamente indica, os Trovante recorrem a uma determinada mística, velha de séculos, mas que tem sido, até há bem pouco, como que a matriz de toda a concepção musical do Ocidente: a da trova. Só com o advento das vanguardas do nosso tempo é que a fórmula da canção (música instrumental como suporte para as palavras) se foi transfigurando e mesmo, nalguns casos, até substituindo por outras soluções expressivas. No entanto, como o século XX também é o das grandes contradições, nunca como agora a canção (a trova) foi tão sublimada, assim o demonstrando a própria tipologia **pop** daquilo que vagamente podemos designar como música ligeira. Há pouco tempo dizia um homem da rádio, aos microfones, que só podia entender um instrumental apenas como separativo. É a mentalidade **pop** imperante.

O trovador medieval, poeta e músico, mas músico porque poeta, deambulava pelas comunidades, divertindo e agitando, até que lhe cortassem a língua, como se vê no filme. Porque ele era um transportador de mensagem, um dos aspectos que se foram perdendo (já não há mensagem no «uma da manhã hei duas da manhã hei três da manhã hei»). Essa dimensão esteve, não obstante, preservada no canto de intervenção, no canto de raiz popular de invocação do futuro e castigamento de tiranias e indignidades. Esta música, reduzida o mais das vezes à expressão mais simples e mais imediata (uma voz, uma guitarra), tal como os poetas cantantes da Idade Média estavam também eles, levando o alaúde pela mão nas vastidões dos campos ou a caminho dos calabouços, esta música, dizia, transfere para nós esse exacto espírito de purificação, de salvamento.

Todos nos lembramos do período pós-revolucionário e do caldo de cultura que nele irrompeu, com os «trovadores» de transformação batendo as aldeias, despertando sensibilidades e lucidez com as suas canções propositadas. Muitas vezes aconteceu a mediocridade, mas as gentes bailaram e decoraram hinos, no impacto da fascinada abertura. Aqueles, que já tinham consciência formada, idos das cidades e muitos até das universidades, chegaram perto dos da lavoura e quiseram saber de si, das suas coisas próprias, da sua tradição. Foi assim que explodiram os colectivos de «recolha» e de arranjo dos variadas vezes velhíssimos temas do povo das jornadas de sol com sol e

que constituíram a chamada Música Popular Portuguesa. Os Trovante é deste contexto que surgem, interventivos na motivação, e o nome que escolheram não veio do acaso. As trovas medievais têm o seu auge conceptual nas revoluções de 1900 para a frente, não já somente como característica modelada mas em encadeamento lógico.

1986

E eis-nos chegados ao fenómeno dos Trovante de 1986. Repara-se em duas reacções-tipo aos concertos do grupo no Coliseu: uma jovem apreciadora de **rock** fascina-se pelos jogos de luz do espectáculo, e fascina-se porque, dos Trovante, não esperava isso; e um cinquentão, que já gostou daquela música, queixa-se dos demasiados decibéis de som, e queixa-se porque, dos Trovante não esperava isso. Ou seja, aconteceu qualquer coisa entre as referências que ambos guardavam e o que experimentaram agora.

Mas, como em todos os fenómenos, a passagem não foi instantânea, antes se está a verificar, com o novo «Sepse», as latências que o agrupamento já vinha subtilmente demonstrando. Recurso à tecnologia (sintetizador, saxofone, baixo eléctrico, bateria) conforme a sua especificidade, e recurso a músicas consistentemente urbanas (**jazz**, **rock**). É a falência de um certo estatuto consignado à MPP e a adequação aos modos ligeiros dominantes, ou, dizendo o mesmo de outra maneira, a substituição do encadeamento «trovador» pelo trovadorismo da canção de circuito comercial. Sem sentido pejorativo: é que a calcorrância possível destes anos 80 é a da edição discográfica comercial (e, como vimos, entramos com os Trovante, finalmente, no esquema do «lança-se o disco e faz-se-lhe a promoção com espectáculos») e, a partir dessa base, a passagem pelos circuitos de comunicação, a rádio, os textos de jornal, etc. Não que os Trovante já não sejam um grupo da MPP, a MPP é que se torna, por seu intermédio, **pop**. A razão, lá está, é o facto de o único trovadorismo hoje pensável ser... o **pop**. Fora da música **pop** já não existe, em absoluto, a trova.

Não restam dúvidas: o actual sucesso dos Trovante deve-se, acima de tudo, à institucionalização da democracia portuguesa. O Presidente esteve presente num dos concertos e isso significou muito: foi parte da encenação montada, uma encenação que explica precisamente que os termos são outros. A coisa calha aos Trovante, mas desloque-se a atenção e veja-se o que se tem passado com um José Mário Branco, um Vitorino, um Sérgio Godinho. O primeiro pôs a tocar consigo o guitarrista de **blues** e de **rock** Rui Veloso, o segundo convidou o



romântico Tony de Matos para cantar num seu espectáculo, o último repete discos de Van Morrison, no seu programa de rádio.

A MPP é agora uma música ligeira como outras. O trovadorismo entronca-se no espaço onde ainda tem substância, é um processo natural: o fenómeno Trovante não espanta tanto quanto isso. Ora, por um grupo como este estar a despertar interesse em camadas a que em altura anterior era impossível chegar, por os Trovante estarem a entusiasmar os «filhos da democracia», é que se torna curioso interpelar aquelas bandas que estão vocacionadas para esses terrenos. Os grupos **rock**, como interpretam eles tudo isto? Como vêm estes novos elementos os que inclusive reivindicam a demarcação com o **rock**, embora saídos dessa família estética e, nalguns casos, anulando mesmo em si essa matriz trovadoresca (os Moeda Noise, por exemplo, músicos instrumentais e inovadores de «depois do **rock**»)?

Segundo o André, dos Croix Sainte, «embora uma grande editora esteja agora por detrás deles, os Trovante não são propriamente uma idealização para corresponder a projectos editoriais. Eles têm um percurso, não nos podemos esquecer que começaram a tocar nos corredores do Metro. (É falso, e é curioso que esta imagem circule no meio.) Sim, presentemente estão muito mais urbanos, mas ainda têm muito Mestre de Avis, muita Idade Média, pinheiros e caravelas. Acho que o som dos Trovante desceu ao público, e não digo isto depreciativamente. Chegou-lhes a altura de comunicar com as pessoas, de se fazerem entender através de códigos reconhecíveis. São uma banda de fusão: interessam a toda a gente, e a malta que tem menos de 20 anos por que é que há-de continuar a ouvir só **rock**? Hoje os

jovens são mais livres de escolher, já se ultrapassaram os nossos dois períodos hegemónicos da música: o do PREC e o boom do (rock português). São pessoas que já apanharam com as mudanças de gosto, sem sofrerem pressões». Os Croix Sainte, caracterizemos, são um agrupamento da **pop** sofisticada. E percebem que os Trovante, de um certo modo, se cruzam com as preocupações legítimas do trabalho que desenvolvem, vindos de partida diferente. E é este encontro que diverte, no final de contas: o **rock** (enfim, temêmo-lo latamente) abre os braços aos recém-chegados.

Mas atenção que o **rock** também é «trovador», e nele o **punk** a corrente mais trovadoresca desde as «subversividades» dos anos 50 e 60. Diz assim o Cazé, da banda **punk** Grito Final: «Reconheço que são bons músicos, mas não é o meu estilo, não gosto. Acho que eles estão a ter tanto sucesso porque tocam uma música aceitável para a generalidade das pessoas. As pessoas preferem um estilo mais fácil, que não lhes dê luta a ouvir, que não agrida — por isso é que eles encheram o Coliseu. Claro que os Grito Final não poderiam fazer o mesmo, os Grito Final dizem as verdades, incomodam. Nós tocamos uma música de elite, inevitavelmente.» Os Grito Final, provocadoramente anarquistas e neuróticos, cultores de uma estética da morte que funciona mais como acusação interposta do que aderência virtual (e lá estão as caveiras nas fotocópias que por vezes surgem nas paredes anunciando concertos seus), são certamente os últimos dos velhos «trovadores» os últimos dos velhos revolucionários.

Fazer a cabeça

O Zé Pedro dos Xutos e Pontapés, **rock** do mais duro, afirma gostar muito dos Tro-

vante e compreende o que se passa com eles. «Sempre estiveram à frente do rótulo: não usavam ferrinhos, não retratavam a província. Foram sempre mais cidadãos. Bom, as pessoas começaram a gostar deles por combinarem a música popular com o **rock** e o **jazz**, e depois interessaram-se também os investidores musicais. É o pessoal mais novo que está a gostar dos Trovante? É natural, são pessoas que querem fazer a cabeça, querem viver novas aventuras; os mais velhos já estão pegados aos seus rótulos, já não saem dali. Mas é claro que isto tem a ver com promoção. As editoras discográficas estavam sem soluções, as coisas portuguesas não vendiam e então reagiram e resolveram apostar. Deram-lhes apoio, projectaram-nos e eles agora são o top disto tudo. Não, não é a música popular portuguesa que acaba assim, porque afinal pergunta-se: o que é a MPP? Somos nós, os Xutos e Pontapés? São os Trovante? O Vitorino? Os GNR? Não sei. Sei é que o Vitorino, por exemplo, já não sabe o que há-de fazer mais e que gostei muito do concerto que os GNR deram na Aula Magna. A definição que havia de MPP põe-se em causa, música popular fazemos nós todos.»

Perspectiva bem diferente tem Nuno Rebelo, dos Mier lfe Dada, e porque se situam em campo de renovação das linguagens musicais, fugindo à estrutura mental do trovadorismo: «Os Trovante? Aliam a música popular a um som internacional com características de há anos atrás. Um grupo que faz o mesmo tipo de fusão, mas toca música actual, dos anos 80, são os Sétima Legião. Gosto muito mais dos Sétima Legião, os Trovante tocam a música portuguesa misturada com **rock** sinfónico, com **rock** dos 70. Tentam ser sérios, mas servem-se de uma estética ultrapassada. Enfim, são coisas incompreensíveis, mas os Trovante são hoje um supergrupo. A promoção comercial que estão a ter é espantosa. Passam-nos constantemente na rádio, aparecem no «Sete» do princípio ao fim das páginas do jornal. Será que compraram o «Sete?».

Trovas do vento que passa... Mas vale a pena o registo, porque os Trovante são, enquanto fenómeno, um factor-charneira do que acontece neste momento na música, independentemente dos géneros. O trovadorismo restante é triste e pobre, em esvaziamento poético, salvando-se as excepções, e os Trovante, por exemplo, ainda são uma. Para além do trovadorismo há todo um manancial de músicas a mexer, músicas sem mensagem actuante, abstractizantes, e sem dúvida grandes músicos. São as que eu prefiro. Quanto à poesia dos «trovadores» de todos os tempos, vou guardando-a religiosamente.

Rui Eduardo Paes

Uma «Polícia Autónoma Basca» contra a ETA

NO pátio, aspirantes a polícias de uniforme vermelho e escudo de plástico na mão, correm em todos os sentidos às ordens de um instrutor, em face de uma manifestação imaginável. Um pouco mais adiante, uns vinte colegas seus iniciam-se no kendo e no karaté. Outros ainda, rasgam num crawl vigoroso as águas da piscina.

O nosso guia sente-se orgulhoso. «Como vê o entusiasmo é geral», diz ele, encantado. Estamos na academia de Ertzantza, a polícia autónoma basca, em Arkante, perto de Vitoria. Uma polícia que estende progressivamente a sua rede em três províncias da comunidade autónoma, e cujo papel na luta contra a ETA será amanhã capital, segundo a opinião geral.

Cinco promoções já saíram da academia de Arkante desde a sua criação, a 8 de Fevereiro de 1982. A Ertzantza conta hoje dois mil e setecentos homens e sete comissariados que cobrem

quase 50% do território da comunidade autónoma sobretudo no meio rural. O desenvolvimento deverá estar terminado em 1991. Nas zonas que já lhe são atribuídas, a Ertzantza é em princípio, a única a ocupar-se da ordem pública. Também está encarregada da circulação em toda a comunidade autónoma.

O comissariado de Mondragon, inaugurado em Setembro de 1984, está situado numa zona particularmente sensível: alguns dos dirigentes da ETA são naturais da região. Mas o responsável local da Ertzantza parece muito satisfeito: «Quando chegámos, o problema da insegurança era sério. Em face da ameaça da ETA a guarda civil estava tão preocupada com a sua própria protecção que vivia quase reclusa no seu quartel, para evitar atentados. A polícia autónoma, pelo contrário, mostrou-se imediatamente na rua. Resultado: em poucos meses desmantelámos uma rede de tráfico de droga que se encontrava instalada em Mondra-

gon, e reduzimos consideravelmente os roubos à mão armada.»

De resto, aconteceu o mesmo em toda a parte. «A guarda-civil abandonou a Ertzantza o controlo da rua e só sai dos seus aquartelamentos para fazer, de vez em quando uma operação antiterrorista», diz Eli Galdos, vice-ministro do interior do governo autónomo basco. Daí a concluir que o progressivo desenvolvimento da Ertzantza tornará em breve inútil a presença das forças de segurança espanholas, os dez mil membros da guarda civil e da polícia nacional que se encontram no País Basco, vai um passo que muitos deram em Vitoria e principalmente, o ministro do Interior do governo basco, Luís Maria Retolaza. «Se criamos uma polícia autónoma, não o fizemos para reforçar a polícia espanhola mas sim para a substituir progressivamente, afirma ele. Ora apesar de todos os nossos pedidos o governo de Madrid recusa-se a negociar con-

nosco um plano global de substituição gradual.»

Com efeito, aos olhos dos socialistas, isso seria ir demasiado depressa. A eventual partida das forças de segurança espanholas, exigida ao mesmo tempo pelo governo basco e pela ETA-militar, põe um problema delicado: o da luta anti-terrorista. A Ertzantza estará preparada para enfrentar a ETA?

Os seus responsáveis respondem afirmativamente. Não foi essa de resto a principal razão da sua criação? Embora condenando de maneira crescente a violência da ETA, a maioria da população basca não se sente com efeito disposta a colaborar com uma polícia espanhola e uma guarda civil que conservaram na região a imagem de forças repressivas, e até de forças de ocupação, adquirida durante os quarenta anos de ditadura franquista. Não seria diferente com uma Ertzantza, na qual os bascos reconhecem «a sua» polícia

aquela a quem se pode confiar, se necessário, as informações de que se dispõe, sem por isso parecer colaboracionista ou denunciante?

Uma vez passadas as reticências iniciais, os socialistas estão convencidos. Mas duvida-se das intenções da Ertzantza. «Eu também estou convencido de que a polícia autónoma pode ser mais eficaz devido à sua implantação local, na luta contra a ETA, reconhece Ramon Jauregui delegado do governo de Madrid em Vitoria. Mas pergunto-me se ela estará, na verdade, disposta a ter esse papel. Desde que foi criada ainda não prendeu um só terrorista. É impossível encarar a partida da guarda civil enquanto a polícia autónoma não tiver demonstrado que a sua vontade de lutar realmente contra a ETA. Logo que o tenha provado, nada se oporá à substituição».

T.M.

Expor a História

Exposição sobre D. Pedro de Bragança — 1798/1834 — Rei de Portugal e imperador do Brasil; uma vida, dois mundos, uma história. Palácio Nacional de Queluz.

E U próprio duvido um pouco do que quero dizer com este título: escrevi «expor» como **mostrar**? Ou como **desmascarar**?

Como se pode mostrar a história, sem a desmascarar? O que é a história para poder ser mostrada? Que máscara usa, que é necessário remover?

Se entendermos (limitadamente) que a história é o passado, é necessário recuperar a velha (e nova) noção de Acontecimento: o tempo passado são acontecimentos passados.

Aqueles de que esta exposição se ocupa ao procurar dar conta de um homem e do seu tempo, constituem uma bela **estória** — das mais interessantes do passado de Portugal, do Brasil (e da Grã-Bretanha, também, pelos piores motivos...).

Fui leitor impenitente do «Portugal Contemporâneo» de Oliveira Martins; diverti-me imenso e pensei muito a propósito da maneira como este historiador do final do séc. XIX contou esta estória, dos seus ódios e admirações, de Bernardo de Sá Nogueira, cavaleiro «sans peur et sans reproche», de D. Miguel, semi-Aranjo e adolescente instrumentalizado pela mãe e o destino, do aventureiro Saldanha, do pérfido Palmela, da inocente D. Maria, dos calculistas

e arrogantes ingleses... e de D. Pedro, que consegue ressaltar das páginas de um livro que não gosta dele como uma figura cheia de força e carácter.

Aceite um conselho, leitor: antes de ir a Queluz ver a Exposição, leia ou releia Oliveira Martins. Dê-lhe o devido desconto, mas mergulhe de cabeça na narração deste período crucial da nossa história em que ainda não tínhamos «brancos costumes» e, miseráveis, caricatos, atrasados, dominados pelo imperialismo britânico (ah, a «Velha Aliança»...), nos odiámos e matámos uns aos outros sem piedade, sem lamúrias e com coragem. Para fazer sair o país do Antigo Regime... e o deixar soçobrar ainda mais um pouco no passado.

Ponha a sua imaginação a trabalhar; suspeite, com Oliveira Martins, de que D. João VI foi assassinado pela mulher; exalte-se com a chegada de D. Miguel; enlaixe-se com as tristes aventuras dos timoratos liberais do Porto; admire a cavalcada de Bernardo de Sá Nogueira retirando através do Minho. E repare em D. Pedro, sólido, teimoso, mulherengo, corajoso, por vezes bronco, outras dandy (nessa época em que o Regente inglês e o «Beau Brummel» inven-

tavam o dandyismo e a moda masculina contemporânea). Construa para isso tudo imagens, faça um filme mental.

Depois, vá a Queluz.

Veja na Exposição, o que **resta** do passado: objectos, documentos; olhe para as imagens do passado: quadros, gravuras, caricaturas. Não conte muito com Arte, que o período foi guerreiro e pobre; verá algumas coisas de Sequeira, sem dúvida; mas não as melhores (continua a faltar esse espantoso quadro de Vieira Portuense, pintado em 1801 — «D. Filipe de Vilhena armando seus filhos cavaleiros» — que é o melhor testemunho português das tendências pictóricas e ideológicas da pintura europeia da época e que, por pertencer a um particular e ser inatingível, permanece arredado do lugar público que merece).

O trabalho do historiador é fazer de restos um texto. Seja escrevendo, seja **expondo** esses restos. Trata-se em ambos os casos de obrigar papéis, objectos e imagens a transmitir um sentido de conjunto a que sempre se recusam um pouco, mascarando a sua documentalidade involuntária sob uma obtusa objectualidade ensimesmada.

Uma exposição de história parte, no entanto, de um pressuposto um pouco ingénuo ou optimista: o de que as coisas falarão por si, exibirão perante os nossos olhos uma qualquer coerência de conjunto. Ao texto, é reservado um papel proposicional — de voz cicerónica que aponta as coisas e diz o que são: à porta das

várias salas desta Mostra, pequenos textos delimitam períodos, sumariam-nos. Depois, os restos.

Mal habituados, podemos pensar que vamos ver apenas uma paisagem de ruínas e fragmentos onde só alguns de nós (os mais românticos ou cultos) poderão disfarçar, iludir ou ultrapassar o enfado do que é quase mas não é tudo, do que alude sem mostrar, do que é resto e não pleno. Podemos pensar, de facto, que esta exposição de história será, como é habitual, quase tão aborrecida como uma de livros.

Mas a verdade é que esta exposição não é nada aborrecida.

Pelo contrário: o trabalho das programadoras-organizadoras, do arquitecto-designer José Caldeira, dos restauradores, dos assistentes, é (quase) irrepreensível (NOTA).

A equipa conseguiu facultar uma quantidade impressionante de informação séria e apresentá-la coerentemente (trata-se de uma coerência **nossa**, contemporânea? Certamente; mas haverá outra possível?).

O que há de mais cativante na exposição é que foi compreendida a precaridade dos restos e imagens do passado e assumida a única maneira de os pôr a falar e de **nos** pôr a imaginar: a narração, a **estória**. Através de um percurso serpentinado com marcações muito claras e simples, de artifícios de decoração alusivos e divertidos, de frágeis quase-monumentos erguidos em contraplacado ou tecido, de pequenas ironias simbólicas, atravessamos as salas permanentemente solicitados por fantasmas de

presenças. Mas sem que nunca a exposição nos faça cair na burla de pensarmos que o passado é restituível naturalisticamente. A história é desmascarada enquanto coerência, os objectos **expostos** como resíduos que são. E sobre isso tudo, insiste-se em narrar, ironizar, explicar.

É legítimo instrumentalizar o passado? Manter com ele uma distância atravessada de coação?

É mais legítimo em todo o caso do que permitir-lhe a máscara da coerência, da monumentalidade, do acabado.

Porque o passado **foi** e nós ainda somos. Porque assim pensamos mais e nos divertimos melhor. E porque, finalmente, podemos medir com maior rigor a diferença que nos separa desse passado e a nostalgia um pouco ambígua que a ele nos liga.

A seguir, leitor, vá visitar o Palácio e os seus jardins. Queluz foi erguido na época imediatamente anterior aos acontecimentos narrados na exposição. E constitui-se como uma **outra** exposição, silenciosa, de uma narratividade dispersa e devancante. **Ouça** o silêncio das salas, das fachadas, das escadarias, caminhos e recantos. Os românticos não gostavam muito do Queluz barroco e rococó. Mas entre eles e nós já passou muito tempo. Podemos fazer agora de românticos... e com a exposição e o Palácio, meditar sobre a transitividade das glórias e fracassos da história.

Paulo Varela Gomes

NOTA: A dúvida possível é a de a exposição ser demasiado rica de materiais e ter, por isso, poucas áreas de descanso.

Espaço, lugares, superfície ou o instante de uma vertigem

PÓR o problema do espaço acarreta, necessariamente, que nos interroguemos sobre a representação e que distingamos, por isso mesmo, os **lugares** (onde as coisas aparecem) do **espaço**. O conceito de representação reenvia-nos à imagem especular onde se trama (no sentido teatral) a divisão primordial, a saber a diferenciação sexual — sobre o recalamento da qual se funda a ciência e a filosofia — «Que, segundo Luc Richir serve de paradigma a todas as diferenças».

Curiosamente, os artigos inseridos neste rico volume (rico porque não visa senão teorizar a perda) que constitui o 2.º volume da revista anual **La Part de L'Oeil** (Academia Real de Belas-Artes de Bruxelas, 1986), parecem reflectir-se uns aos outros por certos elementos que se esgueiram, circulam, formando, entre eles (entre eles e no intervalo que os separa) cadeias significativas ou séries que transformam a obra não num aglomerado, não numa soma de detalhes, mas numa espécie de esfera (sem centro), de cintura de Moebius, de Uno aberto, de ecrã, de mancha, de irrupção...

É-nos dada a ler uma rede de escrita, em que (quase) cada artigo poderia servir de ponto de partida, de cruzamento, de expulsão. Deste ponto de vista, poderíamos escolher como «centro» o magnífico artigo de Georges Didi-Huberman que, a partir da obra de Vermeer, põe em relevo a **causa material** da pintura. O olhar muda então de ângulo, deixa de procurar o pormenor e **cai** sobre a mancha, deixa de descobrir o ínfimo e confronta-se com o caos que surge **de e na** tela. Há duas espécies de homens, afirma Didi-Huberman: o do pormenor que procura o enigma, e o resolve, e o do «pan» que circula numa rede; estabilidade e encerramento, por um lado, movimento e abertura, por outro (pág. 118).

O pormenor equivale à visibilidade

minima, enquanto o **pan** «deveria ser encarado como estado limite no signo icónico, no sentido em que ele constitui a catástrofe ou a síncope» (pág. 119).

A irrupção do **pan** em Vermeer reenvia-nos também para a questão do real da pintura colocada por Gerar Wajeman, e para a vertigem da irrupção em Delcarte ou da vertigem provocada pela paisagem sublime, tal como a análise Escoubas. O real da pintura (ou seja, ainda, como recorda Wajeman, aquilo a que Daniel Arasse chama «o propriamente pictórico da pintura») é defendido, no discurso laciano que Wajeman «parafraseia» brilhantemente, com o sistema de marcas instaurado pelos primeiros homens através das pinturas parietais, que não têm necessidade de ser visíveis para mostrar a estrutura significativa e situar o sujeito num mundo de palavra. A perspectiva do **Quattrocento** estruturará,

quanto a si, o espaço moderno, porque produziu um ponto «a partir de nada de visível ou de intuitivo, mas de leis puramente combinatórias» (pág. 156).

Para Wajeman, este espaço moderno terá a forma de um **cross-cap** — em que o cimo e o baixo se descobrem do mesmo lado. E se Wajeman, como Sibony, quer mostrar-nos que o psicanalista é um artista — o fantasma que põe a questão do quadro enquanto ecrã (que esconde e revela): «para Lacan, a pintura, quando fala dela, não é psicanálise aplicada: é psicanálise pura» (pág. 149).

Quanto a Sibony: «Os artistas são aqueles que sabem habitar um espaço fictício apenas o tempo necessário a criá-lo, sendo depois dele expulsos, despossuídos... É sobre este ponto preciso que o «terapeuta» — poeta os encontra: o seu acto tende a criar, ou a recriar, a possibilidade de um espaço de palavra» (pág. 141).

O matemático Lavendhomme pro-

cura, por seu lado, fazer da matemática o paradigma da arte. Por isso Lavendhomme, mesmo quando nos propõe figuras da matemática moderna, mesmo quando nos deixa entrever a exigência destas novas topo-lógicas, permanece, do ponto de vista filosófico, eminentemente platónico. Como testemunha a sua conclusão: a matemática aparece como mundo das Ideias, das puras essências, enquanto a arte, pelo facto de pertencer ao mundo sensível, releva da cópia. «A arte, para mais, é percepção — quanto mais não seja, enquanto traço de impacto de fotões — a matemática não. Próxima desse lugar do real que é o impossível, a matemática poderia tornar-se em paradigma da arte?» (pág. 83).

Enquanto Lavendhomme se aproxima da vontade totalizante, e se encaminha para o paradigma puro de toda a matéria, para o espírito, Richir circula, pelo contrário, do lado da perda, de um equilíbrio em perigo. Uma análise minuciosa de Holderlin põe em evidência os dois níveis da sincronia e da diacronia sob a oposição do **Um** ao **Outro**, da simultaneidade e da alternância. Holderlin verá a necessidade da perda na passagem do **Um** para o **Outro**, procurará o equilíbrio mostrando, ao mesmo tempo, a falência possível, a iminência do desequilíbrio, da vertigem. Mas é também a partir da perda que surge «essa possibilidade fundadora da ordem significativa: ser substituível» (pág. 131).

Deixando lugar à substituição, Holderlin põe um problema **aberto** que estabelece toda a diferença entre a arte e a psicose.

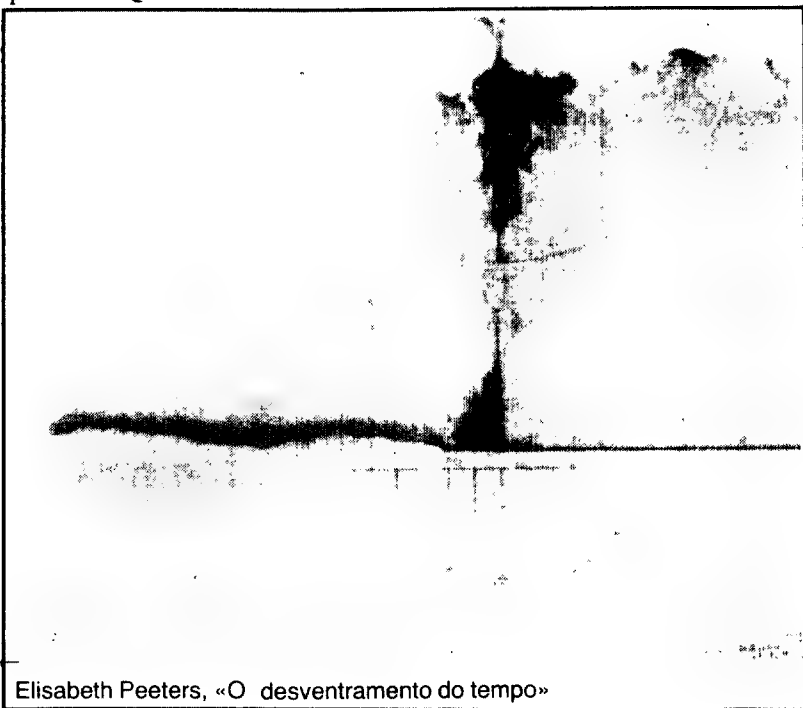
Outra tragédia: a da paisagem nos quadros de Caspar David Friedrich, que permitem a Eliane Escoubas efectuar um notável estudo sobre o **Sublime**. Kant escrevia: «chamamos sublime ao que é absolutamente grande...» E Escoubas examinará com cuidado tudo o que, nos quadros de

Friedrich, produz um efeito de imensidade: do ponto de vista topológico e fenomenológico. Através dos personagens que, vistos de costas, não têm cara, mas que, pela sua postura, não são senão olhar, tomando-se então o corpo um olhar exorbitante, Friedrich não só nos expulsa da paisagem, mas também nos coloca face a um quadro (e não a uma paisagem). Se nos lembrarmos do que Kant acrescentava na sua análise do sublime, a saber, que era preciso estar fora da paisagem (em segurança) para elaborar um julgamento sobre o sublime da natureza, assistimos aqui, com os quadros de Friedrich, que nos colocam fora da paisagem que é, ela própria, um quadro, e que é portanto sublime, a um sublime do sublime.

Vertigem, síncope, cujo desenho seria o traço, principalmente as minas de chumbo, admiráveis, de Elisabeth Peeters. O que estes desenhos transcendem, nas suas nuvens de lápis, nas suas justaposições de geometria e de geologia, nos seus encavalitamentos de rectas e de fissuras, na sua mistura de cálculo e de perda, de papel trabalhado e de papel roído, é o intervalo temporal entre o dizer e o ver. Donde a questão inicial de François Delverte que, por força do seu estilo, pelo poder muito particular e absolutamente fascinante da sua escrita, nos mergulha nos «Desventamentos do tempo» (títulos dos desenhos de Peeters), multiplicando pelo seu dizer o que o desenho dá a ver, e impondo assim esse intervalo onde tem origem a pergunta: «Será o espaço uma forma de tempo?» (pág. 11).

...De um tempo acrónico, invadido de esboços de lembranças que nos cegam como flashes, de um «Tempo que se não pode datar porque, nele, a idade não tem idade, porque a memória dele pende como uma roupa encharcada» (pág. 16).

Chaké Matossian



Elisabeth Peeters, «O desventramento do tempo»

Manobras de Maio

...MODA, e depois?

Manobras de Maio, realizadas no passado sábado 17, no Largo da Rua do Século, constituem para nós o sintoma de que alguma coisa mexe com a roupa e com os aspectos, algo que é difícil de apreender enquanto se persistir em falar de Moda...

Se se pode colocar a moda, na sua exigência de novidade e na sua alergia ao passado demasiado recente, como emblema da modernidade, essa nomeação não fez mais do que fundar-se nos resultados mais evidentes da vocação distintiva da moda no interior das sociedades industriais ditas modernas: com efeito utilizando os meios de comunicação de massa como dispositivo para a difusão alargada de modelos normativos e efêmeros, a moda pôde aí constituir-se como processo de disciplinarização das sociabilidades pela produção codificada de aparências socialmente reconhecidas e estatutariamente distintas, e concomitante lançamento em circulação das regras do deciframento das respectivas aparições.

Dispositivo «soft», no sentido em que a sedução cada vez mais veio a desempenhar um papel preponderante no seu funcionamento, ele não podia no entanto deixar de determinar que a apresentação de si fosse assumida pelos sujeitos individuais com um problema moral: a moralização das aparências, suportada por toda uma multiplicidade de microtecnologias do quotidiano e de astúcias da distinção, supõe um espaço público organizado sob o modelo do espelho e marcado pela exigência de uma referência deferente ao olhar do outro, ao mesmo tempo que trai uma compulsão de visibilidade propriamente moderna que pretende transformar o tecido social em acto na manifestação em tempo real da distribuição estratificada de um espectro.

O fervor transgressivo dos anos 60/70, com o seu hedonismo versão «hot», marcaram a perturbação cada vez mais violenta da organização es-

pectacular da distinção por uma série de respostas subculturais em que a contestação desse espectáculo passava precisamente pelo espectáculo da contestação, constituindo como seu eixo privilegiado uma micropolítica subversiva da apresentação de si cujo parentesco estrutural e de procedimentos com a arte moderna tem vindo a ser repetidamente assinalado. Tanto quando a retórica da distinção se preocupava com a clareza das significações do material distintivo, as subculturas de 60/70 insistiram em trabalhar os signos nas suas intensidades: misto de «ready made» e de «kidnapping» significante, a passagem do alfinete de dama das fraldas de uma criança para a face de um adolescente não é a entender tanto como processo de significação quanto como manipulação violenta que permita a emissão e a circulação de uma entidade semiótica opaca, que incessantemente se furta a utilitarismo do signo distintivo sem se ficar pelo estatuto reconhecível da insígnia: se bem que constituindo a marca expressa de um exílio voluntário do universo comum do socius, ela não deixa de se constituir, na sua visibilidade violenta, como uma concreção significante extremamente intensa. Este mecanismo de descontextualização, ou melhor o seu gesto, não obstante ser dotado de uma tremenda eficácia nos inícios do «punk»; depressa se veio a tornar dolorosamente banal e decepcionante, quando deste apenas restou o estilo como diagrama residual ou matriz generativa para a sua reprodução técnica pela moda, quando a banalização pelo signo, até à indiferença, veio completar a dissolução da carga transgressiva de um movimento completamente amortecido.



A Rua do Século no centro da animação dos estilistas portugueses

Se uma política subversiva da aparência tende a moralizar a diferença visível quanto mais não seja através de uma moral reactiva, a flexibilização ou a suavização dos requisitos formais e sociais da apresentação de si vieram progressivamente a dificultar cada vez mais uma tal apreensão do vestir: neste sentido, não obstante a persistência de uma moda instituída apostada na perpetuação dos seculares rituais da distinção, um pronto-a-vestir massificador e normalizante, e apesar dos sobreviventes das vagas passadas (os periféricos das aparências), pode bem falar-se de uma desmoralização da apre-

sentação de si, processo que abre o espaço para estéticas plurais do vestuário já não fundadas na semelhança a modelos determinantes, já não sobre-determinadas pelos imperativos de distinção ou do desvio, pequenas estéticas em que a fantasia se determina e se materializa localmente, em grupos retritos, numa referência quase ritual a acontecimentos precisos. Se o distanciamento em relação aos ditames dos grupos de decisão ou aos requisitos institucionais da aparência se fazem sentir de um modo crescente isso acontece hoje mais sob o modo da indiferença do que sob o da ruptura: em

compensação assiste-se a um alargamento da participação propriamente imaginativa dos sujeitos individuais no que concerne à construção das suas aparências. A emergência destas novas configurações legitima-nos na interrogação da pertinência da noção da moda no que lhes diz respeito: para uma apreensão do vestir que não se atrela à aferição das semelhanças nem se confina no rastreio das pertenças, que despreza a competição e a proeza para se ficar na fruição do jogo poderia reservar-se qualquer coisa como o conceito de uma pós-moda.

Pedro Miguel Semião Frade

Janelas indiscretas XXV

O sedutor age na sombra, espia a presa, cerca-a armadilha-a. Meio felino meio aranha, deixa-a sobreviver nas suas garras, ou pelo menos dá-lhe alguma esperança de vida, atasca-a, prende-a em mil fios insuspeitáveis. De facto, o sedutor trama, organiza um plano, e a história por vir não é senão a repetição pura do que fora previsto, imaginado, calculado até ao detalhe mais ínfimo.

Assim Romeu surpreenderá Julieta. Escondido na sombra da noite que cobre o jardim dos Capuletos, ele espia Julieta que inocente, «aparece à janela da varanda» (1). Ele está na sombra, invisível, ela é a luz, pura visibilidade: «Que luz cintila na janela? Eis Oriente e Julieta é o Sol... Julieta fala, ignorante da presença de Romeu, confessa ao ar e às estrelas toda a paixão que a aperta e prepara, ela própria, a armadilha em que cairá. Romeu sabe agora que ela o ama, de modo que ela não poderá continuar a representar a menina reservada e deverá entregar-se, inteira, ao amado. Na noite de núpcias, Romeu virá mais uma vez pelo jardim, para amarinhar até à varanda e entrar,

como um ladrão, pela janela que aparece como lugar estratégico do seu amor. Caída a noite, é ainda à janela que se separam; à aurora, Romeu, como um vampiro (ele derramou o sangue de Tibúrcio pouco antes do da casta Julieta), duplamente criminoso, descerá de novo pela janela da varanda:

«Romeu e Julieta à janela da varanda. — Julieta: 'Queres partir? Ainda vem longe o dia!... Romeu: 'Já ouvi o pássaro que anuncia a aurora... Tenho de partir e viver, ou ficar e morrer.» (2)

Romeu é o homem da margem, acede ao amor atravessando um limite: o muro do jardim, a varanda de Julieta, a janela da varanda; ele socorre-se, claro, de uma corda. Suspenso de um fio, move-se sobre um traço, o ínfimo que separa o aquém do além, para afinal ficar preso no seu próprio jogo, o jogo da passagem, que Julieta não terá compreendido visto que acaba por estabelecer para ambos um lugar fixo no além.

Saber jogar com o limite é sem dúvida uma das características principais do sedutor. O sedutor evolui no mundo

da quase-visibilidade, identificando o que, no insignificante, se pode revelar capital. Por exemplo, ele não pode deixar fugir a ocasião, tem de compreender prontamente que, em situação x, é o tempo y que permite transformá-la em situação z. A ocasião é esse nada que muda totalmente a configuração: «a ocasião é, assim, a mais insignificante e a mais importante das coisas, a mais sublime e a mais fútil, a mais considerável e a mais desprezível. Nada acontece sem ela, sem no entanto que seja ela a responsável. Ela é a categoria limite que propriamente faz a transição da esfera da ideia à da realidade... Mesmo que toda a realidade esteja contida na ideia, sem a ocasião nunca ela será real» (3). Para realizar o seu plano, para realizar o seu filme mental, o sedutor tem de aproveitar a ocasião. E assim, ele define-se, antes de mais, como um ser do espírito, para quem a passagem se efectua da ideia para a realidade, e não inversamente. Kierkegaard insiste nisto: para ele, o sedutor não é o Dom Juan ancorado na imanência, e que precisa de seduzir mil e uma mulheres. Uma basta, porque

essa sedução resulta de uma estratégia que aproxima o sedutor do grande ladrão (o oposto dos pequenos malandrins). «Ele não é sedutor por via do imediato, mas da reflexão. O que então nos interessa é a esperteza, a astúcia com que se insinua no coração da rapariga... em suma, o carácter fascinante, calculado e metódico da sedução... A sedução do Dom Juan reflexivo é uma obra subtil em que o menor detalhe tem a sua importância» (4). O ínfimo dá acesso ao absoluto escolhendo vias outras que a razão. O terreno favorável à emergência do ínfimo é a imaginação: «uma insignificância minúscula, pelo poder da imaginação humana, pode chegar a ocupá-la até ao absoluto» (5). Todavia uma certa fraqueza, um temperamento doentio, permitem ver o que, em geral, se furta à vista: «como nos que têm nervos fracos ocorrem momentos em que os nervos do olho se tornam tão agudos que vêem o ar, de modo que para eles o ar já não é um medium, também o homem de espírito sobrevém êxtases em que toda a existência parece tão poética, tão dilatada e transparente à contempla-

ção, que o mais insignificante dos nada... se assemelha a um indício, no mínimo alegórico, das verdades mais profundas» (6). Fraco dos nervos, homem de espírito, o sedutor é-o de certo. Ele capta o decisivo no insignificante, trava o movimento do ar que se transforma em muro e alcança, em suma, a vista da visibilidade. Penetrando o ar, funde-se nele, nele se esfuma até tornar-se invisível. Porém do mesmo passo é condição necessária de tudo o que se vê.

Chaké Matossian

A seguir:

A transparência do desejo

kierkegaardiano

Notas

- 1) Shakespeare, *Romeu e Julieta*, acto II, cena II.
- 2) Idem, acto III, cena V.
- 3) Kierkegaard, *Les premières amours*, in *L'Alternative, Oeuvres Complètes*, L'Orante, Paris 1970, vol. 3.
- 4) Kierkegaard, *Stades immédiats de l'heros*, in *L'Alternative*.
- 5) *Journal*, I, Março-Dezembro 1844, Paris 1963.
- 6) Idem 1839.

As janelas da sedução

Com lenda e sem ela

O 39.º Festival de Cannes abriu no dia 8 de Maio com **Piratas**, filme que Roman Polanski levou dez anos a financiar e a terminar. **Piratas** é a primeira das vinte e cinco longas-metragens da selecção oficial, este ano particularmente brilhante, e na qual estão representados catorze países. Embora os Estados Unidos venham à frente com seis filmes (a França apresenta cinco), as ve-

detas americanas, com receio do terrorismo mostrar-se-ão discretas na Croisette, apesar de uma segurança muito maior do que a habitual.

Mas nem todas faltaram à chamada. Assim, Robert Altman, que declarou: «**Já fui suficientemente assassinado pelos jornalistas para ter medo dos atentados.**» Mas é bom dizer que Robert Altman vive em França.

GUY DE MAUPASSANT, que nos últimos tempos voltou à moda, tinha uma visão bastante glamour de Cannes. «**Príncipes, príncipes, sempre príncipes. Ontem de manhã, mal pus o pé no passeio da Croisette vi logo três uns atrás dos outros. No nosso mundo, Cannes tornou-se a cidade dos títulos.**»

Mas os séculos diferem. Há muito

que os príncipes — excepto os da Arábia e o mesmo assim o petrodólar já não é o que foi — se retiraram. Há muito que as velhotas de caniche pela trela se apoderaram dessa linda bastilha sob as palmeiras para aí saborear a sua reforma. Estranhas senhoras, estranha cidade.

É preciso bastante desenvoltura ou imprudência para falar assim de

Cannes. Porque Cannes a festivaleira é uma lenda e só isso. Uma bela história de que se faria um filme, a crónica chamejante desse rectângulo sagrado.

O que é a Cannes do Festival, al-deia na cidade, varanda sobre o mar? A Rua de Antibes. Rua do luxo e do comércio. A Croisette, passeio sublime. O Palácio dos Festivais, monstro

ocre nascido do imaginário do metro quadrado útil. Praias de areia fina, vinte e sete ao que parece, cuja maioria são privadas. Dois portos, o velho e o novo, antigo e novo testemunho de um crescimento. E depois, na ponta da Croisette, pérola no pântano, o Palm-Beach.

Isto mais as palmeiras, algumas delas geladas por um Inverno feroz,

o de 1984-1985, e que o município substituiu com grande dispêndio — 7 milhões de francos. Isto mais o mar, a baía magnífica e as ilhas Lérins. Isto mais os palácios, e antes de todos a sumptuosa trilogia Carlton-Majestic-Martinez, sentinelas luxuosas com o seu cortejo de grades, de salões, de suites, de quartos.

Pronto, é tudo. Tão pouco? Tanto. O êxito sempre depende e dependerá decerto desta característica: se Cannes é um paraíso, é antes de mais um paraíso de bolso, fazendo do Festival uma superprodução à maneira de Lilliput. O novo palácio pode ter perturbado vagamente os hábitos, redistribuído os favores, dado ao Majestic o privilégio que cabia ao Carlton: a mais curta distância possível entre a casa e o trabalho, entre o prazer e o prazer. Não tem importância. O Festival vive-se a pé.

Entrevista

Scorsese nova-iorquino

MARTIN Scorsese acredita em Deus e no cinema. Filmando uma vez mais nas ruas nocturnas de Nova Iorque, faz um entreacto de fantasia na sua obra, e consegue dar «**After Hours**» uma «comédia da frustração». Um auto retrato, diz ele.

Depois do áspero **King of Comedy**, em vez da **Tentação de Cristo**, seguindo Kazantzakis, e antes de **The Color of Money**, com Paul Newman, que acaba de terminar, Martin Scorsese realizou uma comédia kafkiana, **After Hours**. A narrativa desopilante de uma noite de angústia, de derrotas e de fiascos, velozmente vivida por um jovem cândido e assustado. Onde? Em Nova Iorque, claro está. Que Scorsese sabe tão bem conjugar em todos os tempos, a todas as horas. De **Mean Street** a **New York, New York**, de **Taxi Driver** a **After Hours**.

Sentado, o homem parece alto. Levanta-se e é baixo. No seu escritório de Broadway, os corredores estão cheios de mesas de montagem. Uma mesa de montagem na qual ninguém trabalha, é triste, parece material médico. O homem não está triste.

Mas o seu rosto com uma barba impecável de monge mundano exprime uma melancolia ardente. Com a indiferença calculada de um modelo de Velasquez, Martin Scorsese tem nos braços um cãozinho branco. «**É o cão da minha mulher** (aquarta), diz ele. Põe o animal no chão e depois, num gesto evidentemente familiar mas furtivo, projecta para o fundo da garganta a nuvem benéfica de um nebulizador que leve aliviar a sua asma. O fôlego é curto mas a elocução virtuosa. Um staccato furioso cortado por risadas. Martin Scorsese é ao mesmo tempo frágil e compacto. Ele acredita em Deus e no Cinema.

After Hours é um pesadelo, um pesadelo delicioso

— Foi exactamente isso que me seduziu. É uma história de ansiedade. E de frustração. Todos os pormenores devem sugerir a frustração e a ansiedade. Grande plano de um dedo num interruptor. Inquietante. Grande plano de um pedaço de solo lúcido. Aterrorizador. E, justamente, a imagem que faz medo não anuncia nenhum aconte-

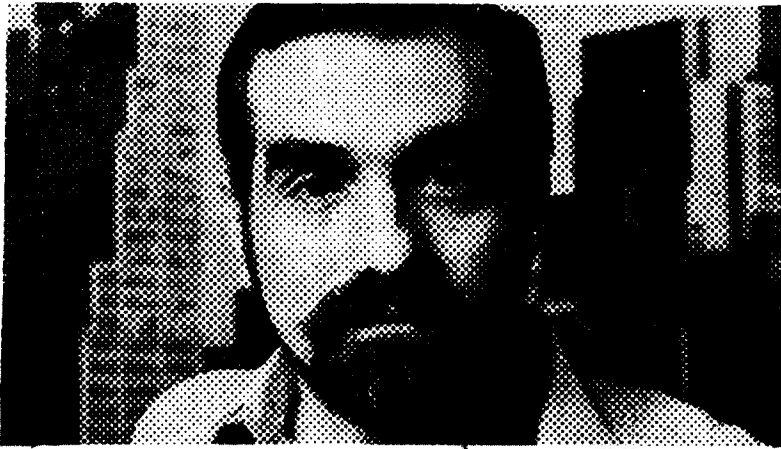
cimento importante. Estes grandes planos não significam nada, absolutamente nada. Mas eles evocam situações que todos nós conhecemos, que eu, pelo menos, conheço. Um grande plano no cinema corresponde, na vida, a um olhar localizado, focalizado, tão inquieto que exclui todo o ambiente. Olhar intensamente um telefone, uma chave numa corrente, é um chamado de socorro. Mas não há resposta. Porque os objectos não falam. Eis uma maneira de «mostrar» a ansiedade. Outra maneira que não hesitei em empregar: parodiar discretamente os grandes mestres, Alfred Hitchcock, Fritz Lang, escadas vertiginosas, noções glaucas, rostos convulsos, expressões... E de vez em quando a câmara, como um coração que bate demasiado depressa.

— **Mas o filme, embora paródico como desejou, torna-se, belo na própria extravagância, credível...**

— Era o que eu esperava. O filme custava tão pouco, 4 milhões de dólares, que pude servir-me dele como terreno de jogo, como campo experimental. Mais dinheiro para **After Hours** teria equivalido a um desastre. Filmei downtown de noite. Pois bem, de noite, downtown, as ruas estão na verdade desertas. Os figurantes, para figurarem o quê? Teriam sido superfluos. Só se tratava de levar até ao fim efeitos que tornariam perceptível a ansiedade no que ela tem de mais íntimo, de mais fundamental, a ansiedade sexual. Porque é esse o problema do meu herói, a sua noite começa com uma promessa e termina com um desastre. Entretanto passam-se muitas coisas, mas, sexualmente nada, nada, e sempre nada. Que ascese para o meu principal actor, nada ascético na vida.

— **Como encontrou o argumento de After Hours?**

— Através do meu advogado. Procurava qualquer coisa para substituir a **Tentação de Cristo** que fora anulado quinze dias antes do início das filmagens. Estava muito deprimido e só o que sabia é que tinha que voltar a trabalhar. O meu advogado disse-me: «**Uma comédia paranoica é uma coisinha simpática**». Claro que a palavra «paranoia» fez-me arrebatar a orelha. A paranoia é o meu estado normal. O autor, Joseph Minion, que escrevera esse script como trabalho de fim de



«**After hours**», ou a ansiedade

curso, falara dele numa conferência em Sundance, a escola de cinema de Robert Redford e dera-o a Amy Robinson, uma excelente produtora. Estávamos em terreno conhecido. O meu advogado começou a contar-me a história. Um tipo vai downtown, perde o dinheiro num taxi, e depois tudo vai de mal a pior. Resolvo logo ler o texto por que compreendo que esse tipo sou exactamente eu.

— **Os medos que se exprimem em After Hours são os seus**

— A ansiedade é a componente essencial do meu carácter. Tenho medo de muitas coisas. De viajar. De fazer um filme. De me casar. De me divorciar. Esse medo é, sem dúvida, uma desagradável aptidão para a lucidez. Uma certa familiaridade com a morte e a consciência aguda de uma perda, sim, de uma perda nas relações humanas em face da violência nas ruas. A propósito de **Mean Street** houve quem falasse de «**Violência gratuita**». Não há violência gratuita. Todo o acto de violência tem um motivo. Decerto não aceitável pela vítima, mas evidente, límpido, para o que a comete...

— **Sempre teve medo?**

— Sim, pode-se dizer isso. No bairro da pequena Itália onde vivíamos, o medo era um sistema de vida, ou de sobrevivência. O meio ambiente era muito violento. Nunca devíamos perder de vista a pessoa de família que se deslocava, para podermos ajudá-la. Dentro do nosso pequeno enclave, do nosso pequeno ghetto, estávamos, pelo

contrário, em segurança, mas o exterior estava perto, à esquina da rua. Onde o Bowery começava. Vi ali tudo, a mais imunda miséria. Os bêbados a bater nos mais bêbados, os pobres nos mais pobres. O acto sexual na rua. Entre homens também. Também. Tudo isso é terrível para um rapazinho de oito anos. E algo fica. Indelével. Tanto mais que o reflexo de um garoto, o reflexo primitivo de defesa é a fuga. Um miúdo que tem medo, foge. E eu nunca pude correr porque era asmático. Então, em vez de fugir, olhava. Foi nesse tempo que aprendi a ver

— **Apesar de tudo, podia viver sem ser em Nova Iorque?**

— Não. E tentei. Tentei em Los Angeles durante nove anos, de 1971 a 1980 tive a impressão de cumprir uma pena. Sabe, como um gangster que foi preso.

Que vai para a cadeia. Que sabe que o merece. OK.

Pronto, já cá estou, cumprio a minha pena, pago a minha dívida. Depois fico livre...

— **De voltar a Nova Iorque?**

— É isso.

— **Então porque filmou The Color of Money, a sequência de Arnaque, que se passa no ambiente dos jogadores de bilhar profissionais, em Chicago?**

— Porque as condições materiais são ali mais vantajosas e nós tínhamos problemas de orçamento. Só tínhamos 6 milhões de dólares para as filmagens que custavam 14 milhões. Antes da primeira volta de manivela já tínhamos

gasto 8 milhões de dólares. Por o filme explorar um material novo (trabalhei com Richard Price), inspirado num filme antigo e à partida haver um livro e já um argumento (de Walter Trevis) foi preciso pagar direitos. O **Arnaqueur** pertencerá a diferentes estúdios (Fox, Columbia)...

— **Paul Newman encontra pois em The Color of Money a sua personagem, dezanove anos depois. Não é comovedor um homem que se vê envelhecer através de um papel?**

— Foi evidentemente o que me apaixonou. Devo dizer-lhe que a ideia de filmar com Newman me intimidava. Levei um bom bocado para me sentir à vontade, para me habituar. Eu tinha visto Newman no cinema quando tinha doze anos. Como ia eu ousar dizer-lhe: «**Faz isto, não faças aquilo?**» Ensaíamos então durante muito tempo e ambos compreendemos que essa filmagem era um país onde podíamos viver os dois... Ele é tão belo aos sessenta e um anos. Calcule, na sua idade ainda faz corridas de automóvel! Porque não havia de jogar bilhar? De resto, no filme, ele não joga bilhar. Quem joga é o filho. Soberbamente. E ele põe o rapaz debaixo da asa e corrrompe-o deliberadamente. Ensina-o a ganhar, a perder. Para que os patos afluam e sejam apanhados em beleza. A sua personagem é muito antipática, horrível. É, na verdade, preciso estar muito seguro de si para aceitar representar um tal safado... No fim o filme termina com um estudo das relações pai-filho, num conflito que me interessava.

— **O combate do bem e do mal?**

— Pode ser.

— **Paul Newman é uma estrela, Robert De Niro também, mas este é-lhe mais familiar...**

— Nunca me senti intimidado por De Niro, porque nos conhecemos em novos, na época de **Mean Street**. Estávamos ambos disponíveis, éramos zaragatores, entusiastas, era formidável. Continuámos a crescer juntos e, ao longo dos anos, no mesmo comprimento de onda. Mesmo em **New York, New York**, que foi um inferno, a minha vida pessoal influenciou perigosamente o filme, os problemas internos e externos não afectaram o futuro das nossas relações, as nossas futuras colaborações.

«Max, meu amor» de Nagisa Oshima

Quando o terceiro é chimpanzé

PETER, jovem diplomata inglês colocado em Paris (sobriamente interpretado por Anthony Higgins) duvida da fidelidade de sua esposa Margaret (Charlotte Rampling). Um detective privado comunica-lhe que ela alugou um pequeno apartamento discreto onde passa cerca de duas horas todos os dias, embora nunca tenha sido possível ver, uma vez que fosse, o seu amante. Peter vai à morada onde presumivelmente é atraído e descobre sua mulher na cama com um chimpanzé. «Apresento-te o Max», diz-lhe Margaret, indicando o seu peludo amante. Peter, muito *british*, propõe-lhe instalar Max em casa, já que ela não pode passar sem ele. Será tudo tão mais simples. Porque toda a gente é extremamente educada nesta história, de uma educação surrealista que constitui a genuína violência do filme.

Escrito por Oshima e por Jean-Claude Carrière, cenarista dos últimos filmes de Buñuel, *Max mon amour* tem o tom calmo de *O fantasma da liberdade* e de *O «charme» discreto da burguesia*, com um toque de loucura a menos, a meio caminho entre a revista e a fábula enigmática. Margaret nunca explicará a sua paixão por Max, apesar das súplicas e das ameaças de Peter. Sobre tudo, Peter nunca conseguirá ver Max e Margaret «em acção». Ele chega

a oferecer uma prostituta ao chimpanzé: em vão. Max teima, ele não ama senão Margaret, é um monogâmico que leva a fidelidade ao ponto de recusar a comida na ausência da amante. A sexualidade de Max ou de Margaret permanecerá misteriosa para Peter como para nós.

O macaco, é sabido, ocupa um lugar de excepção na paisagem erótica dos humanos cinematográficos. Monumental, desmesurado em *King Kong*, minúsculo ou enorme em *Sonho de macaco*, ele representa a ameaça fálica absoluta e, ao mesmo tempo, impossível, exactamente devido à desmesura: demasiado grande, demasiado pequeno. Desta vez, com Max, a ameaça torna-se plausível, apesar de nada provar que algo se passa de facto, entre ele e a magnífica, sensual e glacial Charlotte Rampling.

O espantoso é que, no final, o ciúme e a curiosidade assustada do marido desmaiam, amaciam-se numa compaixão benigna. Max ganha contracção, no máximo ele aparece como objecto de uma ligação importante, um pouco como se Margaret saísse com um proleto hirsuto, um negro, outra mulher ou com um camponês, pouco importa: com alguém de absolutamente outro, estranho ao



Anthony Higgins, Christopher Hovik, o chimpanzé e Charlotte Rampling

mundo policiado de Peter. Ao mesmo tempo, Margaret interroga-se sobre a necessidade de liquidar o amante na altura em que a idade o tiver tornado agressivo...

«Uma serpente pode amar uma cerejeira»? *Link*, de Oshima, abordando deste modo o amor entre espécies diferentes, na sua versão humana da animalidade, vem sugerir que *sim*, estran-

hamente *sim*, apesar de não dar nenhuma resposta à pergunta... e de não fabricar qualquer moral.

Michel Braudeau

«I love you» de Marco Ferreri

Assobiando a um porta-chaves

MICHEL é um rapaz muito desejado. As mulheres galam-no, chocam-no como a um ovo. Dele, elas querem tudo: um bebé, fidelidade. Michel (Christopher Lambert) vende viagens, sonhos em *Kit*. Ele vive num *loft* chiquíssimo, mobilado pela *Habitat*, e que é suposto representar o cúmulo da marginalidade boémia. Quando se aborrece, quer dizer: o tempo todo, passa cassetes pornográficas na TV. Os seus vizinhos são um miúdo chinês que cria, a biberão, um felino negro, e uma dama gorda, igualmente negra. Tem também um amigo, Yves (Eddy Mitchell) «nascido sob o signo da trampa, ascendente *sem cu*». Desempregado, aldrabão, pegamasso, verdadeira pastilha-elástica ambulante.

Na paisagem, ao fundo, há torres,

e dir-no-íamos de regresso a Nova Iorque, no tempo dos *Sonhos de um macaco*. Não: é apenas o olhar latino de Ferreri que domestica as cidades e se apropria delas. Estamos em Cergy-Pontoise.

Por ali, no chão, uma noite, num baldio, Michel encontra a paixão da sua vida: rosto liso, cabelos platinados, lábios de carmim. Mas esta máscara gelada da perfeição não é maior do que um *badget*, uma moeda é um porta-chaves. E quando se assobia, quanto Michel assobia, o porta-chaves responde, com voz melodiosa, «I love you». Maravilhado, encantado, transportado numa incurável vertigem, Michel passa a assobiar onde quer que esteja; e a coisa, o objecto tornado sujeito, sussurra-lhe constantemente: «I love you, I love you, I love you». Ele quase passou a ser fe-

liz, até ao dia maldito em que um leve acidente, a extracção de um dente, lhe paralisa um nervo facial. Adivinhem:... é isso, já não pode assobiar.

Grite-se que é machista, misógino: pudera!, uma moça que vem quando se lhe assobia. Nuance: a moça não existe. É a miragem total, o engano integral. Marco Ferreri leva cada vez mais longe a sua lógica masoquista: o homem e a mulher deixaram de ser inimigos — eles até já nem habitam a mesma galáxia. *O futuro é mulher*, dizia o seu último filme. Que é, então, o presente? Um homem só, ou pior que só, e que, na sua esfomeada solidão, ajuda o homem com um irmão, dando-lhe um pouco de prazer como sabe e pode.

I love you é um ode, por vezes engraçada e muito desesperada, ao

onanismo, refúgio dos excluídos, dos presos, involuntários ou não. O próprio Ferreri, como o seu personagem, faz-se, no filme, campeão dessa prática, citando-se, contemplando-se, consolando-se, integrando em *I love you* (1986), que assim se torna *I love me* (1968) uma sequência de *Dillinger morreu*.

Usando cores cruas, lacadas, virtuosas do grande plano para dar uma dimensão humana ao *gadget* afectuoso, Ferreri baralha as pistas com mestria. O hiper-realismo desemboca na irrealidade, o verosímil soa a falso e o impossível torna-se provável. E nós surpreendemo-nos a assobiar no escuro...

Christophe Lambert, usa lacinho como em *Greystoke*, kilt e sabre como em *Highlander* ou porta-chaves como em *I love you*, mostra o

mesmo encanto monolítico, o mesmo sorriso de jovencito beato, o mesmo olhar azul-escuro. Quanto a Eddy Mitchell, é espantoso com a sua presença tosca, o seu ar naturalmente estúpido, com o seu enorme talento.

I love you acaba numa praia como *Sonhos de macaco*. Ferreri não con-segue impedir-se de devolver os seus heróis ao elemento inicial, de os embalar no seio do mar (mãe) original. E é bonito. No fim, Michel julga entrever um sublime três mastros ao pôr do sol, tendo à proa uma rapariga bela como a noite. Ele nada, nada para ela que o não vê, o não quer. Há alguém — ou à falta de alguém, alguma coisa — que, nesta terra, saiba amar?

Danièle Heymann

«O Sacrifício» de Andrei Tarkovski

Deus numa noite de Verão

ALEXANDRE, um escritor que também foi actor, retirou-se com a sua família para um lugar deserto da ilha de Gotland: impossível não pensar em Bergman e nos seus filmes insulares, tanto mais que é Erland Joseph que interpreta Alexandre, que foi Sven Nykvist, director de fotografia, quem estudou a luz de uma noite de Verão na época do sol da meia-noite, e que o grupo reunido em torno do escritor é maioritariamente feminino. Além disso, *O Sacrifício* é uma co-produção sueco-francesa.

No seu exílio, Andrei Tarkovski descobre-se no centro das paisagens amiúde perscrutadas por Bergman, que, depois de ter procurado provas da existência de Deus, acabou descrente.

Russo antes do mais, porém, e místico, Tarkovski reabre as portas

fechadas por Bergman, leva até elas as suas próprias obras (Andrei Rublev, *O Espelho*, *Stalker*, *Nostalgia*), instala em Gotland uma datcha onde o tédio o domina e o imobilismo o anestesias como em Tchekov. Na noite de Verão sueca, Alexandre encontra Deus e conclui com ele um pacto para salvar os seus — a humanidade — de uma guerra nuclear misteriosamente anunciada na televisão na própria noite em que é festejado o seu aniversário.

Em 1983, Tarkovski partilhou em Cannes, com *Nostalgia*, o Grande Prémio do cinema de criação (o outro premiado foi Bresson com *O diácono*). Hoje, demonstra-nos, com a riqueza de espírito de *O Sacrifício*, que é possível reinventar o cinema.

No início do filme, Alexandre está junto a um caminhar com o seu filho, a quem chama sempre «Rapazinho».

Este acaba de ser operado às cordas vocais e não pode falar. Alexandre planta uma árvore morta, espécie de planta japonesa, enquanto conta uma lenda sobre a fidelidade: regando regularmente a raiz e acreditando, ela reviverá.

No fim do filme, o Verbo — no sentido cristão — vem concretizar a lenda. Entre aquele início e este fim aconteceram muitas coisas, mas o tempo, em Tarkovski, flui como uma fonte encantada: não o sentimos lento nem longo. Ele enfeitiça. A encenação, série de planos-sequência que privilegiam o espaço, faz com que alguns seres humanos sejam levados ao encontro uns dos outros.

«Rapazinho» aparece e desaparece. Adelaide, a esposa, Marta, a filha mais velha, Victor, amigo da família, Julia, a governanta, dançam um bailado sem compreenderem o amor

que lhes é dado. Otto, o carteiro filósofo, que cita Nietzsche, traz de prenda um mapa autêntico da Europa do final do século XVII. A Europa, farol da cultura e da cristandade, talvez. Os símbolos vêm de uma inspiração vital, de um sopro que se transforma em imagens.

Andrei Kublev, o pintor de ícones do filme e há vinte anos, tinha feito voto de silêncio por um pecado mantido secreto e opunha-se ao sofrimento da humanidade. Ao longo da noite em que pode desencadear-se a catástrofe nuclear, Alexandre, guiado por Otto, vai até ao outro extremo da ilha, a casa de Maria, a criada islandesa que passa por feiticeira benéfica. Maria, do nome da mãe de Deus, cuja bondade é redentora. Ela lava as mãos de Alexandre, recolhe-o em seus braços para o proteger, transforma-se com ele, sob um lençol

— um sudário — um mármore religioso esculpido por Bernino. Graças a ela, Alexandre leva a cabo o necessário sacrifício: destrói os seus bens, vota-se a um silêncio total, renuncia a «Rapazinho», aceita, mesmo, passar por louco.

O lirismo de Tarkovski, mais despojado mas sempre intenso, ilumina por dentro o personagem Alexandre e aquela visão do mundo em que as cores, por vezes, se descolorem, como se o infinito atravessasse a tela do ecrã. A datcha inflama-se, e torna-se num madeiro expiatório a meio de um prado banhado em águas.

Alexandre diz a «Rapazinho» que a morte não existe: só existe o medo da morte, e tudo mudaria se ele deixasse de existir. Tarkovski dedica este filme soberbo a seu rapazinho.

Jacques Siclier

Spielberg: «Não sou um voyeur»

— «The Color Purple», adaptado de um romance de Alice Walker, é um sumptuoso melodrama, representado quase exclusivamente por negros. Enorme sucesso comercial nos EUA desde a sua estreia (90 milhões de dólares de receitas até hoje), ele suscitou críticas antes, durante e depois da sua realização.

— Fui acusado de dirigir um olhar estereotipado sobre a condição dos negros no início do século XX. Não estou de acordo e nunca estive. Os negros que trabalharam em *The Color Purple* propuseram-se espontaneamente, para além do seu trabalho de actores, como guardiões das ideias e dos ideais propostos pelo filme. Realizador branco, foi com eles que exactamente contei para me proteger, exactamente dos estereótipos. A contestação surgiu sobretudo quando da estreia do filme, de um pequeno núcleo de negros chocados com os caracteres masculinos descritos no filme, que julgaram demasiado odiosos. No entanto, eu confinei-me ao romance, amaciando, ainda, algumas das suas descrições. Algumas cenas teriam ficado puras e simplesmente insuportáveis se eu as tivesse extraído, tal e qual, do livro.

Para além da questão negra, se eu escolhi *The Color Purple* foi para dar à mulher o seu lugar — o primeiro — no cinema, que a maltrata e explora desde há decénios. Nos anos 30 e 40, houve lutadoras, mulheres fortes e mesmo dominadoras como Joan Crawford, Bette Davis, Katherine Hepburn... Mas, desde então, um certo chauvinismo masculino veio à superfície.

— A sua heroína, Célia, é uma mulher mas é também uma negra. Quiz você exprimir-se sobre o racismo? Pensará você que toda a gente, incluindo você próprio, é mais ou menos racista?

— O racismo é político, económico, epidérmico... Ninguém pode afirmar «desta água não beberei», não o sentirei nem o sofrerei. Mas o racismo não é o verdadeiro assunto do filme. Desde o início adorei o personagem de Célia, tomei essa mulher nos meus braços, senti-me responsável por ela, quis que ela triunfasse da miséria, da violência, da ignorância, e que escapasse ao seu injusto encerramento.

— Ela mantém o seu humor apesar do desespero...

— É a própria definição da natureza humana. E também a minha fé pessoal. Confesso que sou um optimista. É a minha convicção que nenhuma pessoa neste Mundo, e Célia também não, como nenhum outro personagem, pode sobreviver num sofrimento permanente. É precisa uma espécie de promessa, para se poder existir. O filme não é suficientemente duro? É possível, mas para que ele o fosse ainda mais, alguém que não eu deveria ser o realizador...

Gosto de pensar que não consigo dissimular os meus sentimentos. Pode-se aceitá-lo, ou não. Na minha vida pessoal, sou emocionalmente muito contido, mas, nos meus filmes, sou incapaz de sentir a menor vergonha! Acho que os espectadores precisam de que se lhes ofereça um pouco de ternura — e comunicar-lha faz parte das responsabilidades do realizador, mesmo que seja através de um «Rambo»! Não se trata o público como se de gado se tratasse. É importante falar-lhe, comunicar-lhe os nossos segredos mais profundos.

Este carácter primordial do afectivo, que eu reivindico, é ao mesmo

Steven Spielberg: The Color Purple passou em Cannes no dia 14. A multidão é cada vez maior a visitar os seus gadgets nos estúdios Universal, em Hollywood, mas essa popularidade não tem correspondência na Academia. Os Oscars viraram-lhe as costas. Ninguém consegue distraí-lo dos seus projectos, nem sequer o homem que revolucionou a sua vida: Max, de nove meses. No momento em que o filho nascia, Spielberg filmava o parto... do seu último filme.

tempo a minha fraqueza e a minha força. *The Color Purple* destina-se às pessoas que pensam com o coração. Os outros tomam-me por um idiota, mas isso não tem importância.

— A afectividade que defende manifestou-se durante as filmagens?

— Todos os actores me deram mais do que eu lhes pedi. Eram, na maioria, pouco ou nada conhecidos. Alguns — nomeadamente Whoopi Goldberg, que faz de Célia — nunca tinham trabalhado em cinema. Sentiam-se um pouco perdidos. Decidimos repetir as cenas principais durante duas semanas. Tínhamos de aprender a trabalhar juntos. O drama, para funcionar, tem de desembocar num confronto. Por isso passámos várias dias a avaliar até onde poderíamos ir, até onde poderíamos

puxar pela crueldade das situações, e exprimi-la. Deixei de ser apenas o realizador e passei a ser o psiquiatra que se consulta. Os problemas de uns e de outros serviam de material de construção. Eu dizia a cada um deles: «Se lhes acontecer alguma coisa em casa, contem-na amanhã no estúdio, que pode ser útil». Esta atmosfera de terapia de grupo nunca se tinha desenvolvido em nenhum dos meus filmes, a não ser talvez em *ET*, com as crianças. Havia grandes cenas de lágrimas depois de filmadas certas sequências.

— A lição de sorriso e de beijo que a cantora Shug dá a Célia é particularmente comovente.

— Era uma mera indicação do script, mas eu queria-a absolutamente. Whoopi Goldberg é a actriz mais natu-

ralmente dotada com quem alguma vez me foi dado trabalhar. Tudo o que sentia, tudo o que foi experimentado — incluindo as suas frustrações! — foi-me dando. Eu nunca mais parava de cortar no seu texto (30 por cento antes das filmagens e mais 10 por cento durante). Queria que Célia desse a impressão de ser testemunha da sua vida, que se exprimisse com o seu corpo, as suas atitudes e os seus olhos magníficos. Ela fez-lo tanto e tão bem que, quando a longa cena da revolta chegou por fim, Whoopi Goldberg explodiu literalmente, finalmente a palavra era dela. E ela tomou-a. Tomou-a a sério!

— Você foi muito prudente no tocante ao aspecto homossexual das relações entre Shug e Célia.

— Um outro realizador teria talvez transformado essa relação no tema principal da história. Eu não. Contentei-me com aquele beijo, porque acredito no beijo. Para mim, não há gesto mais importante, mais belo. Beijar, é abrimos os nossos cadeados, abrimos-nos aos outros.

— A sexualidade nunca esteve muito presente nos seus filmes.

— Na verdade, nunca tive grandes oportunidades... Falar de sexo a propósito da caça ao tubarão ou de encontros com exraterrestres... Além disso, é verdade que não sou um voyeur. Se tivesse de filmar duas pessoas a fazerem amor, ficaria ruborizado e voltaria a cara no momento crítico!

— O nascimento do seu filho Max parece ter-lhe dado volta ao juízo.

— Max nasceu no momento exacto em que eu filmava o parto de Célia. Amei chamá-lo ao telefone e disse-me: «Não queres vir para casa e realizar o meu?» Vi nessa coincidência um símbolo, um sinal. Ao filmar o meu primeiro filme «adulto», destinado a provar que eu era capaz de abordar assuntos menos infantis, a infância era-me devolvida, graças a Max.

— Ao que parece, você está mergulhado em trabalho até ao pescoço.

— Há dois anos, produziu-se uma avalanche na minha cabeça, fui assaltado por montanhas de ideias. Ou as sufocava, ou tentava extrair delas qualquer coisa. Decidi, assim, ser produtor, pelo menos durante alguns meses. Pus algumas coisas a andar, *Back to the Future*, *Gremlins*, os *Goonies*, o *Jovem Sherlock Holmes*... Mas não achei a coisa gratificante, afinal. Prefiro dar uma possibilidade às pessoas e deixá-las, depois, trabalhar sozinhas. Não sou um verdadeiro produtor! Gosto mais de passar os fins-de-semana em casa, à espera de que Max seja capaz de ver por um telescópio, para lhe mostrar as estrelas.

— Quais são os seus projectos como realizador?

— Eu costumo trabalhar em três projectos ao mesmo tempo. Se estou numa segunda e terça, fico inteiramente disponível para outro na quarta e na quinta. Trabalho no *Poltergeist*, deixou-me inteiramente livre para ocupar do *ET*. Trabalho no *Back to the Future* não me impediu de avançar com *The Color Purple*. Não sou monogâmico, profissionalmente. O projecto a que estou mais ligado, de momento, é a adaptação de *Schindler List*, de Thomas Keneally. É a história de um industrial católico alemão que está à cabeça de uma empresa onde trabalham mil operários judeus na Polónia. E esse homem, que não tem consciência política particular, vai combater os SS e salvar os seus operários do holocausto.

— A que distância ficaram os saltadores da arca perdida!

— *Shindler List* também é uma aventura!

— «*ET*» custou 10 500 000 dólares, mas rendeu 209 567 000. Diz-se que você ganha um milhão de dólares por dia. Que representa o dinheiro, para si?

— A segurança para a minha família, e a certeza de que poderei mandar Max para um bom colégio! Isso significa, sobretudo, que nunca mais terei de trabalhar por interesse financeiro. É essa a única e verdadeira liberdade. Além disso, ajudo os meus jovens realizadores. Meto dinheiro no Departamento de Cinema das Universidades da Califórnia do Sul. Projecto com George Lucas, construir estúdios nos campus, para dar aos estudantes verdadeiros utensílios profissionais.

— Você consegue moderar os seus orçamentos, manter-se a um nível razoável de despesas?

— Tento ser mais duro comigo próprio do que o seria qualquer estúdio. Assumi essa atitude desde o 1941. Filmado em 1979, o filme foi um desastre comercial nos EUA, apesar de ter custado 26 milhões de dólares. Enquanto o *The Color Purple*, agora, não custou senão 14. No estúdio, filmando o 1941, eu era como um menino mimado, como um general que não escuta nenhum dos seus conselheiros. Perdi um tempo infinito com cada cena. Multiplicava as tomadas de vistas, com o objectivo ridículo, e vão, de atingir a perfeição. Graças a 1941, compreendi que a perfeição tem um sentido na ciência, na tecnologia, na medicina, mas não no cinema, onde a investigação mata o instinto. No cinema, o que é imperfeito pode ser belo.

— Mas continua a interessar-se pelos progressos técnicos?

— Claro. Há um novo processo que me apaixona, ainda muito caro, que está a ser aperfeiçoado por Douglas Turbull. Trata-se de projectar, com um material adequado, filmes de 60-62 imagens por segundo. Resultado, obtém-se directamente um filme em 70mm. A imagem é de uma clareza, de uma pureza assustadora.

— Assustadora porque?

— Nunca mais se poderá tentar fazer crer que Joan Collins tem 35 anos! (N.R.: Joan Collins é a heroína da série *Dinastia* — «*The Color Purple*» obteve 1 nomeações para os Oscars, mas não para o melhor realizador. Afinal, o seu filme não teve nada. Você ficou muito calado a esse respeito.

— Prefiro guardar os meus sentimentos para mim. A Imprensa israelita atribuiu-me declarações muito duras a respeito da Academia de Cinema. Ora, eu nunca falei com nenhum jornalista de Israel.

— Pensa que esta «punição» exprime algum ciúme, por parte dos seus pares, perante o interesse que o público revela pelo seu trabalho?

— A melhor maneira de curar uma decepção é fazer outro filme. Recuso-me a especular sobre o que não aconteceu. Na minha vida, não uso retrovisor.

— Como se imagina a si, a Max e ao cinema no ano 2000?

— Espero que ainda tenhamos vontade de sair de casa. O meu sonho é que haja grandes salas onde as pessoas venham partilhar as suas emoções. Quando já não pudermos ver um filme senão em casa, na Televisão, fechados a sete chaves, penso que a nossa sociedade terá chegado ao fim.

Danièle Heymann



Com Whoopi Goldberg, durante as filmagens de «The Colour Purple»

■ O tema principal de *The Color Purple* não é o racismo, é a mulher

■ Não sou um voyeur. Se tivesse de filmar duas pessoas a fazerem amor, ficaria ruborizado e voltaria a cara no momento crítico

■ Estou habituado a trabalhar em três projectos ao mesmo tempo. Aquele a que estou mais ligado agora é o *Schindler List* de Thomas Keneally

■ Conto, com George Lucas, construir estúdios nas Universidades, para dar aos estudantes de cinema verdadeiros utensílios profissionais

■ Está a ser aperfeiçoada a projecção de 60-62 imagens por segundo. A imagem será de uma pureza, de uma clareza assustadoras. Nunca mais se poderá tentar fazer crer que Joan Collins tem 35 anos!



Paulo Rocha (ao fundo) quando assistente de Jean Renoir (em primeiro plano) em 1961: terá alguma vez passado pela cabeça do mestre demorar oito anos a fabricar um filme e, depois, fechá-lo nas latas?

Vícios privados, públicas presunções

Na última página do «JL» de 12 de Maio, lia-se prosa de Pedro Borges, a propósito da estreia parisiense de *A Ilha dos Amores* de Paulo Rocha. Texto edificante, sobretudo pelas declarações do realizador.

Diz Pedro Borges que encontrou Paulo Rocha sobraçando «um pequeno molho de fotocópias de artigos sobre o seu filme de 1961», retirou, com orgulho, as nove páginas que os *Cahiers du Cinéma* de Maio dedicaram ao filme. Temos portanto que o realizador se encontra com o crítico e lhe fornece bibliografia de que se sente orgulhoso.

Mas à pergunta sobre por que o filme não estreará em Portugal (quatro anos volvidos sobre a sua conclusão e doze sobre a atribuição do subsídio) o que responde Paulo Rocha? Que o seu filme é «anormal» e que precisa de um lançamento especial. E diz, mais, que em Portugal os exibidores não o querem fazer remetendo para o realizador tudo isso.

Aqui o leitor que sou fica um bocadinho inquieto e pergunta: não está disposto o realizador a fazer o lançamento do seu filme? Mas por alma de quem? Por pudor, por preguiça, por instinto de classe, porque se está nas tintas, porque o mais que conseguiria era uns artigos elogiosos no «Expresso», no «Sete», quicá no «Diário de Lisboa» e restante lusa imprensa e isso não dá o orgulho que dão nove-páginas-nove nos *Cahiers*?

Há uns anos, ainda se eternizava o fabrico de *A Ilha dos Amores*, lembro-me de ler, não sei onde, reacções de indignação de Paulo Rocha perante a questão de que um filme não podia demorar uma série de anos a fazer-se. Retorquiu o realizador que Eça também demorara anos sem conta para escrever *Os Maias*. Nessa altura o meu coração deu um pulo, mas travei a mão que se precipitava para o papel sob o íntimo argumento de que era possível que *A Ilha dos Amores* fosse *Os Maias* do cinema. Como a fita nunca mais estreia (e eu gosto pouco de sessões privadas) a dúvida permanece. Mas de uma coisa sei: *Os Maias* foram editados e ainda hoje são lidos por milhares de portugueses. *A Ilha dos*

Amores está nas latas e, por cá, público nenhum lhe pôs a vista em cima.

Aventa o artigo do «JL» que Paulo Rocha tem, porém, planos para a estreia da fita. E adianta que se faria uma exposição no Centro de Arte Moderna que reunisse todo o material de pesquisa elaborado para o filme, assim como o lançamento de um livro com os planos do filme desenhados por João Botelho e a planificação comentada pelo realizador...

Julgava em que este tipo de iniciativas se reservava aos génios com sorte (o Welles nunca teve coisas dessas, o Mizoguchi também não e o Hawks daria uma sonora gargalhada se lhe propusessem tal aparato...) e que mesmo esses não desdenhavam mostrar os filmes em salas vulgares, para o público normal, sem textos de apoio nem caução (pressão) gulbenkiana. Mas Paulo Rocha não quer.

Qual é, no fundo, a questão? É sempre a mesma. O Estado paga filmes e, depois, não exige a sua exibição. Paulo Rocha até já está «divorciado» de *A Ilha dos Amores* e embrenha-se no próximo («O Desejado») para o qual o IPC lhe deu subvenção, em arpejo do normal concurso. É portanto natural que este realizador se desvele em elogios à actual situação. Cito, procurando não me rir: «Nunca se viveu um momento como este, em que se pode dizer que já é possível constituir em Portugal equipas técnicas brilhantes e de nível europeu — técnicos de som, directores de produção, guardaroupas, directores de fotografia, etc. — e muitos dos filmes são já feitos com menos de 50% dos financiamentos vindos do IPC. Dentro de dois anos já não fará sentido um artigo contra a política do IPC. O nosso cinema está neste momento muito mais próximo de um pequeno fórum de exportação de produtos especializados e vai-se integrar na Europa e nas trocas internacionais a esse nível».

Começo por onde, pelas inverdades ou pelas enormidades? Pelas inverdades, seja. Não é certo que em Portugal se possam constituir equipas técnicas brilhantes, toda a gente sabe isso e Paulo Rocha também —, se é que a

longa vilegiatura nipónica não o deixou com os olhos em bico... Eu, por mim, não conto mais do que três bons directores de fotografia, um director de som, um ou dois cenógrafos, outros tantos directores de produção. Não há nenhum montador de grande nível, é kafriana qualquer reconstituição de época por ausência de especialistas na matéria, não há caracterizadores capazes de constituir a mais simples ferida, o mais banal «envelhecimento», para já não falar na ausência absoluta de técnicos de efeitos sonoros, de efeitos especiais visuais, de «dúplos» e de uma quantidade enorme de profissões que o cinema convoca. Temos um único estúdio no estado que se sabe, o laboratório de imagem da Tóbis continua a ter problemas (sobretudo a nível do 16mm), não há um auditório de som onde se possam fazer dobragens com perfeita eficiência, quase toda a gente vai «misturar» a Espanha ou a França, etc. etc. Esta é a realidade que nenhuma euforia pode anular.

Diz ainda Paulo Rocha que «muitos dos filmes são já feitos com menos de 50 por cento dos financiamentos vindos do IPC». Não é verdade. Em primeiro lugar porque em Portugal não se fazem muitos filmes, a produção está até num ritmo escandalosamente baixo (e, em número de estreias, há anos que não se atingia o patamar inferior por onde temos andado...). Depois porque, que se saiba, apenas *Le Soulier de Satin* de Oliveira teve mais financiamentos estrangeiros que do IPC. Parece que Paulo Rocha também os haverá conseguido. Há mais? Há-os em número suficiente para falar em MUITOS? Não há.

Temos, ainda, aquilo que só existe como voto de Paulo Rocha, que o nosso cinema esteja muito mais próximo de um pequeno fórum de exportação de produtos especializados. Se Paulo Rocha me indicar um filme, um filme só, que tenha sido vendido para os circuitos de distribuição europeus, estou pronto a retractar-me. As cedências, por verbas irrisórias, para que um filme se estreie numa salinha em Paris, por amizade, cultural ou não, não contam. Ora Paulo Rocha sabe melhor do

que eu que as (poucas) vendas que o cinema português consegue é para cadeias de televisão e que quando algum distribuidor propõe estreia em salas é por montantes simbólicos, é quase por solidariedade. Paulo Rocha sabe mais: sabe que o IPC quase não faz esforço nenhum de promoção internacional do cinema português, como qualquer pessoa que tenha ido a um festival de cinema o pode testemunhar. Ou seja, Portugal não está a integrar-se coisa nenhuma nas trocas internacionais. Mas o próprio objectivo (visionado) de constituir um pequeno fórum de exportação de produtos especializados é uma enormidade. O que é preciso é fazer filmes para o público português (que os paga), para exhibir em Lisboa, no Porto, em Évora, em Vila Real... Nenhuma cinematografia se impõe exteriormente sem ter ocupado uma parte do seu próprio mercado nacional.

Paulo Rocha engana-se? Não: Paulo Rocha finge. Se conseguir convencer-nos dessa ficção do «fórum», estará justificado que o IPC lhe dê subsídio atrás de subsídio para que os filmes sejam vistos no Japão, por uns poucos milhares de parisienses e pelos críticos dos *Cahiers du Cinéma* que lhes dão nove páginas... E como as coisas se passam lá longe, sempre pode vir dizer que essas exhibições foram um êxito. Se mostrasse *A Ilha dos Amores* no S. Jorge ou no Quarteto a gente contava os espectadores, contabilizava as críticas e, se calhar, muita gente podia começar a fazer cálculos, económicos e culturais... Então, é melhor não estrear o filme em Portugal. Porque, de facto, Paulo Rocha o que quer é ir fazendo fitas, o que quer é gloriázi-nha efêmera de uma entrevista nos *Cahiers*, não quer confrontar-se com o público nos *Cahiers*, não quer confrontar-se com o público, dizer coisas às pessoas, situar-se no interior da comunidade portuguesa. E não me venham com argumentos culturais: um filme nas latas não é cultura, é apenas onanismo, vício privado de quem está privado de amor verdadeiro pelo cinema.

Jorge Leitão Ramos

Mensagens Pessoais

Barco à vela

Vende-se barco à vela c/6,00 m comp., 2,20 m boca, cabinado, casco de madeira, c/ 3 anos, 300 contos. Urgente. Trata, telefone 23 4134 entre 10.00 e 14.00 horas.

Instrumentos

Piano, guitarra eléctrica e banjo americano. Vendo, telefone. 763443 — das 12h às 14h e das 19h às 20h.

Tenda de campismo familiar

Com dois quartos, sala, roupeiro e avançado, 5x3,5 mts, em muito bom estado, apenas com 4 épocas de uso. Bom preço. Telef. 573305 (depois das 20h) ou 578505 — ext. 315.

Tenda estrangeira

Tenda estrangeira a estrear. T. Canad 3 p. 1 só pano impermeável, tecido fabrico especial azul-turquesa, rodapé alto com janela, chão tela preta maleável, armação simples, muito leve. Vendo 16 contos, tel. 570553 — dep. 18h30.

Cama de ferro

Compro cama de ferro, casal, mesmo velha. Tel. 2436221.

Mobiliário de quarto

De quarto, com duas camas iguais, dezoito meses de uso. Boa madeira, castanho e eucalipto. Um roupeiro de 1.80x2 metros em tola. Vendo o conjunto, ou separadamente. Telefonar depois das 12 horas. 898336

Pedras d'El Rei

Alugo apartamento nas Pedras d'El Rei — Tavira, T0, nois meses de Junho, Julho e Agosto, por quinquena ou meses completos. O apartamento já está mobilado e situa-se num aldeamento que tem assegurado todas as infra-estruturas funcionais e de serviços. Informa-se das condições através do telefone 084-22352.

Andar — troca

Troco apartamento duas assoalhadas e garagem, em Benfica, por apartamento 3/4 assoalhadas. Telef. 789418, após 19 horas.

Boticas

Se é natural deste concelho ou de Montalegre e está interessado em participar num projecto jornalístico para a região de Barroso, contacte-nos. Apartado 4011, 1501 Lisboa Codex.

Coleccionadores

Vendo rótulos de garrafas nacionais, estrangeiras, à volta de mil; «revista soviética» desde primeiro número, estado impecável. Contactar das 14 às 19, tel. 664508.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete e nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.